

Convenção Nacional Dos Servidores Pela Volta à Jornada de Seis Horas

Grande parte dos servidores da Universidade do Brasil continua recebendo

vencimentos inferiores ao salário mínimo regional, que é de 9.600 cruzeiros. Esta e

outras denúncias sobre a situação de miséria em que se encontra parcela considera-

vel de funcionalismo foram feitas na reunião dos delegados cariocas à I Convenção Nacional dos Servidores Públicos Federais, Autárquicos, Estaduais e Municipais, que se realizará no Estado da Guanabara, de 7 a 10 do corrente, com a participação de representantes do funcionalismo de todo o Brasil.

se sentido, um trabalhador denunciou a situação existente no Arsenal de Guerra, onde operários especializados na profissão de torneiro, ajustador mecânico, electricista enrolador, etc., quase todos os homens casados e cheios de filhos, foram enquadrados no Plano de Classificação como aprendizes, e situados no nível 1, isto é, com os menores vencimentos.

Os seus vencimentos baixados, porque estão sendo enquadrados como atendentes de enfermagem, por não possuírem o curso e o diploma exigidos; que o Estado jamais facilitou aos seus servidores. O mais grave é que apenas os vencimentos desses funcionários serão reduzidos, porquanto eles continuarão exercendo a mesma função que antes exerciam.

ção com a campanha nacional pela volta ao horário corrido de seis horas. Esse deverá ser, por certo, um dos pontos altos dos debates que travarão na Convenção Nacional dos Servidores.

também amplamente debatido pelos cariocas.

MESA DIRETORA

De acordo com as normas da Convenção, a bandeira carioca resolveu sugerir para compor a Comissão Diretora da Convenção os seguintes nomes: deputado Lydio Hauer, para presidente e Alceu Tavares, para vice-presidente; e Narciso Dias de Oliveira, para secretário da Convenção. O sr. Carlos Taylor da Cunha Mello, presidente em exercício da UNSP, foi eleito líder da bandeira carioca.

A campanha pelo direito de sindicalização para o funcionalismo e pela imediata aplicação do Plano de Classificação e da Lei da Paridade, a luta pela unificação das entidades de previdência dos «barnabês» e pela participação dos representantes dos servidores na direção do IPASE foram

SEIS HORAS

Um dos assuntos de maior evidência na reunião dos delegados cariocas foi o rela-

ENFERMAGEM

Não menos dolorosa é a situação das auxiliares de enfermagem nos hospitais da União, dos Estados, dos Municípios e das autarquias. Segundo esclareceu uma oradora, a grande maioria de homens e mulheres que exercem a profissão de auxiliar de enfermagem no país não possui diploma de auxiliar de enfermagem. E isso pelo simples fato de não existirem cursos suficientes no país. Essas pessoas, que continuarão a exercer a função de auxiliar de enfermagem, te-

OPERARIOS

A delegação carioca reuniu-se no dia 30 de junho passado, na sede do Sindicato dos Bancários, para coordenar as opiniões que serão defendidas na Convenção Nacional. Justificando as teses apresentadas sobre a necessidade de se conquistar o direito de sindicalização para os «barnabês», a fim de que mais rapidamente possam organizar-se e lutar pelos seus direitos e reivindicações foram citados inúmeros fatos, entre os quais o inominável sistema de exploração a que estão sujeitos os operários profissionais. Nes-

A Unidade Dos Ferroviários Desespera os Divisíonistas

Agostinho Dias de Oliveira

Os ferroviários brasileiros travaram grandes lutas contra a aprovação da Lei 3115, que instituiu a Rede Ferroviária Federal S/A. A RFF S/A, foi aprovada devido à frágil unidade entre as organizações dos ferroviários, dentre elas a Federação Nacional dos Ferroviários, a União dos Ferroviários do Brasil e várias associações existentes.

E o papel que desempenha o sr. José Soares, utilizando a UFB, procurando dividir os ferroviários, difamando as suas organizações que lutam de fato, como a Federação Nacional dos Ferroviários e o seu atual presidente, em virtude deste ter sabido soldar os elos de unidade que forjaram as federações dos ferroviários, marítimos, estivadores e portuários na luta pela conquista da Paridade, através da memorável greve de 8 de Novembro de 1960, da qual saíram vitoriosos esses três setores fundamentais da classe operária brasileira.

ferroviários unidos e desfrutando com alegria dos frutos de seu trabalho.

Os ferroviários precisam lutar para que o quadro de funções e carreiras seja aprovado, e que os Estatutos dos Ferroviários seja uma realidade. Já existe um projeto de lei que, não tendo sido aprovado em tempo, se encontra em grande parte superado. Torna-se necessário que os ferroviários realizem mais um Congresso onde possam emendar aquele projeto de Estatuto, a fim de adaptá-lo, às exigências da hora atual.

Diante da luta para desmoralizar as organizações sindicais e seus verdadeiros dirigentes, os ferroviários e os trabalhadores, devem estar vigilantes, desmascarando, na base de fatos, os divisíonistas, denunciando todos os seus falcatruas. Os ferroviários conhecem os srs. Soares, João Estevão, Pires e tantos outros que procuram dividir para servir aos seus patrões. Devemos trazer a luta em qualquer terreno no sentido de conseguirmos a unidade dos ferroviários. So unidos derrotaremos os Soares e todos os demais inimigos da classe.

Os ferroviários ganharam grandes experiências nas suas últimas campanhas e estão em condições de marchar para um conclave onde possam dar um balanço das conquistas obtidas e deveres, a fim de consolidar a sua unidade. Cresce nas ferrovias o número de trabalhadores que, regidos pela C.L.T., poderão travar batalhas que podem servir de exemplos para os demais setores da classe operária.

O trabalho divisíonista e do chantagem que o sr. José Soares realiza, em nome da UFB, pode enganar a alguns ferroviários menos avisados, como vem acontecendo na Leopoldina, no Nordeste e em algumas ferrovias, onde conta com o apoio dos diretores. Para isso ele usa um jornalco de financiamento suspeito, que se intitula «Imprensa Ferroviária» e que destila sua peçonha contra homens que não se prestam aos seus manjões.

Os ferroviários estão prevenidos contra sua atuação. E o exemplo dos ferroviários da Leopoldina que o repudiaram nos escritórios daquela ferrovia e o esperavam nas oficinas, onde ele não teve coragem de se apresentar.

A luta pelas reivindicações mais sentidas dos ferroviários é, nos dias atuais, a bandeira dos sindicatos e associações que se orientam pela Federação Nacional dos Ferroviários. E sua luta deve processar-se em cada ferrovia, por cima dos elementos enganados ou não, que procuram humilhar e dividir os ferroviários. Devemos estar preparados para as futuras batalhas de classe que teremos de travar, não só no setor ferroviário como nos demais setores da classe operária, a fim de ser mantida e ampliada a unidade de todos os trabalhadores na luta pela conquista das suas reivindicações.

Enquanto os sindicatos e associações travavam a luta contra a transformação das ferrovias da União em sociedade anônima, a União dos Ferroviários e a Federação, nessa época dirigida pelos srs. Carvalhinho e Paiva, realizavam um trabalho divisíonista nas concentrações ferroviárias, dizendo que com a transformação das ferrovias em S/A, os direitos dos ferroviários ficariam assegurados.

Este trabalho da UFB e da Federação quebrou a unidade de ação dos ferroviários, que era no momento imprescindível, a fim de garantir os direitos e vantagens obtidos pelos ferroviários, os quais deviam constar na Lei a ser aprovada.

Aprovada a Lei 3115 e constituída a Rede, os ferroviários, através da Federação, (já sob nova direção) dos sindicatos e das associações, procuraram estabelecer a unidade para a ação com a UFB, para continuarem a luta pela consolidação dos direitos e vantagens dos ferroviários, em virtude de a Lei 3115 haver dividido os ferroviários em grupos distintos: os cedidos à Rede, servidores públicos da União, regidos pela Lei 1711; e os ferroviários de empresas em regime especial e os admitidos após a instalação da Rede, regidos pela C.L.T.

A UFB, através de seu eterno presidente, aceitou o acordo proposto e passou a participar da assembleia e reuniões nos sindicatos e, na própria Federação, aceitou, por outro lado, que a Regional da UFB na Central do Brasil, suspensesse a discriminação constante do artigo 13 de seus Estatutos, e permitisse a participação do pessoal da Associação dos Ferroviários da Central do Brasil, em suas assembleias.

Mas, para surpresa dos ferroviários, à medida que se ampliava a luta pelos seus direitos e vantagens, tais como a aprovação do Plano de Classificação, o sr. José Soares rompia o acordo, voltando ao trabalho divisíonista, com discriminação ideológica dentro da própria UFB, proibindo as associações da Associação reunirem-se na sede da UFB, e acabando com as assembleias que ali se realizavam.

Os ferroviários de todo o país precisam compreender que, à medida que avançam e se ampliam a sua unidade e a sua organização, surgem os inimigos de classe, que lutam de forma velada, com subterfúgios, contra o bem-estar dos trabalhadores tramando a sua divisão.

A Declaração Conjunta Brasil-Chile

Após alguns dias de conversações, os ministros do Exterior do Brasil e do Chile, srs. Afonso Arinos e Enrique Ortúzar, assinaram uma declaração conjunta, definindo as linhas fundamentais da política exterior dos dois países, particularmente em relação aos problemas do Continente.

Há na declaração um aspecto positivo: «O Brasil e o Chile — diz o documento — reiteram sua adesão ao princípio de autodeterminação dos povos». Esta é uma atitude que reflete os interesses dos povos americanos, pois a autodeterminação dos países deste continente, hoje especialmente Cuba, se encontra sob a constante ameaça das agressões do imperialismo norte-americano. No momento em que o governo lanque prepara abertamente o povo cubano contra o povo cubano — apesar de ainda tão recente o fracasso da última invasão — é digna de aplau-

sermos que no dia 15 de março deste ano (somente agora — 10 anos depois), Deocleciano moveu um processo contra a Imobiliária São João, visando cobrar os 5 milhões de cruzeiros. Descobrimos também que o advogado que defende a Imobiliária São João é o sr. Dário de Almeida Magalhães, pai do chefe do gabinete do governador Carlos Lacerda. Como se isso não bastasse encontramos no jornal *China Hora* (Guanabara) de 24-4-61 uma fotografia na qual aparece empunhando taças de champagne na sede da CNTI, o governador Carlos Lacerda e Deocleciano, que não teve nenhum escrúpulo em lançar a candidatura do sr. Carlos Lacerda à presidência da República em 1965.

Concluímos nosso discurso no Conselho de Representantes propondo a criação de uma Comissão de Inquérito para apurar esses fatos.

Esta proposição não foi votada quando se votava a Prestação de Contas, pois Deocleciano alegava não permitir aquele ponto da ordem-dia. Levantamos uma questão-de-ordem perguntando a Deocleciano quando seria votada a nossa proposta. A resposta, foi de que ela seria votada na sessão extraordinária do dia 29. No dia 29 Deocleciano, ao terminar a discussão do último ponto da ordem-dia, encerrou a sessão violentamente. Indagamos sobre a votação de nossa proposta e o homenizmo disse que o Conselho não havia sido convocado para aquele assunto. Penso ser desnecessário dizer mais alguma coisa. Apenas quero frisar que o companheiro Dante Pelacani novamente nada falou contra essa imoralidade, apesar de ser ligado a um presidente da República que, prega a moralização, embora envie seus bilhetinhos a Dante, lá no DNPS, pedindo nomeação para seus cabos eleitorais.

O que nos resta fazer, nesse instante é sugerir a todos os sindicatos do Brasil, vinculados ao ramo da indústria, que convoquem assembleias para discutir essa situação, exigindo de suas Federações uma tomada de posição no Plenário do Conselho de Representantes da CNTI, pois a próxima reunião do Conselho é para eleger uma diretoria.

É preciso que os trabalhadores reunidos em assembleias exijam dos demais diretores da CNTI o afastamento de Deocleciano da presidência de nossa entidade máxima, apuram esse desvio de 5 milhões e levem à próxima reunião do Conselho um relatório conclusivo.

Os sindicatos e os trabalhadores não podem mais permitir que suas Federações venham para uma reunião do Conselho de Representantes da CNTI, que custa quase 8 milhões de cruzeiros aos trabalhadores, a fim de, através do delegado eleitor, prestigiar semelhantes bandalheiras.

Não é possível mais assistir ao espetáculo de uma representação da Federação composta de 4 delegados e um deles, o delegado eleitor, contrariando a vontade da maioria dos delegados de sua Federação, exercer o direito de voto contra os interesses de milhares de trabalhadores que pagam aos seus representantes para defender os seus direitos.

Esse é o espetáculo que se processa no Conselho de Representantes da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias.



A MESA Na foto, frente da mesa que dirige os trabalhos da Convenção dos barnabês cariocas. Falando, vemos o agrônomo Carlos Taylor, um dos líderes do funcionalismo público.

A Revelação Dos Falsos Líderes na Reunião do Conselho da CNTI

Deputado Hércules Corrêa dos Reis Representante da Federação dos Têxteis da Guanabara e do Estado do Rio

Os diretores de entidades sindicais de trabalhadores e os trabalhadores industriários precisam exigir a prestação de contas das atividades da CNTI, particularmente agora, depois da reunião do Conselho de Representantes, realizada nos dias 27, 28 e 29 de junho último.

Nesta reunião, da qual participaram 52 Federações, com um total de 208 delegados, vários assuntos foram discutidos, entre os quais destacamos os seguintes: posição da CNTI no III Congresso Sindical Nacional, empréstimo de 8 milhões de cruzeiros da Comissão de Imposto Sindical à CNTI e a posição da CNTI em face da Lei Orgânica da Previdência Social.

A apreciação da conduta de cada dirigente e de cada Federação na discussão e votação desses assuntos é de fundamental importância para o proletariado.

Quando se discutia a Relatório das Atividades da Diretoria da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias, ocupamos o microfone para falar sobre a

Declaração de Princípios, da CNTI, que, segundo a opinião de Deocleciano de Holanda Cavalcanti norteou a orientação da diretoria no III Congresso Sindical Nacional. Na referida declaração existe um trecho que diz: «A política sindical das signatárias pode ser definida em uma frase: Desencalçar as chinelas da política, da religião e da ideologia às portas das entidades sindicais».

A conduta da CNTI no III Congresso Sindical Nacional foi de profunda incoerência com essa definição por ela adotada. Ao retirar-se do III Congresso nada mais fez a CNTI, além de manter-se fiel à sua posição política e ideológica.

Em verdade, as divergências no III Congresso não eram programáticas e sim quanto à estrutura do movimento sindical. Nenhuma entidade, dirigente ou delegado sindical reivindicaria o programa reivindicatório do III Congresso. Toda a discussão era voltada no sentido de saber-se que estrutura sindical comportava a execução da

quele programa. É claro que a própria vida vem provando que a estrutura sindical vertical (formada de sindicatos, Federações e Confederações isoladas e estanques) dificulta a mobilização do proletariado para ações vigorosas em defesa de reivindicações gerais como a lei de greve. Ao contrário, a estrutura sindical horizontal, a nova estrutura que, vem surgindo, que se expressa pelos Conselhos Sindicais, Pactos, Comissões Permanentes e Forum Sindical, é aquela que vem permitindo a maior mobilização do proletariado na luta pelas suas reivindicações comuns.

Foi contra esse tipo de organização que se insurgiram as Confederações que saíram do III Congresso. A quem favoreceu essa conduta da CNTI? Ao patronato ou ao proletariado?

Tudo isso, e com essas palavras, dissemos na reunião do Conselho da CNTI, frente a frente com Deocleciano e demais diretores, e concluímos com uma proposta que pedia a retirada do Relatório das Atividades da Diretoria, da chamada «Declaração de Princípios» com o que ficava condenada a conduta da CNTI no III Congresso. Vo-

taram por essa proposta, consequentemente contra a retirada da CNTI do III Congresso, as seguintes entidades: do Estado de São Paulo — Federação de Fiação e Tecelagem, de Alimentação, Químicos, de Vidreiros; do Estado de Minas Gerais — Federações de Fiação e Tecelagem, de Indústrias Extrativas, do Vestuário; do Estado de Santa Catarina, a Federação da Construção e Imobiliária; Federações dos Trabalhadores de Sergipe; Federação dos Trabalhadores do Espírito Santo; Federação dos Trabalhadores da Paraíba; Federação dos Trabalhadores do Rio Grande do Norte; Federação dos Metalúrgicos do Estado do Rio e a dos Metalúrgicos do Rio Grande do Sul; Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Paraná; Federação do Vestuário da Guanabara; Federação do Couro e Curtume e Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas.

Como se vê, somente 18 Federações votaram contra a posição de Deocleciano no III Congresso. Entre as Federações que votaram contra não se inclui a Federação Nacional dos Gráficos, cujo presidente é Dante Pelacani, conhecido por suas ligações com o presidente Jânio Quadros. Pelacani não disse uma palavra sequer contra a conduta de Deocleciano e demais diretores que se retiraram do III Congresso.

É importante essa observação, pois Dante Pelacani é do Departamento Nacional de Previdência Social, eleito com o prestígio de Deocleciano e que agora se apresenta como candidato à direção da CNTI.

Não resta dúvida de que essa discussão no Conselho de Representantes mostrou a posição pública de cada Federação e de vários dirigentes sindicais.

Na discussão sobre o empréstimo de 8 milhões de cruzeiros que, segundo diziam os jornais, a CNTI havia feito à Comissão de Imposto Sindical, provamos perante o Conselho de Representantes o seguinte:

1) Esse empréstimo foi entregue a Deocleciano de Holanda Cavalcanti em 1952 com a aprovação do Conselho de Representantes da CNTI.

2) Que Deocleciano desrespeitou a decisão daquele Conselho e até hoje não contabilizou aquele dinheiro nas Previsões Orçamentárias ou nas Prestações de Contas;

3) Que dos 8 milhões, a CIS reteve 3 milhões no Banco do Brasil e 5 milhões Deocleciano entregou à Imobiliária São João Ltda., cujo diretor-presidente era o sr. Joaquim Inojosa de Andrade, conselheiro da CIS;

4) Que na época em que foram entregues os 5 milhões ao sr. Inojosa, este apresentou como garantia um terreno que não estava escriturado por não estar pago, e que com esse dinheiro foi promovida a regularização do terreno;

5) Que em 1955 Deocleciano apresentou à CIS um plano de amortização das dívidas da CNTI, incluindo os 5 milhões que ele entregara ao sr. Inojosa, mesmo sem ter contabilizado a referida quantia nos balanços da Confederação;

6) Que em 9 de março desse ano Deocleciano pediu à CIS o cumprimento daquele plano reincidindo em querer incluir como dívida da Confederação os 5 milhões de cruzeiros que ele entregou ao sr. Inojosa e que nunca chegaram aos cofres da CNTI.

As Dispensas na FNM

José Lellis da Costa Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara

Toda a opinião pública tomou conhecimento, através dos jornais e emissoras de rádio, de que a Fábrica Nacional de Motores dispôs de suas atividades, nos últimos dias do mês de junho, 477 operários, estando ainda 200 com um prazo de 90 dias para terem também seus destinos decididos.

Como deve ser do conhecimento de todos, a referida empresa metalúrgica se distingue como a pioneira do ramo da indústria automobilística, sendo sua principal produção os caminhões e FNM, muito disputados no mercado, em face de sua comodidade e potência, apesar de custarem mais de 2 milhões de cruzeiros. Ultimamente vem a FNM construindo também os automóveis JK, cuja produção não está encamando, apesar de se venderem a preço de custo.

A atual administração afirma que a anterior fazia da firma um cabide de emprego, mas o que causa estranheza é que também agora, enquanto despede por uma porta, tantos chefes de famílias, por outra porta, contra novos empregados. Não será um novo escabêdo de emprego? Se a firma tem atualmente 4 mil empregados e o plano de expansão visa colocar 8 mil, por que não colocou os 477 mais os 200 a trabalhar nessa parte da expansão, em vez de jogá-los na rua para admitir outros? Isso, naturalmente, provoca dúvidas no público sobre as alegadas «medidas de moralização».

Justamente para tentar demover a direção da empresa de tão injusta medida, lá estivemos com outros companheiros da diretoria do sindicato, juntamente com os representantes do Conselho Sindical e da Comissão de Salários que ali atuam, sem que, no entanto, nossas opiniões fossem levadas em consideração.

Como todos sabem, a FNM é uma empresa de capital misto, na qual o Estado tem 33% do capital, a Alfa Roméo 13%, pertencendo o restante a empresas particulares. Entendemos que uma empresa de tal monta deve caminhar para ser totalmente nacionalizada, e não aparecer perante a opinião pública com tais medidas,

que não a distinguem de uma empresa particular qualquer.

Em nossa opinião, são as seguintes as principais causas da dispensa em massa de operários da FNM: 1) O regime capitalista em que vivemos. É um regime desumano. Tudo nele está subordinado à obtenção dos grandes lucros, baseados na exploração do homem, principalmente da classe operária. Mesmo sendo uma empresa de capital misto, a FNM emprega os métodos de exploração capitalista.

2) A falsa política de «austeridade» e «moralização» do atual governo que, enquanto permite que uma minoria de privilegiados consiga lucros cada vez maiores, inclusive por meio de negociações e especulações com as que são feitas com as Letras de Importação, criadas pela Instrução 204 da SUMOC, lança sobre as costas dos trabalhadores o peso das dificuldades criadas pela orientação entreguista e reacionária tanto de JK como de JG. A «austeridade» que o sr. Jânio Quadros leva à prática atinge os trabalhadores e as camadas pobres da população: ora com as dispensas em massa, ora com o aumento do custo de vida, ora com novos horários de trabalho, ora com a perseguição e as ameaças aos movimentos reivindicatórios dos que vivem de salários e vencimentos.

Para pôr fim a tais descalabros é que se faz indispensável a resistência organizada dos trabalhadores, nos locais de trabalho e em torno de seus sindicatos. Os trabalhadores não podem submeter-se a tais arbitrariedades e a decisões tão desumanas. Têm que lutar com o maior vigor, certos de que, unidos, podem alcançar a vitória. Mas, ao mesmo tempo, não basta a resistência de um ou outro setor, pois o que está em jogo é, antes de tudo, o conjunto da política aplicada tanto pelo atual governo como pelos governos anteriores. Unidos às demais forças patrióticas e progressistas, os trabalhadores defenderão os seus direitos e o seu futuro na medida em que lutarem por um Brasil completamente independente, com um governo que tome o verdadeiro caminho do progresso no interesse das massas trabalhadoras e populares.

Sabemos que foram exatamente os trabalhadores, através de suas lutas reivindicatórias à base de um processo de crescente organização e unidade, e graças ao seu alto espírito de vigilância e preocupação pela empresa, os primeiros a ter a coragem cívica de denunciar as

JÂNIO: 5 MESES DE GOVÊRNO CONTRA O POVO

AS PROMESSAS DO CANDIDATO E A REALIDADE

Atentado às Liberdades e Desrespeito à Constituição

"Respeitarei as liberdades... a Constituição... A Democracia... O direito de greve é legítimo, eu o respeitarei" As declarações do candidato Jânio Quadros foram suas. A política do presidente é outra. Em cinco meses de governo, os atentados à liberdade e à Constituição praticados pelo sr. Jânio Quadros são da maior gravidade. Consciente de que o esquema econômico-financeiro que impôs ao país é de conteúdo antinacional e anti-popular, procura garantir a sua aplicação através de uma política de repressão policial e de intimidação das massas populares.

carem uma intervenção ilegal naquele Estado, ensaio dos métodos que o governo pretende empregar contra os legítimos movimentos de reivindicação popular.

A intervenção no Recife juntou-se às medidas tomadas no sentido de cercar a liberdade de imprensa. A invasão do jornal sergipano Folha Popular, a suspensão da Rádio Jornal do Brasil, o decreto-rolha "regulamentando" o funcionamento de rádio e de televisão e, nos últimos dias, a retirada do ar da Rádio Difusora de Niterói são fatos marcantes da orientação governamental nesse terreno.

Além do mais, também através de sua política econômica o sr. Jânio Quadros criou novas restrições à imprensa escrita. O aumento do preço do papel criou sérias dificuldades a muitos pequenos jornais e, recentemente, a extinção para os jornais de franquias tarifárias para a remessa por via aérea provocaram tal aumento de preço (57% em dois meses), que a circulação nacional da maior parte dos jornais ficou impossível. Os acontecimentos do Recife demonstraram o grau

de violência que o sr. Jânio Quadros quer utilizar contra o povo. Viou a Constituição Federal autorizando a intervenção militar em Pernambuco, durante a qual houve mais de 70 mortes legais, além de um processo-farsa contra jornalistas e líderes populares pernambucanos. Imperou em Recife um verdadeiro regime de silêncio: os jornais e estações de rádio e televisão foram submetidas à mais severa censura e todas as informações destinadas ao resto do país eram controladas.

O regime de violência estendeu-se também ao campo. As declarações do sr. Quadros sobre uma pretensa legalidade das Ligas Camponesas foram seguidas de atentados militares contra as Ligas na Paraíba. Nesse Estado, soldados no exército invadiram casas e dirigiram da Liga Camponesa de Sapé, realizando atos terroristas contra os mesmos.

CARESTIA, VIAJA A JACTO NO GOVÊRNO DE JÂNIO

As promessas foram diversas e variadas durante a campanha eleitoral. O então candidato Jânio Quadros anunciava pousadamente que a política econômica que iria aplicar quando estivesse no governo seria um ponto final à elevação do custo de vida e melhoraria a situação das classes trabalhadoras com a adoção de uma política salarial mais realista.

O presidente Jânio Quadros contou uma outra história quando anunciava ao povo brasileiro a Instrução 204: prometia então como consequência da mesma, apenas um aumento de 2% no custo da vida e acrescentava que os sacrifícios decorrentes da mesma seriam distribuídos equitativamente por toda a população. A história verdadeira, entretanto, desses 5 meses de governo do sr. Jânio Quadros, no que se refere ao custo de vida, é contada de outro modo pela estatística.

Os dados globais referentes à Guanabara e a São Paulo revelam que a carestia se agravou nos meses de janeiro e abril de 1961, em relação

O sr. Jânio Quadros completou cinco meses à frente do governo brasileiro. Segundo as promessas que fez na campanha eleitoral, já era tempo para o povo sentir os resultados da "mudança" anunciada. Mas as promessas não passavam de palavras. A realidade é outra, dura e difícil para as grandes massas. A carestia aumenta cada dia que passa, a moeda se desvaloriza, as violências se sucedem e a corrupção, contra a qual o sr. Jânio Quadros prometia adotar medidas as mais rigorosas, está aí campeando, apenas com uma mudança — são outros os beneficiários.

O povo brasileiro já pôde aprender bastante nesses cinco meses. A vida diária, a realidade enfrentada pelo povo mostra que as ilusões de uma boa parte da população — aqueles que acreditavam nos discursos do candidato udenista — não tinham fundamento. As mudanças anunciadas por Jânio ai estão — nos armazéns, nas feiras, na greve de Recife, nos camponeses torturados e no entreguismo ao FMI.

Inflação aumentou: só o Povo Paga "Sacrifício"

Em seus discursos eleitorais, o sr. Jânio Quadros prometeu acabar com a inflação e elevar o padrão de vida das massas, através de medidas como a redistribuição das rendas, a limitação dos lucros, a regulamentação da remessa de juros pelas empresas estrangeiras e a realização de reformas agrária, etc.

Entretanto, nesses cinco meses de governo tudo se passou ao contrário: — A emissão de papel-moeda aumentaram escandalosamente. Segundo os próprios dados oficiais (Suplemento Econômico de O Estado de São Paulo, 27-6-61), foram emitidos de janeiro a maio deste ano, 33,5 bilhões de cruzeiros (outra 6,1 bilhões de cruzeiros no mesmo período do ano anterior). A guitarra das emissões funcionou, portanto, como em nenhuma outra época.

— A desvalorização do cruzeiro atingiu nesses cinco meses a um nível jamais alcançado antes. A reforma cambial exigida pelo Fundo Monetário Internacional e logo posta em prática pelo atual governo, aviltou basicamente o cruzeiro, aumentando o custo de vida. Os salários e os vencimentos do sr. Jânio Quadros saltaram a prometida valorização, vão hoje muito menos do que valiam no começo do ano.

— O sr. Jânio Quadros prometeu "democratizar" a renda, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. A realidade, porém, é que a anunciada política de "austeridade econômica" se atingiu os pobres: os salários se desvalorizam os preços se elevam e o desemprego ameaça converter-se em calamidade. Enquanto isso, crescem as forças dos reducidos grupos beneficiários da "austeridade". São os lucros resultantes da especulação com as Letras de Importação — criadas pela Instrução 204 da SUMOC — alcançavam, em maio de junho, a mais de 10 vezes os preços de julho de 1960. Este é o "sacrifício" imposto pelo governo aos seus súditos milionários. Entretanto, na campanha eleitoral (discurso de Recife),

o sr. Jânio Quadros afirmava que se eleito, garantiria ao trabalhador, crescente participação no incremento do produto interno bruto, a fim de que ele se beneficiasse integralmente dos frutos do desenvolvimento econômico. Portanto, como se vê, a realidade desmentiu.

No manifesto em que anunciou as diretrizes do seu governo, o sr. Jânio Quadros prometeu "desoligar a remessa de rendimentos" e a forma imoderada, irracional e intermitente, e se constituiu num FATOR PERMANENTE DE DESCAPITALIZAÇÃO E SANGRIA DE DIVISAS. Não só isso, mas o sr. Jânio Quadros insiste em manter todos os interesses privilegiados de sua gema o capital estrangeiro no Brasil e, mais ainda, amplia esses privilégios ao tomar mais graves as discriminações contra a indústria nacional (aumento de custos e por em prática as receitas do Fundo Monetário Internacional, que em nota oficial (Jornal do Comércio, 15-4-61) declarou ter "aprovado as alterações" introduzidas pelo sr. Jânio Quadros na política de câmbio de nosso país.

PROMETIDA REFORMA AGRÁRIA É PERSEGUIÇÃO ÀS LIGAS

"Não vejo metas que cuidam do homem do campo" — declarou o candidato Jânio Quadros, prometendo para o seu governo uma "nova política" visando à "valorização" deste homem do campo tão abandonado e tão sofrido. Assistência aos camponeses e reforma agrária foram "slogans" vastamente utilizados pelo candidato.

Cinco meses de governo mostram o que é a "nova política". O presidente Jânio Quadros investiu contra as Ligas Camponesas. Afirmou em entrevista coletiva que o movimento dos lavradores e trabalhadores agrícolas pernambucanos é ilegal, embora na campanha eleitoral tenha insistido em levar a Cuba, ao seu lado o deputado Francisco Julião. Logo depois de suas declarações, tropas do exército sediadas na Paraíba praticaram violências em Sapé, invadindo casas de camponeses e prendendo os diretores da Liga existente naquela região. Durante os acontecimentos do Recife, tropas federais realizaram prisões de dirigentes camponesas das Ligas pernambucanas, procurando criar um clima de terrorismo contra os camponeses.

neses e prendendo os diretores da Liga existente naquela região. Durante os acontecimentos do Recife, tropas federais realizaram prisões de dirigentes camponesas das Ligas pernambucanas, procurando criar um clima de terrorismo contra os camponeses.

No que se refere à adoção de medidas concretas para encaminhar a prometida reforma agrária, o sr. Jânio Quadros limitou-se a constituir um Grupo de Trabalho, entregando a sua presidência ao sr. Milton Campos, representante de primeira linha do conservadorismo. Pois, precisamente esse grupo presidido pelo senador Milton Campos é que vai elaborar o projeto de "Estatuto da Terra", com que o dr. Jânio Quadros pretende desviar as massas camponesas da luta por uma Reforma Agrária de verdade.

de transporte de mercadorias através do mais rápido meio de comunicação entre as diversas regiões do país, dificultando sobremaneira a sua utilização e prejudicando assim o intercâmbio entre os grandes centros do sul do país e as regiões mais afastadas. O governo já anuncia, para agosto, um

de transporte de mercadorias através do mais rápido meio de comunicação entre as diversas regiões do país, dificultando sobremaneira a sua utilização e prejudicando assim o intercâmbio entre os grandes centros do sul do país e as regiões mais afastadas. O governo já anuncia, para agosto, um

de transporte de mercadorias através do mais rápido meio de comunicação entre as diversas regiões do país, dificultando sobremaneira a sua utilização e prejudicando assim o intercâmbio entre os grandes centros do sul do país e as regiões mais afastadas. O governo já anuncia, para agosto, um

de transporte de mercadorias através do mais rápido meio de comunicação entre as diversas regiões do país, dificultando sobremaneira a sua utilização e prejudicando assim o intercâmbio entre os grandes centros do sul do país e as regiões mais afastadas. O governo já anuncia, para agosto, um

Produto	Preços em 31/1/61	Preços em 30/6/61
Leite	21,00	23,50
Pão (bianca)	8,00	11,50
Macarrão	33,00	37,00
Ovos (dz)	80,00	105,00
Gás de bôlão	310,00	530,00
Gasolina	10,20	17,32
Farinha de trigo	22,50	38,50
Felção	26,00	40,00
Café	44,00	56,00
Manteiga	320,00	432,00
Arroz	32,00	45,00

Além desses itens assinalados pela tabela, aumentos significativos verificaram-se nos medicamentos (de 70% a 100%); tarifas de energia elétrica, 27,6%; queijos, 41,6%; legumes e verduras, com variação de 30 a 70%.

OS «SACRIFICADOS»

A política de "divisão dos sacrifícios" anunciada pelo sr. Jânio Quadros só tem uma vítima: o trabalhador. Este arca com todos os ônus decorrentes do pretendido "saneamento" das finanças nacionais. Seu salário se desvaloriza cada dia que passa em virtude das decisões presidenciais. Primeiro, com a desvalorização do cruzeiro; segundo, com o aumento indiscriminado do custo de vida; terceiro, com a inflação que ele prometeu acabar e não acabou.

Realizarei uma política salarial realista... Não permitirei que o aumento desenfreado dos ordenados desestimize a iniciativa da indústria. As declarações presidenciais revelam um outro aspecto da sua política de "austeridade": o combate às justas reivindicações dos trabalhadores, através inclusive da ameaça de repressão policial a mais violenta, para conseguir o congelamento de salários preconizado pelo FMI. A orientação do governo, nesses primeiros 5 meses, além das dificuldades já assinaladas, levou tal insegurança a certos setores da

A TABELA DA FOME

Trocando em milhões, os 5 meses do governo Jânio Quadros, no que se refere ao combate à carestia e à estabilização dos preços prometida, apresenta o seguinte quadro:

Preços em 31/1/61	Preços em 30/6/61
21,00	23,50
8,00	11,50
33,00	37,00
80,00	105,00
310,00	530,00
10,20	17,32
22,50	38,50
26,00	40,00
44,00	56,00
320,00	432,00
32,00	45,00

CORRUPÇÃO NÃO ACABOU, MUDARAM OS GRUPOS

A luta contra a corrupção foi sempre uma das principais bandeiras agitadas pelo sr. Jânio Quadros. Os fatos demonstram, no entanto, que se houve alguma mudança com o novo governo não foi no sentido de acabar com a corrupção, mas de afastar do Poder um grupo de corruptos em benefício de outro grupo.

O escândalo do contrabando, misteriosamente desaparecido do cartaz, envolvendo figuras colocadas nos mais altos postos do atual governo, amigos da confiança e intimidade do sr. Jânio Quadros, é o caso do sr. Pedroso Horta, ministro da Justiça, e Emilio Carlos, líder do PTN e candidato derrotado do sr. Jânio Quadros à Prefeitura de São Paulo.

A "moralização" das instituições de previdência social, que o candidato Jânio aproveitou como um de seus pratos preferidos, não passa de uma grossa simulação. Ainda em junho, os representantes dos empregados e dos empregadores nos SAPS (previdência), antes de ser decretada a intervenção naquele órgão, que os ministros do Trabalho, da Indústria Nacional, que o fantasma do desemprego já se transforma em realidade. Na indústria privada já se verificou a demissão de milhares de operários, principalmente nas empresas automobilísticas. No setor estatal, houve a paralisação das obras de construção de Brasília, ameaçando levar ao desemprego mais de 20.000 candangos, a demissão de trabalhadores da Cia. de Alcatris, a recente dispensa de 470 trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores e a ameaça de dispensa de centenas de outros, além do golpe dos dois expedientes aplicado contra o funcionalismo federal. Este golpe, além de provocar uma desvalorização dos vencimentos dos servidores federais, tinha como objetivo principal provocar o afastamento voluntário de milhares de outros das funções públicas.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

O pão vai para 60 cruzeiros e a gasolina para 21, anunciou o próprio ministro da Fazenda, ao falar sobre os critérios da Instrução 208. Ainda segundo o sr. Clemente Mariani, haverá "um pequeno aumento global do custo da vida".

Não é fácil saber-se o que signifique para o sr. Clemente Mariani um pequeno aumento global do custo da vida. Homem ligado à plutocracia paulista e aos interesses e fortes grupos econômicos da Bahia, o que pode ser para o sr. Mariani, que mantém existência abastada, um pequeno aumento global do custo da vida, pode também representar para muita gente o desespero.

Representa a Instrução 208 mais um passo na rotina cambial iniciada pela 204. A 204 provocou protestos. Chegou a golpear sensivelmente o prestígio do sr. Jânio Quadros. O presidente da República, sem dúvida, percebeu isso. Prossegue, porém, no caminho que conduziu a um agravamento da carestia e da impopularidade de seu governo.

Por que prossegue sr. Jânio Quadros nessa caminhada? O sr. Jânio Quadros segue por esse caminho, ao que tudo indica, devido aos compromissos com que chegou ao governo. São os compromissos que o prendem à política do Fundo Monetário Internacional, que o obrigam a seguir uma orientação contrária aos interesses nacionais, a uma orientação cujas consequências imediatas já estão, com a marcha sobre a carestia.

Como procurou o ministro da Fazenda explicar o pequeno aumento no custo da vida, isto é, o pequeno aperto no laço que prende o pescador do enforcado? Aos que tentam fazer novos furos no cinto, a fim de apertá-lo ainda mais, o sr. Clemente Mariani promete uma alteração do sistema cambial que restabelecerá o crédito externo. Haverá também mais disciplina no mercado interno, o que apresentará imensa vantagem para os domos de casa que tentam que fazer, em lugar do milagre da multiplicação dos países, um outro milagre mais difícil o da multiplicação dos milagres e cada vez mais desvalorizados cruzeiros dos acordamentos mirins.

Durante a campanha eleitoral, quando se dizia que corriam rios de dinheiro para a sustentação do candidato da vassoura, muita gente alimentava dúvidas a respeito da origem da dinheirama derramada para levar o sr. Jânio Quadros ao poder. O resultado já está.

Nota Econômica

José Almeida

Encerrou-se sábado último o VIII Período de Sessões do Convênio Internacional do Café, realizado nesta Capital. O Convênio Internacional do Café é um compromisso firmado em setembro de 1959 entre os principais países produtores, os qual posteriormente aderiram também quase todos os pequenos produtores, com a principal finalidade de estabilizar os preços do café (pelo disciplinamento da oferta). Esses preços de há muito vêm em acentuado declínio no mercado internacional, tendência, aliás, que caracteriza os demais produtos primários. Atualmente, além do Brasil, que é o grande produtor mundial, são signatários do Convênio os seguintes países: Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Portugal (por suas colônias, principalmente Angola), o Reino Unido (por Quênia, Tanganica e Uganda), a República Dominicana, a Venezuela, a França (pelas colônias francesas produtoras de café) e mais as novas repúblicas africanas: Camarões, Centro-Africana, Congo, Costa do Marfim, Daomé, Gabão, Malgaxe e Togo.

Tratando-se de um compromisso para estabilização de preços, sua fragilidade torna-se evidente, levando-se em conta que nenhum dos grandes países consumidores — que são, ao mesmo tempo, os mais fortes países imperialistas — aderiu, até aqui, ao Convênio. Isso não é casual, mas decorre do fato de que há países que ganham com o aviltamento dos preços dos produtos primários. Segundo se pode ler no Anuário do Bureau Panamericano do Café, publicado em 1960, registra-se de ano para ano um aumento no volume do café negociado no mercado internacional, e, ao mesmo tempo, diminui o valor correspondente. Assim, em 1958, por exemplo, foram vendidos 38,4 milhões de sacas de café no comércio internacional por 2 bilhões e 415 milhões de dólares; em 1960, para um maior volume vendido — 48,1 milhões de sacas —, o valor auferido não foi além de 1 bilhão e 842 milhões de dólares. Desta maneira, para um aumento de 23,7% no volume, operou-se uma redução de 23,7% no valor. Em outras palavras, se não tivesse havido redução dos preços, os países produtores de café teriam recebido a mais por suas vendas aos países imperialistas cerca de 900 milhões de dólares, somente em 1960.

E por que tão grande queda nos preços? Acaso por que estavam altos? Nada disso,

O Convênio dos Potes de Barro

Como bem afirmou o delegado de El Salvador na reunião recém-encerrada, esse o café nascesse nos campos da Escócia, França ou Detroit não custaria apenas 30 centavos a libra-peso, mas 5 dólares os mais". Este é que é o ponto básico da questão: o café nasce nos campos dos países subdesenvolvidos, mas é consumido principalmente pelos países imperialistas, que são, também, os que controlam o comércio internacional do produto, através dos seus monopólios. Efectivamente, como se poderá pensar em estabilização dos preços de café, quando os Estados Unidos, que consomem mais de metade do café exportado pelos países produtores, recusam-se a aderir ao Convênio? A reunião que acaba de realizar-se nesta Capital, esteve também presente um representante do governo norte-americano, sr. Werner Blumenthal. Em declarações à imprensa, sobre uma proposta no sentido de que os Estados Unidos estabelecessem uma paridade entre o preço do café e os preços de produtos industrializados, argumentou com uma série de dificuldades. Entre outras objeções levantou esta: esse tal sistema fosse adotado para o café, os setores de outros produtos reivindicariam tal tratamento, o que tornaria o problema ainda mais complexo, evoluindo para a absoluta inviabilidade. Como quem diz: não podemos renunciar à nossa política de expansão dos países subdesenvolvidos... E, em face de fatos concretos, como este, que se pode avaliar a sinceridade dos governantes norte-americanos, quando manifestam sua "preocupação" diante do aviltamento dos preços dos produtos primários.

Seria completa ilusão esperar dos países imperialistas outra conduta. A flutuação dos termos de troca, em geral, contra os países subdesenvolvidos, é uma das fontes de enriquecimento dos países imperialistas. Até mesmo um órgão como o GATT, criado para servir a este último grupo de países, vê-se na contingência de reconhecer que em três anos — entre 1956 e 1959 — a Europa Ocidental ganhou 2,6 bilhões de dólares e os Estados Unidos nunca menos de 700 milhões, em decorrência de trocas não equivalentes com os países subdesenvolvidos.

Embora o Convênio tenha o mérito de congregar os países produtores (é sempre melhor alguma defesa do que nenhuma), nunca poderá atingir o objetivo da estabilização dos preços, se a ele não aderirem também os países consumidores. Até lá continuará sendo um convênio de potes de barro.

Niterói: 5000 Trabalhadores Nas Ruas Protestam Contra Violências de Jânio

NITERÓI, julho (do Correspondente) — Os trabalhadores de Niterói e São Gonçalo, convocados pelos dirigentes dos Conselhos Sindicais do Estado do Rio e da capital fluminense, e ainda pelo Sindicato dos Operários Navais, saíram às ruas, no dia 4, para protestar contra os atentados às liberdades e à democracia praticados pelo governo Jânio Quadros.

Mais de 5000 trabalhadores das duas cidades participaram da manifestação, que teve como ponto Niterói. Realizou-se uma grande passeata pelas ruas centrais da capital do Estado do Rio e, em seguida, concentração diante da Assembleia Legislativa Estadual. As faixas e cartazes expostos pelos manifestantes, além dos discursos pronunciados na decor-

A CONCENTRAÇÃO

Depois da passeata pelas ruas centrais de Niterói, a enorme massa de trabalhadores se concentrou diante do edifício da Assembleia Legislativa, sendo recebido por uma comissão de deputados. Na ocasião, fizeram uso da palavra o presidente da Casa, parlamentar José Janotti, os deputados Palmir Silva, líder do PTB, Acio Nanci, líder do PSP, José Sáiz, do PSD, e João Fernandes, do PSB. Falaram também numerosos líderes sindicais.

A Ideologia do Colonialismo

Rui Facó

Talvez sejam estudos elaborados inicialmente sem a intenção de integrarem uma unidade, estes que formaram agora a Ideologia do Colonialismo, do professor Nelson Werneck Sodré (1). Mas o importante é que, estudando a obra de escritores e publicistas brasileiros de épocas diversas, o autor nos mostra como falsas teorias, concepções errôneas e teias absurdas foram transplantadas para o nosso ambiente cultural e exerceram pernicioso influência entre nós. Exerceram e continuam a exercer.

O trabalho que abre este volume é o que há de melhor até hoje sobre Azere-

do Coutinho, embora se tenha a lamentar não abranger outros aspectos de sua obra e de sua vida, que o autor revela conhecer bem. Mas temos aí uma síntese magnífica da ideologia de uma classe e de uma época do Brasil anterior à independência. Azeredo Coutinho era o conciliador de interesses opostos entre setores das classes possuidoras do Brasil e os colonizadores portugueses. E, analisando o seu papel neste sentido, o professor Werneck Sodré avança conclusões do maior interesse, que merecem ser mais detalhadamente explanadas, como por exemplo, quando afir-

ma: "A Independência só ocorre quando a classe dominante se interessa por ela. É uma empresa daquela classe, e por isso não corresponde, no Brasil, a nenhuma alteração da estrutura: a classe dominante imporia manter a estrutura econômica colonial" (pp. 23, 24).

Mas, pode-se perguntar, a classe dominante começa a interessar-se pela independência somente quando estão em jogo seus assuntos diretos com a Metrópole? Não pensariam também as lutas, que já se travavam no Brasil, embora de caráter regional, em que camadas populares tinham uma forte influência, como aconteceu no Nordeste em 1817?

Beja como for, é uma tese que merece estudo, e o fato de enunciá-la o professor Werneck Sodré mostra que seu livro não se limita à crítica das obras de personalidades tão destacadas como Azeredo Coutinho, José de Alencar, Silvio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna.

Neste conjunto de estudos, o menos convincente me pareceu aquele dedicado a Alencar. Há um certo exagero de citações de opiniões sobre o romancista e uma evidente subestimação do caráter nacional de sua obra de ficção. Se há muitos conceitos justos, há outros que considero inaceitáveis. Creio, ao contrário, que Alencar foge precisamente ao tema do livro. E provável que o autor se tenha deixado levar demasiado pelo fato de ter sido Alencar um reacionário em política e em face de problemas da importância da emancipação dos escravos, quando se tornou um autêntico defensor do regime servil. Isto porém, não invalida a enorme contribuição do romancista — e do escritor em geral — para nos dar a consciência de nossa autonomia política e cultural, rompendo com fortes preconceitos até então impostos pela influência da antiga Metrópole. E este é o aspecto dominante em sua obra, cuja popularidade Nelson Werneck Sodré reconhece, como "a secreta intuição que faz com que muitas vezes o povo julgue com mais acerto do que os homens de pensamento..." (p. 57). Neste caso, também, acho que devemos procurar melhor o por que dessa preferência.

Muito mais profundo — e perfeitamente ajustado à temática do livro — é o estudo empreendido sobre parte da obra de Silvio Romero. Na minha opinião, Silvio Romero, de certo pela sua extraordinária combatividade, pela virulência, muitas vezes, de sua linguagem, vem sendo vítima de uma evidente discriminação da parte da intelectualidade burguesa no Brasil. É verdade, como acentua Werneck Sodré, que sua obra padece de numerosos defeitos, a começar pelas falsas concepções em que foi alimentada, vivida de errôneas teorias de raça e mito filológico. Neste ponto, Nelson Werneck Sodré faz uma análise perfeita, denunciando suas origens europeias interessadas em justificar a dominação colonial, e que alguns de nossos ideólogos abraçaram, de boa ou má fé. E escreve: "Silvio Romero padeceu de tal desconformidade. Por culpa sua, exclusivamente? E claro que não.

Por culpa da ciência de seu tempo" (p. 84). Até que ponto essa ciência correspondia a determinados interesses nacionais, nosos, das nossas classes dominantes? Poderemos lamentar, mas o fato é que o grande historiador da nossa literatura não conseguiu fugir a este "imperativo". E quando ele abraçava aquelas falsas concepções e mais refalsadas teorias das classes dominantes europeias, atendia a certas exigências das nossas próprias classes dominantes. NWS destaca de tal forma o negativo na obra — ou em parte da obra — de Silvio Romero que o positivo se obscurece. Isto me parece tanto mais injustificável quanto o silêncio que cerca hoje a obra de crítica literária de Silvio Romero corresponde a uma atitude mental "colonialista" da parte de alguns críticos mais em evidência. Silvio Romero foi, quanto a crítica e à obra literária em geral, o que hoje chamariamos de participante. Não estará aí o "esquecimento" a que é votado hoje, como já "antiquado", que "teve a sua época", etc.? Em contraposição, veja-se a que esta hoje reduzida a crítica literária no Brasil, com raríssimas exceções. Tende para a crítica estética, a estilística, porquanto vivemos uma época revolucionária, de transições bruscas, e crítica é sobretudo afirmação de posições e muitos temem semelhante afirmação. Dai desprezarem soberanamente um "guerrilheiro" como Silvio Romero. Por isso mesmo acho que um crítico do valor de Nelson Werneck Sodré deveria ter visto mais o conjunto da obra de Silvio Romero, ainda que seu propósito estivesse restrito a determinados aspectos: as malfélicas influências de cunho colonial.

O autor de Ideologia do Colonialismo desenvolve plenamente o seu tema é ao tratar de Euclides da Cunha. Temos aí um trabalho exaustivo, de pesquisa, de estudo da obra e desse homem de "personalidade invulgar" em sua "vida modesta", "quase pobre" e que teve a coragem de, "em todos os tranques, em todas as situações, em todos os momentos", tomar a "defesa dos fracos, dos desvalidos, dos perseguidos, dos oprimidos" (pp. 118/119). Só tenho uma restrição a fazer aqui: é não ter Nelson Werneck Sodré levado na devida conta o fato de Euclides da Cunha haver evoluído em muitas das suas concepções, quando, por exemplo, pós de lado Comte e Proudhon, de seus anos juvenis, e voltou-se para Marx, compreendendo-o com

A consciência de homem, sua base material e sua história

Teoria e Prática

Apelônio de Carvalho

(Resposta ao leitor Albuquerque de Andrade, do Estado da Guanabara)

O homem é parte da natureza e parte da sociedade. A formação de sua consciência está ligada, assim, a fatores biológicos e fatores sociais. Ela reflete a evolução do reino animal, a elaboração gradativa da estrutura física própria da espécie humana e os elementos novos que surgem de sua vida em sociedade. As ciências naturais mostram que as raízes longínquas dessa consciência estão no surgimento do sistema nervoso central e da atividade nervosa superior. E através desta que se estabelecem as relações necessárias entre o organismo e o meio. Os primeiros sinais concretos que exprimem essas relações são os reflexos incondicionados, através dos quais as sensações e percepções diretas. A plasticidade do sistema nervoso e as exigências sempre novas da adaptação levam ao desenvolvimento desses reflexos, sua ligação com reflexos condicionados, ao surgimento dos instintos e, mais tarde, aos elementos de inteligência e às associações que caracterizam os animais superiores. É o que se chama o primeiro sistema de sinais.

Os elementos essenciais da consciência aparecem já nos ancestrais mais próximos e diretos do homem: os antropóides modernos — isto é, os macacos altamente evoluídos e semelhantes ao homem atual em sua estrutura externa e interna (composição do sangue, processos de crescimento, gestação, amadurecimento fisiológico, etc.); e os homens primitivos que conhecemos apenas através de fósseis e reconstruções: o Homem de Java, o Homem de Pequim, o Homem de Neanderthal — e — os tipos mais avançados e recentes, separados de nós apenas por algumas dezenas de milhares de anos, como os de Cro Magnon e de Cambe Capelle.

E através deles que se operam as transformações decisivas que levam ao homem de hoje. A primeira delas é a passagem da vida nas árvores à vida à marcha sobre o solo, fruto de modificações da crosta terrestre e migrações forçadas. Dai decorre a marcha ereta, que seria a condição biológica decisiva para o surgimento do trabalho e do homem. Com ela, os membros anteriores libertam-se das funções de locomoção e apolo do corpo, a mão diferencia-se e adquire funções novas e complexas, ampliam-se o campo e a importância dos órgãos dos sentidos e de suas funções motoras, no córtex cerebral.

Mas a marcha e a vida em terra firme tornam nossos ancestrais diretos mais vulneráveis. Dai, o desenvolvimento da vida coletiva, a ação comum necessária à defesa comum e à busca em comum dos meios de subsistência. No entanto, esses homens em formação não têm armas naturais: dai os primeiros instrumentos de defesa, de caça e escavação do solo. A ação em conjunto levanta exigências de expressão que ultrapassam os limites da mimica e dos sons inarticulados. Assim, surgem o trabalho e a linguagem.

E um trabalho que se faz, cada vez mais, em forma coletiva e com utensílios elaborados: que exige sempre mais das mãos e da inteligência; que modifica os hábitos, a alimentação, a conformação física — e que, por isso mesmo, modifica rapidamente o cérebro. Este passa a ter mais volume e mais peso, um número infinitamente superior de células nervosas, novas regiões e ligações internas, forma diferente, possibilidades e funções novas. Assim, o desenvolvimento biológico abre caminho à transformação da matéria viva sensível em matéria pensante.

Fruto desse desenvolvimento, a linguagem tem, nesse processo, um papel destacado. Ela traz à atividade nervosa superior um segundo sistema de sinais — a palavra — e a possibilidade de abstrair-se da realidade, de generalizar, de conhecer não apenas a aparência das coisas — mas sua essência e suas leis. Essas novas funções abrangem todas as regiões e campos do cérebro: a região frontal, com sua zona motora; o parietal inferior, com os campos da linguagem fonética, da leitura, da linguagem escrita; o temporal, com a zona da audição. Como se vê, o córtex cerebral e suas funções combinam, objetivamente, o material e o ideal, mostram que a alma tem uma base, uma anatomia, uma arquitetura material.

A consciência coroa, assim, o longo processo de desenvolvimento da atividade nervosa superior. É uma história de dois bilhões de anos, através da evolução do reino animal; de dezenas e centenas de milhares de anos, a partir dos homens primitivos. Fruto do trabalho, da vida social e da linguagem articulada, ela constitui o selo do homem, a fronteira da espécie no mundo animal e um salto de qualidade na evolução da natureza.

Deputados Baianos Defendem Legalidade Para o PCB

SAVADOR, junho (do Correspondente) — Deputados de várias legendas e líderes dos principais partidos representados na Assembleia Legislativa baiana manifestaram-se, em declarações prestadas à reportagem de NR, inteiramente fa-

voráveis à legalidade para o Partido Comunista do Brasil. — Acho que a maior afirmação da democracia é a livre manifestação do pensamento, daí considerar que todas as correntes de opinião devem ter liberdade de organizar-se em partido — declarou o deputado José Cândido de Carvalho Filho, líder da UDN no legislativo baiano.

Também o líder do PR, deputado Gastão Pereira, se pronunciou favoravelmente à legalidade para o PCB. — Sempre fui favorável à legalidade para o Partido Comunista — disse. O fato de me haver designado de suas fileiras, não me levou a uma posição odivia de me situar entre aqueles que são contrários à sua legalidade. Acho mesmo necessário a coexistência de todas as tendências no cenário político da Nação.

A MAIORIA É A FAVOR

Sómente alguns maníacos movidos por flagrantes complexos de inferioridade e de perseguição, podem se manifestar contra — declarou o deputado Eno Mendes, da bancada do PR, acrescentando: — Os comunistas representam uma corrente de opinião, e se outras correntes existentes podem enunciar e lutar por suas ideias, não vejo porque não possam fazê-lo os membros deste partido.

O deputado pedesista Juarez Souza, também manifestou-se favoravelmente. — Não entendo democracia, quando existe qualquer restrição de ordem ideológica — afirmou.

Outro pedesista, e deputado Murilo Cavalcanti, também justificou o seu ponto de vista favorável à legalidade para o PCB. — Em termos exatos — afirmou — não temos partidos políticos no Brasil. Apenas legendas registradas no TRE. Defendo a necessidade de uma reformulação da questão e consequente criação de partidos políticos no Brasil, com o natural e lógico funcionamento legal do PCB, da mesma forma que ocorre em outros países do mundo.

O último ouvido na enquete, foi o parlamentar petebista Cristóvão Colombo, que afirmou: — Como democrata, não vejo porque se negar a uma parcela da população brasileira o direito de atuar politicamente, através de um partido legalmente registrado.

Muito mais profundo — e perfeitamente ajustado à temática do livro — é o estudo empreendido sobre parte da obra de Silvio Romero. Na minha opinião, Silvio Romero, de certo pela sua extraordinária combatividade, pela virulência, muitas vezes, de sua linguagem, vem sendo vítima de uma evidente discriminação da parte da intelectualidade burguesa no Brasil. É verdade, como acentua Werneck Sodré, que sua obra padece de numerosos defeitos, a começar pelas falsas concepções em que foi alimentada, vivida de errôneas teorias de raça e mito filológico. Neste ponto, Nelson Werneck Sodré faz uma análise perfeita, denunciando suas origens europeias interessadas em justificar a dominação colonial, e que alguns de nossos ideólogos abraçaram, de boa ou má fé. E escreve: "Silvio Romero padeceu de tal desconformidade. Por culpa sua, exclusivamente? E claro que não.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves

Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe: Fragmom Borges

Gerente: Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 11º andar S/1113 — Tel: 65-1244

Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/993

SUCURSAL DE S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/817

Tel: 37-3244

Endereço telegráfico: «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 500,00

Semestral > 250,00

Trimestral > 130,00

Área anual, mais > 200,00

Área semestral, mais > 100,00

Área trimestral, mais > 50,00

Número avulso > 10,00

Número atrasado > 15,00

COMITÊ NACIONAL DE PRAGA EXPRESSÃO DE REAL DEMOCRACIA

PRAGA (Correspondência especial) — Os primeiros contatos com a atual realidade da Tchecoslováquia levam-nos a estabelecer paralelos que respondem a algumas das questões levantadas na polémica entre os dois sistemas sociais de vida, o sistema socialista e o capitalista. Comparamos a todo instante as expressões de democracia admitidas no chamado mundo ocidental com as que florescem aqui, num sentido mais direto, ampla e consequentemente.

Bascaremos estas observações naquilo que nos foi dado verificar durante uma sessão do Comitê Nacional de Praga, órgão do poder público no âmbito municipal. Seria inexacto equiparar os Comitês Nacionais tchecoslovacos às nossas câmaras comunais. Em primeiro lugar porque, participando

do que há de bom, em essência, na representação popular de tipo burguês, os Comitês Nacionais são, entretanto, assembleias de um nível democrático superior. Não padecem dos vícios a que estão sujeitas as câmaras legislativas na sociedade capitalista. Além disso, porque também diferem tecnicamente, exercendo os Comitês Nacionais, ao mesmo tempo, funções deliberativas e executivas. O Presidente do Comitê Nacional de Praga é, cumulativamente Primatur da cidade, cargo em parte semelhante aos dos prefeitos ou alcaldes latino-americanos.

Em suma, o poder público nos países do campo socialista é exercido coletivamente em forma de colegiado. De sorte que o Primatur deve aplicar as resoluções do órgão represen-

tativo a que pertence, como seu presidente. Aplica-as sob o controle permanente de seus pares, através de comissões específicas e do plenário.

Os deputados ao Comitê Nacional de Praga classificam-se assim, por profissão, sexo e idade: 48 operários de fábricas, 49 funcionários do Estado, 21 intelectuais (escritores, artistas, engenheiros, médicos, etc.), 19 trabalhadores políticos e sociais, 13 categorias diversas, inclusive donas-de-casa, 57 mulheres, 9 jovens, os restantes adultos variando entre 24 e 60 anos. A representação política divide-se proporcionalmente entre as forças integrantes da Frente Popular, que são o Partido Comunista, o Partido Socialista, o Partido Popular (dirigido pelo líder católico, padre Plojhar) e organizações sindicais, econômicas e culturais. As atividades dos membros do Comitê Nacional estendem-se à rua, além do horário das funções parlamentares normais. Atendem aos eleitores na circunscrição que representam. Servem às vezes de juiz de paz, resolvendo pendências entre vizinhos e até entre marido e mulher. Comparecem às organizações po-

pulares do bairro, participam do trabalho voluntário dos moradores, na realização de obras tais como jardins, parques infantis, campos de esporte, para cujas despesas a municipalidade contribui com 40%. contadas como se fossem pagas as horas de trabalho.

Na sessão a que assistimos, dirigida pelo vice-presidente do Comitê e presidente da Comissão de Planificação, Cerry Dudwig, chamou-nos a atenção desde logo, o comportamento dos deputados. Não havia no plenário aquele nosso conhecido tumulto de feira, quase sempre indiferente ao orador, mesmo quando ele trata de interesse de ordem geral. Depois, fixamos a maneira de falar de cada um, num debate que durou cerca de quatro horas. Discutiam o relatório apresentado pelo presidente da Comissão de Finanças, Vaclav Slansky, sobre as realizações do Plano de 1960 e sobre o projeto do Plano seguinte. Analisando as críticas e intervindo no debate dos problemas, falou por fim o ministro do Controle do Estado, Josef Krosnar.

Se não conhecêssemos de antemão os dados relativos à execução do Plano, que atingiu em seu conjunto 101% das previsões, superiormente que o Comitê Nacional estivesse assinalando reverses, ao invés de êxitos. Porque tanto o relator como os demais deputados não tiveram palavras de autoelogio (elas são o próprio governo da cidade) em face das metas superadas. Seu objetivo não era a exaltação dos êxitos, mas a denúncia de falhas e suas causas, no sentido de corrigi-las para um rendimento maior no cumprimento do Plano em discussão.

Vejam agora quais os assuntos que preocupavam os eds de Praga. Após algumas referências calorosas mas breves, a aconchegante que empolgavam a opinião pública — o voo cosmônautico de Yuri Gagarin, a vitória de Cuba sobre a agressão imperialista ou a celebração do 40º aniversário do Partido Comunista da Tchecoslováquia — o Comitê Nacional de Praga dedicou-se ao seu labor cotidiano, tão modesto na aparência. Passou a cuidar minuciosamente dos "pequenos grandes problemas" da população.



DEPUTADA DA DURO
A deputada Anna Zindulkova, do Comitê Nacional de Praga, trabalha voluntariamente, com os moradores do bairro que a elegeu, Brevnov, na construção de um pequeno campo de esporte.

LIVROS SOBRE CUBA

Que Você pode adquirir pelo REEMBOLSO POSTAL na

Livraria das Bandeiras

Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — S. PAULO

CUBA: A Revolução na América
de Almir Matos 200,00

A Verdade Sobre Cuba
de C. Wright Mills 300,00

26 Julho Cuba Anatomia de Uma Revolução
de Paul M. Sweezy e Leo Huberman 250,00

Sierra Maestra -- A Revolução de Fidel Castro
de Armando Gimenez (2ª edição) 210,00

Cuba Con Toda la Barba
de Alfredo Varela 480,00

Peça-os hoje mesmo pelo Reembolso Postal — Atendemos prontamente



BRINCANDO
Do trabalho voluntário no bairro de Brevnov, até crianças participam. Para elas, horas de trabalho, sua participação é mais uma forma de brincadeira da qual participam gostosa e esportivamente.

cada vez maior, dos encargos domésticos.

Praga já impressiona os visitantes que procedem do campo capitalista, sobretudo das áreas subdesenvolvidas. Porque aqui não há mais nenhum dos graves problemas urbanos, considerados insolúveis por prefeitos e governadores do tipo de Lacerda e demais demagogos. Aqui ninguém se queixa de suposto gigantismo e de excessivos progressos. A alimentação é farta e barataíssima, o povo come o que quer, do bom e do melhor, sem chorar a lista dos preços. No centro como nos bairros o que se vê a cada passo são casas de comestíveis, completamente ou semipreparados, restaurantes, cafés, bares, confeitarias. Em cada quadra uma livraria, casas de rádio, televisão e instrumentos de música. Bonitas lojas especializadas, muitas em artigos de luxo, e armazéns imensos, onde o freguês encontra desde afilinetes até máquinas de lavar, pianos, motocicletas e barbo a motor. Não há filas para a compra, ninguém viaja como saudi-

na consciência de milhões de homens dos países capitalistas — propõe a Declaração dos Representantes dos 81 Partidos Comunistas e Operários, em sua Conferência de Moscou — a ideia de que a vitória do novo regime social beneficia a todas as camadas da população, exceto um reduzido grupo de exploradores.

Na sua aparente simplicidade, o carinho da edilidade de Praga pelos menores problemas da população atende a essa palavra de ordem. Corresponde a uma das necessidades fundamentais da causa do socialismo. Constitui uma das chaves da vitória na batalha que procuramos levar ao fim de modo incoerente, entre os dois sistemas sociais do mundo contemporâneo. Uma das chaves da solução da luta de classes no plano da existência pacífica e da extinção entre o capitalismo e o socialismo.

A vida do povo em Praga continua a superioridade da regime socialista. Seu Comitê Nacional é um conselho de mais alta democracia

«Devemos fazer penetrar

Ensinamentos de Uma Grande Revolução

Jacob Gorender

Entre os livros, já publicados em nosso país, sobre a revolução cubana, o de autoria de Almir Matos, que a Editorial Vitória vem de lançar com êxito, ocupa um lugar especial. É o primeiro livro escrito por um brasileiro e, o que é particularmente importante, o primeiro que emprega sem reservas o método marxista para estudar o vitorioso processo revolucionário na heróica ilha do Caribe. Acresce a isto que Almir Matos soube apresentar uma obra de conteúdo denso, bem estruturada e, ao mesmo tempo, de leitura amena, servida por inegáveis dotes de escritor.

O livro oferece aos leitores material abundante e valioso, que não será encontrado nas outras obras já aparecidas entre nós. O autor de *Cuba: a Revolução na América* esteve na pátria de Fidel Castro em princípios deste ano, num momento, portanto, em que as tendências mais avançadas da revolução cubana já estavam suficientemente definidas. Almir Matos pôde fazer, desta maneira, importantes observações pessoais, que enriqueceram o estudo do material documental de origem cubana. Torna-se difícil, assim, apontar o que seja mais merecedor de comentário, tantas são as questões interessantes abordadas. Neste artigo, tocaremos apenas em dois pontos, justamente porque têm dado motivo a controvérsias e porque, a seu respeito, Almir Matos traz oportunos esclarecimentos.

O primeiro ponto se refere ao papel dos comunistas cubanos na revolução. A tese amplamente difundida pela grande imprensa, norte-americana, é a de que os comunistas cubanos não tiveram qualquer papel na luta contra a tirania de Batista, limitando-se a colher os frutos da vitória, com a aquiescência de Fidel Castro, o que teria desviado a

revolução do seu rumo supostamente legítimo (o rumo, está claro, da democracia de fachada, com a manutenção do status quo de domínio dos trustes, langues e do latifúndio açucareiro, com todo o seu cortejo de desemprego, miséria e prostituição). Mesmo autores honestos, como os norte-americanos Paul Sweezy e Leo Huberman, deixaram influenciar-se por certo preconceito universitário, com relação aos comunistas, o que não lhes permitiu apreciar corretamente o seu papel na revolução cubana.

Almir Matos nos informa cabalmente sobre a abnegada luta do Partido Socialista Popular contra a ditadura de Batista. Este partido não foi somente a primeira força revolucionária organizada e atuante, como constituiu, segundo o testemunho do próprio Fidel Castro, "o único partido cubano que sempre proclamou claramente a necessidade de uma mudança radical da estrutura das relações sociais." (V. Almir Ma-

tos, *Cuba: a Revolução na América*, pag. 51). Através da palavra autorizada de Blas Roca, o Partido Socialista Popular já há muito tornou público o seu reconhecimento do mérito histórico do Movimento 26 de Julho, que, tendo à frente Fidel Castro e os seus companheiros, iniciou, organizou e desenvolveu a luta armada, forma principal de luta na revolução cubana. Nesta e noutras peculiaridades, pretendiam alguns encontrar apoio para declarar refutada a teoria marxista-leninista. Almir Matos se empenha, de modo convincente, em provar o oposto, afirmando que toda a luta "Há quem procure ver nas peculiaridades oferecidas pela revolução cubana, no plano político — um particular, quanto ao papel que tiveram e têm dirigentes privados da pequena burguesia — uma refutação à doutrina marxista-leninista da revolução. Mas isso é inteiramente falso. Existe aí ou uma inútil tentativa de desacreditar o marxismo, em favor de teses reformistas, ou uma concepção dogmática e deformada do materialismo histórico, que só pode dificultar uma correta assimilação do processo revolucionário, tão rico e variado em suas formas, que se desenrola em nossa época." (idem, pag. 57)

Agora que Cuba marcha, a passo firme, pelo caminho do socialismo, é, naturalmente, mais difícil tagarelar sobre o "envelhecimento" do marxismo. A verdade é que, de modo notavelmente original e desconcertante para os dogmáticos, a revolução cubana veio trazer mais uma brilhante confirmação das teses marxistas fundamentais.

Outro ponto, em torno do qual se feriram controvérsias, se refere ao papel desempenhado pela burguesia nacional na revolução cubana. Aquêles que superestimam o papel da burguesia nacional na luta anticolonialista e democrática, em nosso próprio país, chegando a considerá-la capaz de dirigir a revolução para os objetivos da sua primeira etapa, apressaram-se em identificar na burguesia nacional a força dirigente da primeira etapa da revolução cubana. Tão errônea assertão se esborça completamente diante dos esclarecimentos que nos traz a obra de Almir Matos. Se é fato que a burguesia nacional cubana participou do processo revolucionário em sua primeira etapa, a verdade é que esta participação em momento algum teve, nem de longe, o caráter de hegemonia. Bem ao contrário, o que ocorreu é que "a ala direita da pequena burguesia e a burguesia nacional jamais deixaram de vacilar." (idem, pag. 61). Se a revolução cubana pôde triunfar, isto se deu porque, desde o início e em todo o seu transcurso, estiveram à sua frente os operários (principalmente os assalariados da lavoura canieira), os camponeses e a ala radical da pequena burguesia urbana. E se a revolução cubana pôde transportar, com tanta rapidez e energia, os limites da etapa anticolonialista e democrática, transformando-se em revolução socialista, isto se deu porque na sua orientação política triunfou a ideologia do proletariado. Afirma, por isso, com razão, Almir Matos: "Só orientados pela ideologia da classe operária, os dirigentes revolucionários — e isso é válido, como princípio geral, para qualquer país — seriam capazes de conduzir acertadamente transformações sociais como as que hoje se verificam em Cuba." (idem, pag. 59)

A mais recente experiência latino-americana vem demonstrando, de modo insofismável, o quanto se en-

ganam aquêles que consideram seja a burguesia nacional capaz de dirigir, a vitória dos seus objetivos, o movimento revolucionário democrático e anticolonialista. Por toda a parte, em Cuba, com Urrutia e Miro Cardona, na Venezuela, com Romulo Betancourt, na Bolívia, com Paz Estensoro, a burguesia nacional, levada ao poder por um movimento popular, tem utilizado este poder para frear e frustrar a revolução, substituindo as transformações revolucionárias de estrutura por pequenas reformas, capitulando diante do imperialismo e dos setores reacionários internos, sem deixar de empregar, na Venezuela e na Bolívia, o terrorismo policial contra os trabalhadores, estudantes e forças de esquerda em geral.

Qualquer que sejam as formas em que se processe, a revolução só tem a possibilidade de triunfar, se se encarnar num vasto movimento popular, dirigido pelas forças sociais mais conscientes, principalmente pelo proletariado. A aliança com a burguesia nacional, que é justa em determinadas condições, não deve ser confundida com a aceitação da direção da burguesia nacional, que tem sido funesta para os movimentos revolucionários na América Latina.

Conto de Página Enxada

Ah certas notícias!

Muito natural e que aconteceu na Inglaterra: uma senhora abandonou o marido por causa de uma leoa, terrível rival. A leoa, de nome Leonor, tomou tanto espaço na casa e no coração do esposo da senhora chamada Betty que esta deu o fora. Muito compreensivo, inclusive porque D. Betty afirma que Leonor vai acabar engulindo seu marido.

Valtemos ao nosso paísinho tão amado e tão desgraçado pelos seus governos e façamos uma viagem no noticiário da semana:

Em Belo Horizonte uma menina jogou-se do oitavo andar, caiu num terceiro (não se afilijam pois ela não morreu) envergonhada de ver seu nome escrito no quadro negro entre outros alunos que deviam mensalidades à escola. Meus amigos, como pode? Então há no Brasil colégios que levam crianças a se cobrirem de vergonha porque seus pais não tiveram dinheiro para pagar mensalidades? Não é monstruoso, inacreditável? Essa menina, conta o jornal em que li a notícia, — vejamos bem o caso — tem dezesseis anos, trabalha de dia para estudar à noite. A ela não podem os pais custear os estudos ou talvez nem mais os estudos. Faz parte daquele enorme balaio de jovens que trabalham de dia para estudar de noite. Por que não se dá a todos estudantes o direito de viver como heróis que são? Por que se humilha uma moçoila que não teve dinheiro para pagar o colégio? Trabalha de dia, estuda de noite e ainda é humilhada. Que notícia melancólica; que coisa triste saber que existe isso no Brasil.

Esta veio de Recife e conta que o lavrador Agnaldo Botelho por fazer parte das Ligas Camponesas e ter-se recusado a abandonar o local onde trabalhava, foi sacrificado a fogo, da mesma forma como é ferrado o gado no rio. Leiam o resto do telegrama, por favor: "Agnaldo foi arrastado de sua palhinha até o tronco de uma árvore, sendo ali amarrado, fortemente, por seis cabeceiros e ferrado, na coxa, pelo capataz, com as inicials do senhor do engenho".

Estamos voltando ao tempo da escravidão? Com que direito um senhor de engenho, neste ano de 1961, procede de mesma maneira de um senhor de escravos? Parece que o presidente da República perguntou ao governador de Pernambuco o que houve. Perguntar não basta. Por que não mandou abrir um inquérito e prender esse monstro que manda comer pelos seus cabras crime de tamanho? Querer liquidar o trabalho das Ligas Camponesas com atos dessa espécie é irrisório. O direito à terra para os que não trabalham e à qual dão a vida, é sagrado; ninguém poderá liquidá-lo.

Tantas notícias horríveis vêm de todos os cantos brasileiros. Esta última para terminar nosso papo de hoje, amigos, é desta tão abandonada, tão humilhada, tão desgraçada Guanabara: seiscentas mil crianças vivem nas cento e noventa e quatro favelas do Rio de Janeiro. Vivem? Não. Sofrem fome, frio, miséria, privação de saneamento com menos de cinquenta centímetros de largura, sem aquecer, sem nada. Longa e útil reportagem foi publicada pelo "Correio da Manhã" a respeito.

NOTA EXPLICATIVA: — Comecei falando na notícia da leoa para que esta crônica não ficasse recheada de dor maltratando vocês. Mas é bom tomarmos conhecimento dos fatos ruins. Só assim se luta contra eles.



Sete prêmios na Academia

A 29 de junho, em sessão solene, a Academia Brasileira de Letras fez a entrega dos prêmios a escritores concorrentes, em diferentes gêneros da produção literária. Foram sete os premiados deste ano. Por conjunto de obra (Prêmio Machado de Assis) foi laureado o romancista e contista João Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: veredas*; *Corpo de Baile e Saparanga*. O Prêmio José Veríssimo coube ao escritor pernambucano Paulo Cavalcanti, por sua obra de pesquisa e estudo *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*. O Prêmio Afonso Arinos foi dado a Nelson Faria, por seus contos intitulados *Tiziu*. O cri-

tico literário Valdemar Cavalcanti conquistou o Prêmio Silvio Romero, com seu livro *Journal Literário*. Em poesia, com *Lua de ontem*, o contemplado foi Péricles da Silva Ramos (Prêmio Olavo Bilac). O Prêmio Arthur Azevedo (ensaios sobre teatro) foi dado a Bandeira Duarte, com seu trabalho *Três ensaios*. Alfredo Dias Gomes e Santos Moraes partilharam o Prêmio Claudio de Souza (obras teatrais). O Prêmio Júlia Lopes de Almeida (poesia) distribuiu-se entre as poetisas Berenice Grieco e Stella Tostes. Na foto, Dias Gomes recebendo o prêmio.

Mão-Direita de Adenauer é Criminosa Como Eichmann

"Goering e Globke davam as ordens para os extermínios de judeus" foram as palavras enunciativas pelo frio carrasco Eichmann, de sua cabina de vidro, no Tribunal de Israel, no dia 21 do corrente, e que são mais um testemunho a ser acrescentado às diversas provas e denúncias feitas no mundo inteiro contra o colaborador de Adenauer, o nazista Hans Globke.

Se o primeiro dos apontados por Adolf Eichmann não conseguiu escapar à justiça de Nuremberg, o segundo deles, Hans Globke, sobreviveu a qualquer acusação formal de suas atividades criminosas no regime hitlerista. (Sobre outros nazistas no governo de Roma, ver reportagem publicada em NOVOS RUMOS, n. 15, 5 a 11 de junho de 1959).

QUEM É GLOBKE

Hans Globke desempenha atualmente o alto cargo de Secretário de Estado da República Federal Alemã, sendo íntimo colaborador, portanto, de Konrad Adenauer e um dos executores da política de revanchismo e remilitarização da Alemanha.

Adenauer, após a detenção de Eichmann, perante o tribunal israelense que o julga, mandou que um seu peça-voz declarasse que as acusações do ex-carrasco carecem de fundamento. No entanto, apesar do esforço de desmentir uma verdade pública, Adenauer não pôde negar que Globke participou, em janeiro de 1941, de uma reunião de líderes antissemitas. Contudo, diversos documentos atestam a culpabilidade de Hans Globke na política de extermínio dos judeus desencadeada por Hitler.

Fol Globke que, como o chefe do Ministério do Interior hitlerista, convocou, a reunião que deliberaria sobre o confisco dos judeus. Nessa reunião, apresentou às bases legais que "justificavam" a deportação. Em sua defesa, Globke, diante do Parlamento de Bonn, em março deste ano, Adenauer chegou ao ponto de afirmar que o seu colaborador lutara na resistência contra o fascismo hitlerista. Tal argumentação tem sido reiterada por Adenauer, apesar da flagrante constatação em contrário que nos é dada por uma série de documentos.

A ROMÊNIA ACUSA

O diário romeno *Scinteia*, em um artigo publicado no mês de maio, declarou entre outras coisas: "Na verdade, Globke não só é cúmplice em geral de todos os crimes cometidos por Eichmann, mas também partici-

pou diretamente desses crimes, na organização dos pogromos e nas deportações. Globke colaborou estreitamente com Eichmann e foi enviado à Romênia pelo próprio Hitler, a fim de ajustar com Antonescu (presidente do Conselho de Ministros da Romênia na época hitlerista — NR) a aplicação daqueles acordos que previam entre outras coisas o extermínio dos judeus romenos".

O jornal romeno acrescenta ainda, entre outros extermínios ordenados por Globke, o que ocorreu na localidade de Jasí, em que foram mortos, em um dia apenas, 11.000 pessoas, e o naufrágio do navio *Stryma* que levava a bordo 769 cidadãos judeus.

PARA O BANCO DOS REUS

De acordo com as leis israelenses, Hans Globke pode ser julgado "por crime contra o povo judeu", e assim sofrer até a pena capital.

Diversas provas documentais que se encontram em Israel, na República Democrática Alemã e na própria Alemanha Ocidental incriminam, sem margem a dúvida, o antigo colaborador de Hitler.

A conceituada revista da Alemanha Ocidental *Der Spiegel* revelou em um de seus últimos números o núcleo de um projeto de tratado fascista de paz com a França, elaborado, durante a Segunda Guerra Mundial, pelo atual Secretário de Estado germânico-ocidental, Hans Globke.

Nesse projeto de Globke pode-se ler entre outras ignominias: "Judeus, ciganos, negros, madagascarenses, indonésios e inclusive mulatos, da mesma forma que os leprosos, têm de ser expulsos de toda a Europa, inclusive a França, e enviados para os territórios coloniais franceses fora da Europa, de onde provém sua raça...". A infiltração de sangue de cor na Europa não deve ser permitida no futuro (...). A residência na França de gente de cor (negros, madagascarenses, indonésios, mulatos) não deve ser permitida. Trabalhadores de cor não devem ser empregados na França se o trabalho não for temporário. Soldados de cor não devem permanecer na França".

RACISMO SEXUAL

Continuando, a revista germano-ocidental *Der Spiegel* escreve que se pode ler no projeto de Globke: "Os matrimônios e as relações sexuais estranhas entre as pessoas de cor da França, e das colônias francesas e os ários, de

não importa qual nacionalidade, têm de ser proibidas e castigadas tanto na França como nas colônias francesas. As pessoas de cor não podem obter a nacionalidade francesa. Aos que já possuem esta nacionalidade, esta lhes será retirada se tiverem uma quarta parte de sangue dessa cor".

UM PARALELO

Relacionamos abaixo, no período de 1935/1942, as atividades paralelas desempenhadas por Hans Globke, atual Secretário de Estado do governo germano-ocidental e assessor pessoal de Adenauer, e Adolf Eichmann, um dos principais criminosos de guerra nazistas, atualmente em julgamento pela corte israelense: 1933 — Hans Globke: Conselho administrativo superior do Ministério do Interior, de Berlim. Acusado no esboço final (formulação legal) das leis racistas de Nuremberg.

1936 — Hans Globke: Formulou os regulamentos executivos fundamentais da aplicação das leis racistas. Conselho assistente do Serviço de Segurança dos SS, Berlim. Especialista em questões judias e raciais.

1937 — Hans Globke: Formulou o regulamento executivo fundamental da aplicação das leis racistas. Conselho em questões judias (Serviço de Segurança dos SS). Realizou estudos sobre as possibilidades legais de manobrar com os judeus.

1938 — Hans Globke: Têmino da redação do decreto para deportação dos judeus (mudança dos nomes próprios e de família). Conselho em questões judias (Serviço de Segurança dos SS). Chefe do departamento de estudo das promissuras "científicas" para regulamentação dos problemas judaicos.

1939 — Hans Globke: Promovido a funcionário público superior. Colaborou no decreto para a anexação da Áustria (aplicação de leis de deportação racial). Projeto de lei a respeito dos passaportes (deportação racial).

1940 — Hans Globke: Promovido a comandante superior de companhia das SS. Chefe do Departamento Central de Viena para a deportação da população judia. Segregação da população judia da Áustria.

1941 — Hans Globke: Conselho auxiliar do Ministério do Interior sobre questões gerais e problemas judaicos. Integralmente autorizado a executar o tratado a respeito da cidadania, na parte restante da Tchecoslováquia.

Adolf Eichmann: Chefe do grupo de conselheiros sobre judeus no escritório superior de segurança, Departamento do Interior. Instalou o departamen-

to central de Praga para a transferência da população judia.

1940 — Hans Globke: Conselho perito oficial do chefe executivo da administração do Reich, de Himmler. Conselho sobre questões de cidadania no protetorado da Boêmia-Morávia e territórios anexos.

Adolf Eichmann: Conselho responsável sobre questões judias perante Himmler. Incumbido dos preparos para "reinstalação" de todos os cidadãos judeus do antigo e novo território do Reich em territórios orientais.

1941 — Hans Globke: Chefe do Subdepartamento I (Nova Ordem no Ocidente). Relator da situação na Dinamarca e na Noruega, e ainda conselheiro perito de questões judias.

Tópicos Típicos Pedro Severino

José Iturbi — Aquêlo locador de bongô que tira onda de pianista em filme da Metro — está movendo uma ação judicial contra os seus vizinhos, considerando-os responsáveis pela morte do seu gato de estimação. Segundo telegrama da UPI, o interessado pleiteia 20 mil dólares a título de "indenização exemplar", 5 mil dólares pela "morte do gato propriamente dita" e 15 mil dólares pela "perda do carinho do gato".

Há quem diga também que Iturbi pretende vender à Metro os direitos relativos à filmagem da vida do gato, para abocanhar mais 10 mil dólares. O título da película seria: "O Gato de Luvas". Não poderia ser "de Botas" porque, no caso, as botas são do proprietário do gato, e se destinam às patadas que este aplica no piano.

A Igreja Católica tem santos estranhos. São Simeão Estilita, por exemplo, que morou durante trinta anos em cima de uma coluna, no deserto, sem espaço sequer para sentar direito. Outro santo, São Bernardino de Sienna, convidado a ir ao palácio de uma fidalga e dela ouvindo uma proposta indecorosa, "tirou do bolso um asorrage e cortiu tão desapidadamente a própria pele que a tentadora não mais se lembrou da ideia infame". São Pedro de Alcântara jejuava de 3 em 3 dias, "alimentando-se unicamente de um pouco de pão, água e legumes temperados com cinza. Ao sono, dedicava apenas duas horas e, ainda assim, sentada numa cadeira ou encostado numa parede". (Informações contidas no livro NA LUZ ETERNA do padre J. B. Lehmann).

Telegrama da AFP informa que foi encontrada na Colômbia uma minhoca gigantesca, medindo um metro e sessenta, sobrevivente de uma espécie pré-histórica. O recorde mundial, entretanto, continua com o Brasil. O professor Eugênio Gudin mede um metro e sessenta e cinco.

No estômago de um boque, no asilo de alienados de Brooklyn, Nova Iorque, foram localizados, segundo a France Press, os seguintes objetos: 26 chaves, 39 limas de unhas, 3 rosários, 16 medalhas religiosas, um bracelete, um colar, 3 correntinhas de metal, um abridor de latas, 4 tesourinhas, 3 pinças e 38 moedas.

Conta-se que o médico que localizou os objetos, cheio de espanto, teria perguntado ao pobre boque como ele chegara a engolir aquilo tudo. Ao que o boque teria respondido: "Foi fácil, meu velho: eu treinei por muitos anos, ouvindo os discursos do presidente do Brasil".

Correspondência: o leitor B. M., meu conterrâneo (de Petrópolis), pode comemorar o Dia de Luízes em edição francesa da Gallimard através da Editora Franco-Brasileira Antônio Carlos, P.O. Box 100, com o título de *La Semplicité*. Preço: 10 francos. Atualmente, ele está em falta. Não tenho dúvida de que o leitor vai apreciá-lo.

LITERATURA CHINESA

Astrojildo Pereira

A literatura chinesa era até bem pouco tempo completamente ou quase completamente desconhecida no Ocidente. Com exceção de alguns raros especialistas, o que em geral sabíamos dela se resumia a uns vagos nomes esquisitos (aos nossos olhos e ouvidos) e a umas não menos vagas informações acerca dos "requiltes orientais" de letreados e artistas. De vez em quando algum livro em tradução francesa ou inglesa nos transmitia a produção de algum poeta ou prosador daquelas fabulosas paragens, por onde outrora peregrinaram Marco Polo e Fernão Mendes Pinto.

É claro que semelhante ignorância favorecia e alimentava as lendas e os preconceitos correntes sobre a vida e a cultura do povo chinês. Falou em China era falar em ópio, em mistérios, em sorridentes e cruéis mandarins — em olhos de amendoad escondendo almas tenebrosas. Mas tudo isso pertence ao passado. A revolução triunfante em 1949, libertando o povo chinês da secular opressão econômica, política e cultural, veio libertar-nos também a nós da ignorância em que vivíamos acerca da cultura e particularmente da literatura chinesa antiga e moderna. E agora, mercê de uma divulgação inteligente, que o governo popular vem realizando, nestes últimos anos, através de livros e revistas, começamos enfim a tomar

conhecimento dos tesouros literários e artísticos da grande Nação Asiática. Relativamente à literatura chinesa dos nossos dias, verificamos com verdadeira e grata surpresa que um dos seus poetas mais famosos se chama precisamente Mao Tse-Tung — o chefe da Revolução Popular, eminente teórico marxista e líder do Partido Comunista Chinês. Seu livro de poemas, que nos revela o fino artista do verso coexistindo harmoniosamente na mesma pessoa do revolucionário provado na guerra e na paz, está hoje difundido pelo mundo inteiro, traduzido para os principais idiomas estrangeiros.

Outro grande nome da moderna literatura chinesa, é o do novelista e ensaísta Lu Sin, autor de copiosos volumes que se agora começam a ser conhecidos fora da China. Seu biógrafo, Yi Chün aponta-o como fundador da nova literatura realista da China, o primeiro a abrir o caminho da literatura realista socialista em língua chinesa.

Lu Sin nasceu a 25 de setembro de 1881, numa época — escreve o referido biógrafo — "em que a China passava gradualmente da antiga sociedade feudal à sociedade semicolonial e semifeudal". Morreu a 19 de outubro de 1936, vítima de longa enfermidade. Foram 55 anos de uma vida movimentada, a vida em plenitude, na qualidade de escri-

tor por inteiro integrado nas lutas de seu povo. Ao seu extêrno compareceu uma multidão de dez mil pessoas de todas as camadas da população — imponente manifestação pública de solidariedade patriótica ao devedado lutador.

Lu Sin encarnava o tipo do escritor militante, para quem a literatura é precisamente o oposto do "sorriso da sociedade", cobertura de variadas covardias que tomam os nomes de diversismo, escapismo, conformismo, oportunismo, semivergonhismo, etc., etc. A maioria dos seus contos e novelas foi elaborada entre 1918 e 1925, período de acontecimentos históricos de suma importância, no centro dos quais se deve colocar a fundação do Partido Comunista da China, e Lu Sin fez de sua obra o testemunho literário de tais acontecimentos. Ele mesmo deixou dito como se orientava: "Em geral, busco os meus materiais entre as gentes infelizes, com o objetivo de pôr a nu os males da sociedade enferma, e desse modo chamar a atenção para a necessidade de seu tratamento e cura".

Em 1931, Lu Sin ligou-se intimamente ao dirigente comunista Chü Chiu-bal, e juntos participaram das intensas lutas ideológicas então travadas na China, inclusive no concernente aos problemas da criação artística, por esse meio explicando e difundindo as teorias marxistas sobre a arte e a literatura. Muitos dos ensaios de Lu Sin foram publicados nessa época. A este propósito escreveu Yi Chün: "Sob o incessante estímulo do Partido e através dessas lutas, duras e complicadas, Lu Sin se avigorou e se firmou como combatente comunista, tornando-se o mais justo, mais valente, mais resolutivo e mais fiel portavoza da revolução cultural chinesa, o maior pensador e escritor da China moderna".

De Lu Sin é o volume de *Novelas Escogidas*, recentemente publicado em Pequim pelas Edições em Línguas Estrangeiras. Esta edição em língua castelhana torna acessível aos povos da América Latina o conhecimento do grande escritor chinês, de quem nada sabemos até agora.

POR QUE E DE QUE FORMA CUBA TOMOU

O CAMINHO DO SOCIALISMO?

A resposta à esta pergunta pode ser encontrada no livro

CUBA: A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA

de Almir Matos Cr\$ 200,00

Faça o seu pedido hoje mesmo à LIVRARIA DAS BANDEIRAS

Rua Riachuelo, 342 — loja 2

São Paulo

ATENDEMOS FRONTALMENTE PELO REEMBOLSO POSTAL

IAPI Queima Comprovantes de Contribuições: Milhares de Trabalhadores São Prejudicados

Reportagem de Caio Gabriel



São João em «Ana Maria»

Os moradores do bairro Ana Maria, comemoram com grande alegria os festejos juninos. Com grande comparecimento, o arraial do «Coronel Fêlix» brilhou na noite de São João, na Rua Manuel Segurado. A atração principal da festa foi o «casamento» e o ato folclórico do «Bumba-meu-boi» e a eleição da rainha das calças. Esta foi a senhorita Ana Maria, que foi secundada por Maria Felipe, e em terceiro lugar por Maria. A foto ilustra um dos momentos da festa.

IAPI Define Mulher Como «Flagelo da Previdência»

O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários publicou, através de sua Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento, um *Boletim Informativo de Pessoal*, com as características de publicação oficial do Instituto. Dentre diversas matérias de interesse interno dos servidores do Instituto, encontra-se no último número do Boletim (24), um artigo que, pelo seu teor, merece a mais veemente repulsa de todos os trabalhadores brasileiros. Trata-se da matéria intitulada «Mulher Casada, Flagelo da Previdência», assinada por Paulo dos Santos, agente do IAPI em Nova Friburgo, Estado do Rio.

Desprezando por completo a participação eficiente da mulher operária brasileira na produção do país, e, mais ainda, pintando um quadro mentiroso das necessidades que a levam a trabalhar, diz o artigo, que se abriga na provocativa publicação do IAPI, entre outros ditames: «Maria começa a trabalhar e tem 11 anos e uma vocação irresistível para o casamento. Trabalha porque precisa ajudar aos pais, comprar seu vestido, «balão», sapato «areia», pintar os lábios e não depender de namorado na compra da entrada para o cinema.»

Para o autor do artigo a mulher casada sonha com a aposentadoria definitiva, e para conquistá-la envida todos os expedientes. «No que toca ao IAPI (...) posso afirmar que um dos males que o afligem é o problema da mulher casada e desempregada, problema que repito — é grave, e pode e deve merecer mais atenção dos responsáveis pela nossa organização.»

«MAURICIO DE LACERDA, TRIBUNO DO POVO»

DIA 11, NA ABI Em prosseguimento ao ciclo de Palestras Sobre Problemas Nacionais, o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional patrocinará no próximo dia 11, terça-feira, às 18h 30m, na A.B.I. (8ª andar) a conferência do jornalista Maurício Caminha de Lacerda, intitulada: «Maurício de Lacerda, Tribuno do Povo».

Cineclubismo

A fim de orientar toda a produção de filmes em Cuba, o Governo Revolucionário criou o Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC), que está sob a direção de Alfredo Guevara (não é o «Che») e a colaboração de um grupo de jovens interessados em um cinema autêntico que possa expressar realmente o verdadeiro caráter e sentimentos do povo cubano. Ao ICAIC cabe, além da produção, a importação, distribuição e exibição de filmes em toda a Ilha, formando assim o ciclo completo para a exploração do comércio cinematográfico. No que se refere à produção, o Instituto começou do nada, porquanto em Cuba nada havia sido feito anteriormente, a não ser alguns filmes esporádicos realizados por empresas norte-americanas. Em cerca de dois anos de trabalho a nova entidade já produziu dezenas de curtas-metragens e documentários, tais como «Esta Tierra Nuestra», «La Vivienda», «Sexto Aniversário», «Un Año de Libertad», «El Ejército Rebelde», «Patria o Muerte», e alguns filmes de longa-metragem como «El Negro», «Carta a los Estudiantes Chilenos», «Venceremos», «Historia de la Revolución», «Cuba Baila», e até uma realização experimental «Relevo 18».

Como se pode constatar pelos títulos das películas, os temas escolhidos são todos inspirados nas recentes e atuais experiências passadas pelo heróico povo irmão. Transcrevemos um trecho de artigo de Alfredo Guevara publicado na revista Cine Cubano a propósito do assunto: «O tema de nossa Revolução não é propagandístico nem superficial, é a vida mesma. E por isso nosso tema. Não podemos separarmos-na da vida. Nem temos porque fazê-lo. Ela é variada, complexa, rica, inesgotável. Por outro lado, nada limita nossa expressão ou experiências porque todos os recursos da arte devem penetrá-la e contribuir para revelar suas facetas ou a modificá-las inclusive. Melhor será quem seja mais pura, melhor será quem melhor e mais profundamente se expresse, quem se apodere de toda a instrumental cinematográfica e o manuje menos explícita e mais artisticamente.»

Para realizar filmes em Cuba têm chegado à Ilha famosas cineastas europeias, onde se destacam os nomes de Doris Ivens e Cesare Zavattini, como o documentarista russo Roman Karmen. O primeiro dirigiu dois documentários, um sobre as Milícias Populares e outro sobre a Revolução Cubana, além de ensaios e conferências. Zavattini (O Ladrão de Bicicleta) escreveu a história do filme «El Joven Rebelde» a respeito de um camponês autêntico que se incorpora ao Exército Revolucionário, movido pelo instinto de justiça, defendendo uma fofada de consciência individual e coletiva, dentro do estilo já tão conhecido desse genial escritor italiano.

Longuínimos quanto experiência e conhecimentos, porém transmitiram esses grandes nomes da cinematografia mundial também foram tomadas pelo ICAIC no momento de exibições, e as grandes salas eram monopolizadas por grupos estrangeiros ligados aos americanos (como aqui, também), e, portanto, atualmente nacionalizadas a fim de que se possa oferecer ao público a melhor das obras a serem exibidas, e a fim de que se possa, através de tais experiências, nacionalizar os conhecimentos adquiridos.

«Mas, tais livros existem em quantidades insignificantes e nelas não são anotados regularmente as contribuições dos associados.»

«Com não há regularidade no preenchimento das cadernetas e como os livros registram apenas uma parte infínita das contribuições, se restava ao trabalhador, como prova de que pagara ao Instituto, a «Guia de Contribuintes». E, estas foram, destruídas.»

Cinema Cubano

«Mas, tais livros existem em quantidades insignificantes e nelas não são anotados regularmente as contribuições dos associados.»

«Com não há regularidade no preenchimento das cadernetas e como os livros registram apenas uma parte infínita das contribuições, se restava ao trabalhador, como prova de que pagara ao Instituto, a «Guia de Contribuintes». E, estas foram, destruídas.»

«Mas, tais livros existem em quantidades insignificantes e nelas não são anotados regularmente as contribuições dos associados.»

«Com não há regularidade no preenchimento das cadernetas e como os livros registram apenas uma parte infínita das contribuições, se restava ao trabalhador, como prova de que pagara ao Instituto, a «Guia de Contribuintes». E, estas foram, destruídas.»

que com 70% do salário mínimo regional alguém possa gozar uma vida tranquila já chega à loucura ou a ignominia.

Outra coisa que demonstra o grau de irresponsabilidade de articulista é o esquema simplório de sua «hipótese» da vida de um casal de associados do IAPI. Para o leitor desprevenido, chega a parecer que o maior sonho de uma mulher é casar-se com um inapiente, e depois engajar-se no cortejo de licenças e privilégios que o Instituto oferece.

E o pior de tudo é que a Redação do referido Boletim após ao artigo uma pequena nota que começa assim: «Ocorre realmente, o problema» focalizado pelo colega...» As alegações que faz nos resta perguntar: O IAPI é ou não é um órgão criado para atender aos interesses dos trabalhadores? Ou será para abrigar uma minoria de burocratas equivocados?

ARROLHADA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Por quinze votos contra doze, foi mantido o veto do governador à lei que decide sobre a irradiação dos trabalhos da Assembleia Legislativa. Essa medida antidemocrática e antipopular, que recebeu a aprovação da maioria da própria Assembleia, traz bem o espírito de Lacerda da provocação e do desrespeito às liberdades. Para mantê-la funcionaram os mesmos métodos já conhecidos: a distribuição de empregos e propinas destinadas a quebrar as resistências que, por sinal, não são muito fortes entre a maioria dos senhores deputados.

Fica assim o povo guanabario privado do direito de acompanhar pelo rádio a ação de seus representantes no Legislativo. A oposição, que se manteve firme na defesa desse direito, está se preparando para ir às praças públicas e, em comícios, dar conhecimento ao povo do que se passa dentro do Palácio Tiradentes.

Boletim do IAPI Destrata Sindicato e Trabalhador

O espantoso Boletim Informativo de Pessoal do IAPI, em seu número de outubro de 1960, na seção «Sugestões» comenta a viagem feita por um seu funcionário a diversas cidades do Rio Grande do Sul.

Acrescenta a propósito que o referido servidor «pode observar que há completa ignorância dos associados em relação ao seu vínculo com a Previdência Social, e também aos seus mínimos direitos e deveres.»

Ora, seria natural que esse servidor reconhecesse que, cabendo ao próprio Instituto a obrigação de levar ao conhecimento dos trabalhadores aquilo que ele pode obter da Previdência Social, e portanto do próprio IAPI, o agente dele a responsabilidade por qualquer desconhecimento do operário de seus direitos.

A direção do IAPI, com a conivência do DNPE, entregou a tarefa criminosa de destruir indiscriminadamente documentos da autarquia entre eles as «Guias de Recolhimento», listas onde estão inscritas as contribuições dos segurados. A medida, que já concretizou com a queima de todas as «Guias» do período de 1935 a 1950, prejudica enormemente a centenas de milhares de trabalhadores, pois, na maior parte dos casos constituem o único comprovante de que os mesmos contribuíram para o Instituto.

Uma parte da tarefa criminosa já foi consumada. A segunda está sendo preparada, a destruição das guias correspondentes aos anos de 1951 a 1960, que já se encontram em depósitos encontrados para serem incineradas. A consumação desse ato deixará a maioria dos trabalhadores segurados do IAPI completamente desamparados, já que são poucos os possuidores de cadernetas, e sem possibilidade de provar, um dia, que têm o direito de receber os benefícios assegurados pela lei.

AS «GUIAS»

Os documentos destruídos ou ameaçados de destruição, as «guias», são as listas contendo os recibos dos empregados que descontam para o Instituto. Tais listas são preparadas pelos empregadores e remetidas, juntamente com o dinheiro das contribuições, à direção do IAPI. Constituem, na prática, os únicos documentos em que constam os pagamentos feitos pelos segurados e através dos quais o poderão, um dia, provar, que descontaram para o Instituto. Destruídas as «guias», desaparecem as provas de pagamentos efetuados pelos empregados. Para se assinalar a natureza de que o IAPI consente em destruir os documentos do período de 1935 a 1950, basta dizer que a grande maioria dos trabalhadores que contribuíram para a autarquia nesse período não estão em condições de provar que o fizeram e poderão se ver privados dos benefícios a que têm direito.

CADERNETAS E LIVROS

Pela lei o Instituto deve entregar a cada associado uma caderneta onde são anotadas rigorosamente as suas contribuições. Entretanto, o que se verifica é que a lei não está sendo cumprida: menos da metade dos segurados não possuem a referida caderneta e, ainda mais, os que a possuem, geralmente não a têm em dia, já que o Instituto não se preocupa com isso.

Alindé pela lei, o IAPI deve manter um livro de registro onde deverão ser anotadas as importâncias das contribuições que eles fornecerem. Mas, tais livros existem em quantidades insignificantes e nelas não são anotados regularmente as contribuições dos associados.

«Com não há regularidade no preenchimento das cadernetas e como os livros registram apenas uma parte infínita das contribuições, se restava ao trabalhador, como prova de que pagara ao Instituto, a «Guia de Contribuintes». E, estas foram, destruídas.»

A COMPLICAÇÃO DO «NOME»

Outra questão que prejudica e, igualmente, os trabalhadores segurados do IAPI, é a orientação que o mesmo adota para o recolhimento de contribuições. O sistema é conhecido como recolhimento «em nome». Processa-se da seguinte maneira: a firma X recolhe ao IAPI a importância de Y cruzeiros. Não especifica

qual são os contribuintes, apenas diz que é em nome da firma. Cabeira ao Instituto, verificar quais são os empregados daquela firma e creditar a cada um as quantias respectivas. Isso, entretanto não ocorre, e o resultado é que agora mesmo está se verificando a maior barbárie com os trabalhadores que foram empregados da X firm na cidade de Rio Grande.

Essa empresa nem sempre recolhe as contribuições especificadas. Seus pagamentos eram feitos em nome de Swift do Brasil e como o IAPI nunca ficou para a especificação, hoje os empregados do escritório estrangeiro não conseguem provar na Justiça do Trabalho que ali trabalharam.

OS SINDICATOS REAGIRÃO

«Ovidio, a respeito, diversos dirigentes sindicais mostraram-se surpresos com o que está ocorrendo no IAPI e declararam que reagirão em demora, exigindo completo esclarecimento dos fatos, em defesa de seus companheiros de trabalho.»

NUMA SOCIEDADE FEITA PARA OS HOMENS A MULHER É IGUALADA AOS SILVÍCOLAS

A situação social da mulher tem sido sempre colocada em grau de inferioridade de direitos em relação ao homem. Numa sociedade elaborada, em seus aspectos jurídicos, pelo próprio homem, a mulher jamais pôde elevar-se ao usufruto de uma condição de inteira igualdade com o outro sexo. Apenas nos países socialistas é que foram definitivamente apagados os vínculos que mantinham o sexo feminino numa situação permanente ao sexo masculino.

Nas sociedades organizadas de um ponto-de-vista patriarcal, como é o caso do Brasil, a mulher foi sucessivamente colocada sob o tábulo de leis discriminatórias, que cercavam, no fundamental, a sua própria liberdade de ação. O preconceito do «sexo frágil» (em serviço para criar uma romântica auréola de incapacidade em torno da mulher, mascarada sob estranhos mitos de «feminilidade eterna», de «divindade da mulher», no fundo, são instrumentos para mentir a escravidão à vontade do homem.

E é nas sociedades capitalistas que esse processo assume as mais estranhas características, encontrando-se países, como a Suíça, onde até hoje a mulher não tem direito a voto. São muitos os exemplos de inferioridade social a que a mulher está sujeita em inúmeros países, e, no Brasil, podemos ilustrar essa situação com o nosso Código Civil.

NAPOLEÃO E O AVÓ

Baseado no antigo Código Napoleônico, de 1804, o nosso Código Civil consagra o princípio patriarcal do antigo Direito Romano que colocava a mulher eternamente na dependência do marido: dos filhos ou de seus parentes masculinos.

O imperador francês redigiu o famoso artigo 213 de seu código que diz: «A mulher deve obediência ao marido». Como se sabe, Napoleão costumava declarar que a mulher devia ocupar-se apenas das crianças, assim como cuida o hortelão das hortaliças.

A realidade no Brasil já demonstrou, à sociedade, que as relações jurídicas consignadas nos códigos, em relação à mulher estão completamente superadas. Por força do próprio desenvolvimento que o mundo inteiro atravessa, com o exemplo dos países socialistas no que diz respeito à mulher, e da própria etapa de evolução em que nos encontramos, a mulher brasileira tem aos poucos quebrado tabus medievais nascidos sob relações sociais já completamente ultrapassadas.

A mulher brasileira já exerce as mais variadas profissões, sendo que, no Serviço Público Federal, sua participação já se eleva a cerca de 40 por cento do total de servidores.

A MULHER CÁSDA

Com relação à posição da mulher casada na sociedade, existe um comportamento formal específico, sendo que, perante a lei, ela é colocada numa situação odiosa e humilhante, criada por artigos vexatórios inseridos no Código Civil, os quais não constavam do projeto redigido por Clóvis Beviláqua, e que foram introduzidos no plenário da Câmara, no ser aprovado a redação final, há quase meio século.

«A medida em que vão tomando forma as denúncias, depoimentos e declarações a respeito do escândalo «raça» do Jogo-do-bicho e do inocente na Guanabara, firmadas na opinião pública e feita de que é indispensável e inadiável o afastamento de Carlos Lacerda do governo do Estado, a fim de que se torne possível apurar, de fato, as responsabilidades.»

«Em verdade não pode ser outro o comportamento de nenhum cidadão da Guanabara, que preso o nome, as tradições e as glórias da terra em que vive, mesmo que nela não tenha nascido. Estaríamos diante de um dos escândalos mais ruidosos e mais «aprimorados» de todos os tempos, dentro os implicados, como maior responsável, figura o governador do Estado. Principalmente depois do «balé» de ingenuidades dançado por Lacerda, dizendo que «não sabia», que não «pensava», que «recebia o dinheiro dos bicheiros para ver até onde ia a audácia dos contraventores», ficou mais do que provada a sua responsabilidade, como maior beneficiário, nesse escabroso negócio. Sobejamente caracterizado como delinqüente, Lacerda não pode continuar à frente do governo do Estado, pois ninguém poderá ter dúvidas de que usará todo o prestígio e a força de cargo para tumultuar o processo e safar-se da enxada.»

«A esta altura, Lacerda representa um perigo público, pois não se deterá diante de nada. É um delinqüente armado. A arma é o governo do Estado. O uso que dela fará, ninguém pode prever. Portanto, o criminoso precisa ser desarmado, isto é, afastado do governo do Estado.»

«A Assembleia Legislativa e ao Poder Judiciário cabe tomar essa atitude saneadora. Não valem os argumentos dos que (inclusive Lacerda) querem chegar ao fim das sindicâncias para pedir o afastamento do governador. Os fatos que irriminam Lacerda são públicos, notórios e confessados, não é preciso provar mais nada. Afastar-se Lacerda, como meio de chegar-se até o fim das falcatruas e promover o competente processo criminal. É isto e que todo o Brasil espera. O resto é contornar com Lacerda, dar-lhe tempo e oportunidade para desviar as acusações e sair-se bem.»

«Impõe-se, assim, uma ação rápida, enérgica e definitiva contra Lacerda. Um governador eleito por fraude, como já ficou demonstrado pela própria Justiça Eleitoral, e que se envolve em negócios sujos como esse do «bicho» e do leucocínio, não deve continuar governando.»

«Não é possível que o povo da Guanabara continue por mais tempo sendo governado pelos Abades, pelos Lima, pelos Barulhos e Lacerdas, componentes da «gang» de contraventores que infesta a cidade.»

«Com a palavra a Assembleia Legislativa e o Poder Judiciário. Que saibam cumprir seus deveres, é que o povo espera.»

«Os maiores de 15 anos e os menores de 21;»

«I — As mulheres casadas enquanto subsistir a sociedade conjugal;»

«III — Os pródigo;»

«IV — Os silvícolas.»

«Essa forma, a mulher que se encontra em pleno exercício de sua igualdade constitucional em relação aos homens, ao casar-se, perde-a completamente. Proíbe-se à mulher trabalhar, viajar para o estrangeiro, abrir conta em banco, enfim, praticar os atos comuns da vida, sem o consentimento do marido, mesmo quando é ela que sustenta a família.»

«As restrições são tão absurdas que se chocam com as necessidades sociais e econômicas do trabalho feminino, desde o advento da Revolução Industrial, em 1873. Tornam-se inexecutáveis, embora selem uma ameaça permanente a seus direitos.»

«Diz o artigo 233 que «o marido é o chefe da sociedade conjugal» e «competente»;

«I — A representação legal da família;»

«II — A administração dos bens comuns e dos particulares da família;»

«III — O direito de fixar e mudar o domicílio da família;»

«IV — O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do lar conjugal;»

«V — Prover a manutenção da família.»

«A mulher casada também não pode, sem autorização do marido, segundo reza o artigo 242 do Código, «aceitar ou renunciar herança ou legado». Não tem o direito, pelo artigo 240, a modificar o regime de bens «que entre os cônjuges começa a vigorar desde a data do casamento» e é irrevogável.

«Mas, há outra restrição que vai além dos prejuízos à sua carreira, do esbanjamento dos frutos de seu trabalho ou de herança, da impropriedade da fixação do domicílio conjugal, porque afeta o sentimento, mais sagrado da mulher, o amor pelos seus filhos. Essa restrição é o pátrio poder, que nunca pode exercer plenamente quando a mulher torna a casar-se. Diz o artigo 393: «A mãe que contrair novas núpcias, perde quanto aos filhos do lar anterior os direitos de pátrio poder.»

Imediato Afastamento de Lacerda

Orestes Timbaúva Rodrigues

«A medida em que vão tomando forma as denúncias, depoimentos e declarações a respeito do escândalo «raça» do Jogo-do-bicho e do inocente na Guanabara, firmadas na opinião pública e feita de que é indispensável e inadiável o afastamento de Carlos Lacerda do governo do Estado, a fim de que se torne possível apurar, de fato, as responsabilidades.»

«Em verdade não pode ser outro o comportamento de nenhum cidadão da Guanabara, que preso o nome, as tradições e as glórias da terra em que vive, mesmo que nela não tenha nascido. Estaríamos diante de um dos escândalos mais ruidosos e mais «aprimorados» de todos os tempos, dentro os implicados, como maior responsável, figura o governador do Estado. Principalmente depois do «balé» de ingenuidades dançado por Lacerda, dizendo que «não sabia», que não «pensava», que «recebia o dinheiro dos bicheiros para ver até onde ia a audácia dos contraventores», ficou mais do que provada a sua responsabilidade, como maior beneficiário, nesse escabroso negócio. Sobejamente caracterizado como delinqüente, Lacerda não pode continuar à frente do governo do Estado, pois ninguém poderá ter dúvidas de que usará todo o prestígio e a força de cargo para tumultuar o processo e safar-se da enxada.»

«A esta altura, Lacerda representa um perigo público, pois não se deterá diante de nada. É um delinqüente armado. A arma é o governo do Estado. O uso que dela fará, ninguém pode prever. Portanto, o criminoso precisa ser desarmado, isto é, afastado do governo do Estado.»

«A Assembleia Legislativa e ao Poder Judiciário cabe tomar essa atitude saneadora. Não valem os argumentos dos que (inclusive Lacerda) querem chegar ao fim das sindicâncias para pedir o afastamento do governador. Os fatos que irriminam Lacerda são públicos, notórios e confessados, não é preciso provar mais nada. Afastar-se Lacerda, como meio de chegar-se até o fim das falcatruas e promover o competente processo criminal. É isto e que todo o Brasil espera. O resto é contornar com Lacerda, dar-lhe tempo e oportunidade para desviar as acusações e sair-se bem.»

«Impõe-se, assim, uma ação rápida, enérgica e definitiva contra Lacerda. Um governador eleito por fraude, como já ficou demonstrado pela própria Justiça Eleitoral, e que se envolve em negócios sujos como esse do «bicho» e do leucocínio, não deve continuar governando.»

«Não é possível que o povo da Guanabara continue por mais tempo sendo governado pelos Abades, pelos Lima, pelos Barulhos e Lacerdas, componentes da «gang» de contraventores que infesta a cidade.»

«Com a palavra a Assembleia Legislativa e o Poder Judiciário. Que saibam cumprir seus deveres, é que o povo espera.»

«Os maiores de 15 anos e os menores de 21;»

«I — As mulheres casadas enquanto subsistir a sociedade conjugal;»

«III — Os pródigo;»

«IV — Os silvícolas.»

«Essa forma, a mulher que se encontra em pleno exercício de sua igualdade constitucional em relação aos homens, ao casar-se, perde-a completamente. Proíbe-se à mulher trabalhar, viajar para o estrangeiro, abrir conta em banco, enfim, praticar os atos comuns da vida, sem o consentimento do marido, mesmo quando é ela que sustenta a família.»

«As restrições são tão absurdas que se chocam com as necessidades sociais e econômicas do trabalho feminino, desde o advento da Revolução Industrial, em 1873. Tornam-se inexecutáveis, embora selem uma ameaça permanente a seus direitos.»

«Diz o artigo 233 que «o marido é o chefe da sociedade conjugal» e «competente»;

«I — A representação legal da família;»

«II — A administração dos bens comuns e dos particulares da família;»

«III — O direito de fixar e mudar o domicílio da família;»

«IV — O direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do lar conjugal;»

«V — Prover a manutenção da família.»

«A mulher casada também não pode, sem autorização do marido, segundo reza o artigo 242 do Código, «aceitar ou renunciar herança ou legado». Não tem o direito, pelo artigo 240, a modificar o regime de bens «que entre os cônjuges começa a vigorar desde a data do casamento» e é irrevogável.

«Mas, há outra restrição que vai além dos prejuízos à sua carreira, do esbanjamento dos frutos de seu trabalho ou de herança, da impropriedade da fixação do domicílio conjugal, porque afeta o sentimento, mais sagrado da mulher, o amor pelos seus filhos. Essa restrição é o pátrio poder, que nunca pode exercer plenamente quando a mulher torna a casar-se. Diz o artigo 393: «A mãe que contrair novas núpcias, perde quanto aos filhos do lar anterior os direitos de pátrio poder.»

A Cidade

Ana Montenegro

As notícias chegadas a esta coluna, por carta, de alguns Estados, não são alentadoras. Pelo contrário. No Paraná, por exemplo, há mesmo inverno: a temperatura tem oscilado entre 3 e 4 graus. Os recortes de jornal mostram pessoas dormindo ao relento, em frente à Estação Rodoviária. Homens e mulheres, a maioria — dezenas de miseráveis — é de nordestinos doentes e desempregados. E uma dessas madrugada de frio e de abandono, um homem foi levado ao Pronto Socorro em estado de coma. Era João dos Santos Ribeiro, cearense, de 45 anos. No ano passado duas pessoas morreram de frio, no mesmo local. Enquanto os fazendeiros de café, no Paraná, improvisam fortunas incalculáveis, os que vão de longe para plantar, não colhem, se quer, os frutos que lhes dão direito a um abrigo. E é tão pouco: um abrigo, um cobertor, qualquer recurso que os ajude a não morrer de frio, nas madrugadas de inverno do Paraná... E' uma terra dessas que os governantes, onchem a boca de liberdade e justiça. Perguntem aos nordestinos que morrem de frio no sul, o que é liberdade e justiça. Traçam-nos enrolados em folhas de jornal, para esses programas de perguntas e respostas na televisão, e eles dirão o que entendem por justiça e liberdade.

Da Bahia, conta o leitor que um americano, Leopold Arnaud, anda fazendo conferências e prometendo bônus de estudo. Os estudantes baianos agradecem penhorados o interesse. No dia 2 deste mês festejaram os heróis de Pirajá. Mas Mr. Arnaud declarou numa entrevista que a viagem econômica de Gagarin já não o emociona, está velho. Mas não se impressiona o leitor, porque os heróis são sempre jovens, e os americanos estão ficando velhos e doentes. Gagarin, por exemplo, nunca ficará velho. Segundo declarações de J. H. Steinbeck (Vinhos da Ira), numa entrevista através da televisão, a situação de muita gente, como Mr. Arnaud, é a seguinte: «Hoje em dia nos Estados Unidos, as pessoas convidadas para um coquetel não vêm acompanhadas da mulher, do marido ou da amante, mas do seu psiquiatra.»

Como se vê, uns morrem de frio e outros vivem angustiados no mundo capitalista, por isso as notícias não são alentadoras.

Brocoió em Foco

Zé Vicente

Em Brasília, Sérgio Magalhães disse duas verdades singelas. Primeiro: o escândalo do dinheiro do «bicho» para a Fundação Otávio Mangabeira jogou por terra a lenda do combate à corrupção que serviu de bandeira ao companheiro de Raul Barulho. Segundo: a filantropia a limpa ou a suja, que se exerce com fundos obtidos nos arrastais da contravenção não pode ser adotada como norma para a solução, pelos governos, de problemas administrativos. Argumenta Sérgio Magalhães que se há dinheiro demais na mão de alguns ricos, se esse dinheiro é tanto que eles largam as sobras para instituições do tipo da Fundação Otávio Mangabeira, então por que não se reforma o sistema tributário, de forma a se cobrar mais impostos dos mais ricos e menos impostos dos mais pobres?

As duas verdades formuladas em Brasília por Sérgio Magalhães são irretocáveis. De fato, não se combate a corrupção tomando dinheiro dos bicheiros. E quanto à filantropia de «armadilhas» como a Fundação Otávio Mangabeira, ela só interessa a Lacerda por se prestar a toda sorte de malabarismos administrativos e políticos.

Além de vida mais cara:

Instrução 208: Nôvo Golpe Nas Emprêsas Estatais

O governo baixou, finalmente, a Instrução 208 da SUMOC. Com ela, passam a ser feitas pelo chamado mercado livre de câmbio, a um dólar que é atualmente vendido por cerca de 260 cruzeiros, importações que antes eram feitas ao câmbio de custo: 100 cruzeiros e 200 cruzeiros a partir daquela data. As importações que gozavam da regalia do câmbio de custo eram as seguintes: petróleo e derivados, trigo, papel para a imprensa e a impressão de livros, fertilizantes e inseticidas, investimentos considerados essenciais ao processo de desenvolvimento econômico ou à segurança nacional, bem como equipamentos, peças e sobresselentes, sem similar nacional, destinados a empresas jornalísticas e editoriais. Dentre essas itens, os de maior significado são o petróleo e derivados, o trigo e os equipamentos industriais.

MAIOR CARESTIA

Desde já, torna-se claro, portanto, que um novo impacto de elevação do custo de vida se abaterá sobre o povo, como consequência da majoração do preço de produtos como petróleo, trigo, etc. Sobre isso, aliás, o próprio ministro Clemente Mariani admitiu-nos em sua exposição, embora insistindo na baleia dos 2 por cento em que o sr. Jânio Quadros se afundou da outra vez. Como se sabe, o aumento do custo de vida em abril último — de 4,8 por cento — bateu todos os recordes de carestia, mesmo aqueles registrados no governo inflacionista do sr. Juscelino Kubitschek.

OS COMUNISTAS E A QUESTÃO AGRÁRIA

O número 1 de 1961 da revista PROBLEMAS DA PAZ DO SOCIALISMO tem entre seus artigos um que merece especial destaque: "Para novas vitórias do movimento comunista mundial". É mais do que um artigo: é um relatório do XI Congresso Mundial do Partido Comunista realizado em Moscou. Nesse trabalho se faz uma análise minuciosa das principais características da época em que vivemos, dos problemas que enfrenta a construção do socialismo na URSS e as perspectivas do desenvolvimento do sistema socialista mundial.

Questões da máxima atualidade são tratadas entre elas as possibilidades de evitar uma nova guerra mundial e a liquidação do colonialismo e os caminhos do desenvolvimento dos países emancipados, problemas ideológicos do movimento comunista.

Na seção Intercâmbio de Opiniões debate-se outro assunto da ordem do dia em muitos países inclusive no Brasil: A questão agrária e o movimento de libertação nacional com contribuição de um artigo de um cubano um argentino, um indiano um soviético e um italiano. Chamamos a atenção dos leitores de PPS para este importante debate que prossegue na coletânea revista Intercâmbio. Atendemos a pedidos e assinaturas em nossa administração, à Rua da Assembleia 24, 2º andar sala 204 Rio — Estado da Guanabara. Preço do exemplar Cr\$ 30,00. Nas bancas o livrarias.

Assim, aos protestos que se fazem ouvir em todo o país contra as medidas governamentais que estão no raio do aumento do custo de vida, responde o governo adotando medidas que visam agravar mais ainda a situação dos assalariados. As reivindicações do povo faz ouvir de mercador.

Outro, porém, é o seu procedimento quando se trata de reclamos dos banqueiros e grandes industriais. Solicito às queixas dos tubarões, o governo, através da Instrução 208, adota providências em seu favor, na área do crédito. A Instrução 208 pateteia esse procedimento: para o povo, mais arrocho; para os tubarões, concessões.

LIQUIDAÇÃO DO CÂMBIO DE CUSTO

Com seu faro de reacionário e testa-de-ferro do capital estrangeiro, o sr. Eugênio Gudin assim se pronunciou sobre a Instrução 208: "A Instrução 208 é o corolário da 204 e acaba, definitivamente, com o câmbio de custo. O mais são detalhes".

De fato, esse é o sentido profundo e de longo alcance da Instrução 208: acaba com o câmbio de custo, pondo termo ao elemento mais positivo da política econômica do Brasil há mais de 20 anos. Esse elemento é o controle de câmbio, através de suas várias formas, uma das quais foi o câmbio de custo. Agora, praticamente, desapareceu o controle de câmbio. Se excluímos o café cujas divisas provenientes da exportação acham-se sob controle, mas em exclusivo benefício dos próprios latifundiários do café — os poucos artigos importados mediante licenças (categoria especial) e sem maior significado e o cacau, tudo o mais passou para o chamado mercado livre. Está cumprida uma das imposições do FMI, aquela que abriu caminho para as demais — para uma maior sujeição da economia nacional aos monopólios imperialistas. Com o novo regime, ficam suprimidas, virtualmente, as defesas de que dispunha a economia nacional para expandir-se de modo independente e abertas amplamente as portas para a entrada do capital de fora.

SIGNIFICADO DO CONTRÔLE DE CÂMBIO

Se o Brasil não tivesse adotado, no passado, a po-

RÁDIO DE MOSCÔU TRANSMISSÕES PARA O BRASIL

Ondas:	Frequências:
25 metros	11,87 megacíclos 11,92 "
31 metros	9,47 megacíclos 9,78 "
	9,8 "
	11,75 "
	11,79 "
41 metros	7,215 megacíclos 7,37 "

Diariamente, das 19 às 21 horas.

lítica de controle do câmbio, e não certo como dois e dois são quatro, que hoje não poderiam existir empresas como a Petrobrás, Volta Redonda, Vale do Rio Doce, Fábrica Nacional de Motores, Companhia Nacional de Alcaali e outras que representam o setor mais progressista da economia nacional. Essas empresas só puderam existir porque o governo colocou-se à frente delas, criando para as mesmas uma série de favores, inclusive cambiais. Só puderam existir porque foi o governo e não particulares impotentes os que enfrentaram os interesses contrariados dos trustes internacionais — os trustes do petróleo e do aço, do alcaali e do ferro, monopolizados como a Esso e a Shell, a United States Steel e a Bethlehem Steel, a Dupont ou a Hanna. Não é preciso descer a detalhes acerca dos enormes benefícios que essas empresas estatais trouxeram à economia do país, possibilitando o surgimento de numerosas empresas nacionais de capitais privados, cuja existência independente seria sem elas simplesmente inconcebível.

Essas empresas, pelo êxito que obtiveram, assessoraram um golpe irremediável na tese imperialista — repetida, aliás mais de uma vez, pelo sr. Jânio Quadros — de que o Estado é mau administrado. Com efeito, levando em conta o enorme progresso realizado pela Companhia Siderúrgica Nacional, hoje produzindo mais de 1 milhão de toneladas de aço; pela Petrobrás, que está em vias de tornar o Brasil auto-suficiente em matéria de refino de derivados de petróleo e que em apenas seis anos multiplicou por dez o seu capital; pela Companhia Vale do Rio Doce que salvou o nosso minério de ferro de cair nas garras dos trustes e que, além de outros magníficos resultados, possui por exemplo, a mais bem administrada e eficiente ferrovia brasileira. Em face desses exemplos concretos é preciso uma forte dose de desrespeito à verdade para insistir na tese de Estado mau administrador.

O GOLPE

Polis foram justamente essas empresas as maiores beneficiárias do câmbio de custo. Entre todos os pagamentos feitos de juros e amortizações de 1955 a 1959, num total de 923 milhões de dólares — excluído o trigo e o petróleo e o papel de im-

prensa — nada menos de 649 milhões o foram pelas empresas estatais, ou seja, 70 por cento do total. Para efetuar esses pagamentos, elas compravam o dólar a uma taxa sensivelmente inferior à do câmbio livre. A partir da Instrução 204 e, agora, da 208, para comprar os dólares de que necessitam para o mesmo fim, terão que realizar um dispêndio em cruzeiros muitas vezes maior.

Afirma-se que somente com a Instrução 204, apenas cinco empresas estatais tiveram em consequência da passagem do câmbio de custo de 100 para 200 cruzeiros, um aumento de cerca de 50 bilhões de cruzeiros em seu passivo; com a Instrução 208, tal cifra terá um acréscimo de 30 por cento, ou mais 15 bilhões de cruzeiros. Em outras palavras, são 65 bilhões de cruzeiros que somente cinco empresas estatais terão que aplicar na compra de dólares para atender compromissos em moeda estrangeira, e, portanto, automaticamente desviados de um emprego produtivo dentro das próprias empresas.

Isso, porém, não é tudo. No caso da Petrobrás, a recente redução dos preços do gás liquefeito e do querosene determinada pelo sr. Jânio Quadros, acarretará uma redução da receita da empresa estatal da ordem de 200 milhões de cruzeiros por mês, ou 2,4 bilhões de cruzeiros por ano.

No caso da Companhia Siderúrgica Nacional (Volta Redonda), é fácil de perceber o prejuízo que ela sofreu com o aumento do preço do carvão importado de 100 para 200 cruzeiros por dólar e agora, de 200 para 260 cruzeiros.

Em geral, se algumas empresas estatais, com a Instrução 204, tiveram seu prejuízo reduzido ao ser aumentado de 100 para 200 cruzeiros o câmbio de custo, porque também houve aumento da cotação do dólar no câmbio livre (caso da Vale do Rio Doce, por exemplo, sabido que as cambiais da exportação do minério de ferro já estavam antes no mercado livre), agora, com a Instrução 208, todas serão sobrecarregadas com novas despesas.

PARA «CONFIRMAR» A TESE

Assim de ônus em ônus, as empresas estatais vão tendo reduzida sua capacidade de expansão e até mesmo de existir nas dimensões atuais. E se essas medidas não forem suficientes para transformá-las em empresas deficitárias, o governo tomará outras medidas para oferecer novos argumentos aos defensores da tese imperialista do "Estado mau administrador". Já foi divulgado, por exemplo, que a Unifac pagará suas dívidas à Previdência Social com ações dessas empresas. Será uma reavaliação do seu capital entrará as ações correspondentes e as entregará aos credores. Com isso, as empresas estatais não apenas não ganharão coisa alguma como sofrerão prejuízos.

Em suma, a Instrução 208 torna bem mais visível o sentido geral da política econômico-financeira do governo atual: abrir ainda mais as portas do país ao capital imperialista, através de medidas como a desmoralização e, em seguida, a liquidação das empresas estatais, que são um dos principais obstáculos ao domínio da economia nacional pelos trustes estrangeiros. Eliminadas as empresas estatais, terá desaparecido o maior dique à expansão do capital imperialista. Depois disso, será uma doce ilusão imaginar que as empresas privadas de capital nacional poderão resistir à pressão imperialista.

Tudo enfim, como preconiza o FMI e como foi feito na Argentina. E outra não é a razão de agentes conscientes do imperialismo — jornais como o "Estado de São Paulo", o "Correio da Manhã", "O Globo", "Elementos como Eugênio Gudin, Roberto Campos, etc. — estarem embandeirados em arco com as Instruções da SUMOC.

Essa política é o mais sério desafio às forças nacionalistas e a todos os que lutam por uma economia nacional: próspera e independente.



Cubanos voltam à Pátria livre

Vem crescendo sensivelmente nos últimos meses o número de cubanos que residiam nos Estados Unidos — para onde iam, anos atrás, fugindo ao desemprego e ao terror da tirania de Batista — e agora voltam à sua pátria, integrando-se no trabalho criador de todo o povo e servindo à causa da revolução. Na "democracia" norte-americana são esses cidadãos cubanos, desde que manifestem o amor por sua pátria e a mais livre simpatia pela revolução, vítimas das piores perseguições. Na foto acima, 163 repatriados cubanos, que tinham residência nos Estados Unidos, desceram do navio "Cavodonga" no porto de Havana,

com suas famílias. Encontram agora uma pátria realmente livre, democrática e que oferece a todos os seus verdadeiros filhos a oportunidade de lhe ser úteis e, ao mesmo tempo, a garantia de um futuro de bem-estar e felicidade. Os repatriados recebem do Governo Revolucionário, assim que chegam a Cuba, habitação e emprego. Com esse objetivo foi criado pelo Governo um departamento especial. Cuba não é mais um quintal dos monopólios americanos ou uma senzala dos latifundiários. Na gloriosa ilha um povo valente e capaz constrói uma nova vida, livre e feliz.

DE GAULLE ESTÁ PERDENDO A GUERRA DAS VERDURAS

Georges Fournial (Correspondente de NR em Paris)

Parco que finalmente o verão chegou à França, tão tardamente quanto a primavera foi precoce. No novo calor, nesses últimos dias, milhares de tratores agrícolas rodaram pelas estradas da Bretanha e o estrépito de seus motores fez-se ouvir pelas pequenas aldeias da região. Foi a maneira pela qual os camponeses bretões manifestaram sua cólera; há oito dias, e a partir daí por várias vezes, a surpresa das autoridades foi completa: mobilizados durante a noite por discretos emissários dos sindicatos agrícolas, os tratores e seus rebocos cheios de homens saíram pela madrugada, obstruíam as estradas, onde bloqueavam a circulação normal, impediam durante várias horas as ferrovias, entravam numa pequena cidade invadindo as suas e as praças, às vezes chegando mesmo a ocupar os escritórios administrativos. Grandes comícios reuniam milhares de rudes camponeses nas praças públicas.

Normalmente, depois de haver clamado por muito tempo sua cólera e afirmado, em resposta aos apelos de seus líderes, violenta vontade de ação, todos voltavam para casa calmamente. Mas, por várias vezes, os membros da polícia de choque, enviados à Bretanha pelo governo, entraram em luta contra a multidão de camponeses: houve tiros, grandes de gás lacrimogêneo, feridos. Houve também, prisioneiros: dois líderes campones-

ses foram presos, outros andam foragidos.

O governo está agitado, inquieto. O movimento estende-se: elementos suspeitos, deslejos de aproveitar a agitação camponesa em benefício da extrema direita, infiltraram-se nas manifestações: nas paredes e nas estradas seus "slogans" fascistas aparecem ao lado do desenho do garfo simbólico das reivindicações agrícolas. Mas, ainda há coisa pior para intranquilizar o governo: primeiramente em toda a região, depois em todo o país, as organizações camponesas se solidarizam com os bretões: reclamam-se a libertação dos presos, assim como o estabelecimento de uma política agrícola nova. Em St-Nazaire, fato novo e significativo, realizou-se um comício na maior praça da cidade convocando unitariamente, oelas sindicatos camponeses e os sindicatos operários. No dia 27 de junho, em departamento do centro da França os tratores, carroças e máquinas agrícolas impediram as estradas. No zeste, onde se produzem legumes e frutas "temporais", e também no Midi vitícola, a agitação aumentou, dia a dia e se preparam reuniões.

A causa imediata do descontentamento camponês é a venda a preços infâmicos das batatas. No ano passado, foi a mesma coisa com as alencofas... O poder — e também alguns políticos locais e certos dirigentes das

associações agrícolas — esforça-se para fazer crer que esses preços baixos e essas causas técnicas, e que basta organizar melhor os mercados, as comunicações e os transportes para remediar o problema. E' esse o sentido de algumas dessas administrativas que o Conselho de Ministros, inquieto com a amplitude do movimento camponês, tomou a toda pressa. Mas os agricultores começam a compreender que as causas de suas dificuldades são mais profundas: principalmente na Bretanha, f' diram-lhes há anos que aumentassem a produção de seu trabalho e seus produtos; seguram esses conselhos, e eles impossibilitados de recolher o fruto de seus esforços. A verdade não é técnica: através de toda a França há bastante de tudo entre os camponeses, porque centenas de milhares de famílias operárias e a grande massa dos velhos trabalhadores não podem manter a fome, em virtude de seu insustentável poder de compra. Esse subcomício, exacerbado pelo desorgem capitalista, o poder camponês, evolucionamento, de superprodução.

Além disso, em virtude do Mercado Comum Europeu, a França importa cada vez mais produtos agrícolas estrangeiros; enquanto que sua própria produção de legumes aumentava, ela importava 550 000 toneladas em 1960, contra 530 000 em 1958. E evidentemente a competição que se dá do grande capital, que se deve impuser o preço de que não volta-

os camponeses franceses.

O governo, sempre mandando reforços maciços de polícia para as regiões mais agitadas — em primeiro lugar a Bretanha, mas já agora pelo menos dois terços do país — esforçou-se para diminuir a cólera camponesa. O Tribunal de Rennes soltou os dois líderes bretões que estavam presos e o Diário Oficial publicou alguns decretos que pretendem — em futuro longínquo — regulamentar os mercados agrícolas e a formação profissional. O próprio primeiro-ministro Debré buscou sair um mais meliflo para se dirigir pelo rádio aos camponeses. O efeito de sua eloquência não parece ter sido decisivo: em Pau, sua efípie, em forma de boneco, foi simbolicamente enfiada no balcão da Prefeitura, e seu ministro da Indústria e do Comércio, de passagem por essa cidade, foi cercado pela manifestação camponesa e obrigado a ir a pé, sob vigilância, à estação.

Se as políticas gaullistas não são as causas das organizações camponesas no campo, a situação camponesa não pode ser resolvida sem um plano de desenvolvimento agrícola de longo prazo, que permita a recuperação da ruína, permitindo reparar novas experiências. As "políticas de choque" camponesas não são trabalho nas estradas e na terra.

E' preciso um plano para a agricultura que não seja apenas um plano de paz dos tratados e das declarações, mas um plano de desenvolvimento que permita a agricultura voltar a ser produtiva e a trazer o lucro de que não volta-

Berlim é Arma do Ocidente Para Ameaçar a Paz Mundial

Luiz Gazzaneo

que as potências ocidentais concordem com o desarmamento geral e completo".

A questão alemã, que atualmente centraliza as atenções do mundo, se apresenta aparentemente como a mais complexa. Mais de 16 anos já se passaram do fim da guerra que esmagou o nazifascismo. Os acordos então assinados entre os aliados (Itália e Potsdam) sobre o destino da Alemanha no longo período que se inaugurava no mundo, já caíram no esquecimento dos povos. O que concordaram então os aliados (URSS, Inglaterra, França e Estados Unidos)? Que a nova Alemanha seria um Estado pacífico, jamais se permitindo o ressurgimento do militarismo que levou o mundo a duas guerras sangrentas, que o Tratado de Paz a ser assinado com o país derrotado levaria em conta essas questões e a realidade nova derivada da guerra.

Polis bem, é um Tratado de Paz tendo em conta esses fatos que a União Soviética pretende assinar com a Alemanha. Nesse sentido, já em 1958 o governo soviético propôs aos países ocidentais uma fórmula, agora reiterada pelo memorando entregue por Kruschov ao presidente Kennedy durante a conferência de Viena, em torno da qual todas as nações aliadas na luta contra o nazismo puderam sentar-se numa mesa de conferência e resolver definitivamente o problema alemão. Sugeriu ainda, a URSS, uma regulamentação coerente do problema de Berlim ocidental, propondo a sua transformação em cidade-livre e neutra e dando à sua população o pleno direito de decidir dos destinos da parte ocidental da antiga capital.

Contra essas proposições, os componentes do bloco atlântico, capitaneados pelos Estados Unidos, se insurgem e procuram almentor uma situação de tensão que leva a pôr a paz em perigo.

As potências ocidentais, a partir de 1948 e violando todos os acordos firmados durante a guerra com a União Soviética, transformaram a Alemanha ocidental num Estado poderoso e armado. Os círculos imperialistas norte-americanos e os governantes dos Estados Unidos manobram no sentido de alicerçar "concomitantemente o governo de Adenauer, prestígio e "continuar a prestígio alemão, a antiga capital está dividida em quatro zonas de ocupação determinadas pelos acordos de Potsdam e

uma parte dela — em instrumento bélico para ser utilizado eficazmente numa eventual agressão contra a União Soviética. Repetiu-se, nesses anos do pós-guerra, o mesmo que ocorreu depois do término da conclusão de 1918, quando os norte-americanos financiaram o rearmamento da Alemanha e permitiram a Hitler erguer o potencial bélico que levou o mundo à trágica segunda conflagração. Depois de 1950, quando a guerra-fria atingiu seu auge, os norte-americanos forçaram os governos da OTAN a aceitar a inclusão da Alemanha de Adenauer no bloco Atlântico, promovendo a sua remilitarização graças ao acordo de Paris e, em seguida, dando a nova potência que surgiu no panorama da Europa uma posição de amplo destaque na direção da política militar daquela organização. Hoje, antigas tropas nazistas comandam tropas da OTAN e contingentes da nova Wehrmacht estão estacionados em terras da Inglaterra, da França e da Itália. O exército da Alemanha Federal está munido de projéteis balísticos e Adenauer e seu ministro da Guerra, Strauss, estão procurando, com o claro apoio dos Estados Unidos, dobrar as últimas resistências que ainda oferecem os outros países do bloco ocidental, para obter o direito de receber armas atômicas.

Os ocidentais, além de promover a Alemanha ocidental a potência militar de primeiro plano, estimulam ainda a política revanchista de Adenauer no que se refere à questão das fronteiras do Estado alemão e à situação criada com a existência de duas Alemanhas completamente distintas: uma capitalista e novamente imperialista, e a outra socialista. Adenauer proclama que não reconhece as fronteiras estabelecidas depois da última guerra. Alimenta propósitos anexionistas quanto a regiões tchecoslovacas e polonesas, por sinal as mesmas que deram a Hitler o pretexto para desencadear a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos estimulam esses propósitos revanchistas e agressivos de Adenauer sabotando a conclusão do Tratado de Paz que regulamentaria definitivamente a questão, e se negando a realfirmar o que concordara em Potsdam e Lita a respeito do estabelecimento das fronteiras da Alemanha.

E' nessa conjuntura que uma ameaça real à paz mundial, sempre em pleno caráter da República Democrática Alemã, a antiga capital está dividida em quatro zonas de ocupação determinadas pelos acordos de Potsdam e

Itália. Os ocidentais, que sempre se opuseram ao tratado, vêm utilizando-a como centro de provações contra a RDA e, muitas vezes, tem criado situações que usam os denuncias.

Mancomunados com Adenauer, procuram fazer crer, e utilizam todos os recursos para isso, que a zona de Berlim que ocupam e parte do território da Alemanha ocidental, ameaçada com a guerra caso se queira modificar essa situação, que pretendem antes de tudo defender. A realidade, entretanto, é outra: a presença das tropas ocidentais em Berlim não significa que o tratado de paz não deva ficar sob jurisdição do governo da Alemanha ocidental. Pelo contrário, os acordos de Potsdam e Lita afirmam que a ocupação da cidade e o território ao redor da mesma, a partir de 1945, foram determinados pelos acordos de Potsdam e Lita quando da assinatura do Tratado de Paz. A Alemanha ocidental, portanto, não pode alegar que a situação de Berlim é uma questão de segurança internacional.

Levando em conta esse fato, a URSS propôs concretamente a transformação de Berlim ocidental em cidade livre e com plena autonomia para seguir seus destinos. Não exigiu que essa parte da antiga capital fosse incorporada à República Democrática Alemã, mas que a mesma ocupasse suas relações autônomas com os aliados ocidentais. Os ocidentais, os Estados Unidos em primeiro lugar, se recusam, por enquanto, a discutir uma proposta desse tipo, apesar de que se recusam a ir a mesa de negociações para assinar o Tratado de Paz com as duas Alemanhas.

Diante dessa intransigência foi que a URSS advertiu que não esperaria mais, que assinaria um Tratado de Paz em separado com a República Democrática Alemã, juntamente com os outros países que o queriam, para encaminhar definitivamente a solução de um problema que já vem se arrastando há anos.

Não fechou as portas para que se consiga assinar o Tratado com as duas Alemanhas. Kruschov, recentemente, definindo a posição do seu país a respeito da questão, declarou: "Propomos a conclusão de um Tratado de Paz com a Alemanha que não menospreze os direitos nem os interesses de nenhuma das partes, que não proporcione vantagens a nenhum Estado em detrimento dos outros".

Os Estados Unidos e seus aliados, entretanto, respondem com a negativa à proposta soviética, fazem ameaças e revelam claramente que não pretendem um Tratado que reconheça os direitos legais para todos os Estados e, principalmente, para os dois Estados alemães. Querem um Tratado que favoreça Adenauer e seus aliados nazistas como Scheidel, Heusinger e Forecht. Não é um Tratado que ao invés de eliminar um foco perigoso de guerra alimentado com o rearmamento do poder de uma Alemanha cada vez mais audaz e agressiva e os seus propósitos revanchistas.

Essas são as duas posições diante da situação que tantas preocupações causam. Talvez a palavra "Diário de Paz" não seja a melhor escolha para a publicação da verdade de que a paz mundial depende da Alemanha e cristãos que estão atendo linha a foguetas".

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ Ilustrações de MAX

Gostava da Véspera, mas ainda mais de Marié-siev. Este era meu contemporâneo, vivia junto conosco na mesma terra e eu ansiava por encontrá-lo com ele, apertar-lhe sua mão máscula.

visões de Lênin se tornavam realidade diante de nossos olhos pelas mãos operosas do povo soviético. Nossa juventude transcorria numa época interessante.

eram às fileiras do Comsomol. Eu havia sido eleito membro do bloco da organização do Comsomol. A atividade social era grande, tanto mais que eu também cumpria as funções de secretário da sociedade esportiva local "Reserva de Trabalho".

31 mundo. Educa-lo adequadamente significa encontrar os primeiros caminhos para a formação do homem, ajudar a fortalecer o coração da criança para vencer as futuras dificuldades da vida.

35 czaristas metralharam os "dekabristas". Junto ao Palácio de Inverno, num domingo de janeiro de 1905, o czar metralhou operários. Toda a história da classe operária russa perpassa diante de nossos olhos.

36 Uma das matérias prediletas na escola técnica, como antes na escola oficial, era para mim a física. Aqui, nosso professor de física era um mestre tão admirável como Liev Mikailovitch Béspálov.



38 sias científicas. Tudo o que haviam previsto os cientistas confirmava-se pela ciência e pela própria experiência. Tsiolkovski escrevera que depois da era dos aviões a hélice viria a dos aviões a jato.

39 timento que me emocionava também agitava a Victor Porokic e Jénia Stiechina, igualmente alunos da escola técnica. Certa vez, Vitor chega correndo e grita, excitado:

40 oficial não fosse grande, tanto em Liubertz como durante o estágio em Moscou e Leningrado, vinha a propósito. Em síntese, gradativamente, o projeto de diploma adquiria a configuração necessária.

41 Martiánov era um autêntico aviador e não podia viver sem as asas. Sua afecção pela aeronáutica transferia-se espiritualmente aos alunos do nosso grupo, assim como a precisão de conhecimentos que nos dava desde os primeiros dias.

42 Desde ainda criança, não tinha paciência de esperar. Sobre tudo se sabia que tinha pela frente qualquer coisa de difícil, qualquer perigo. Achava melhor ir de encontro a ela, do que esquivar-me e evitá-la.

43 Passa-se um minuto. Procuo sentir-me: tudo está bem, o coração funciona normalmente, e suas batidas não são mais fortes do que o tic-tac de um relógio de pulso.



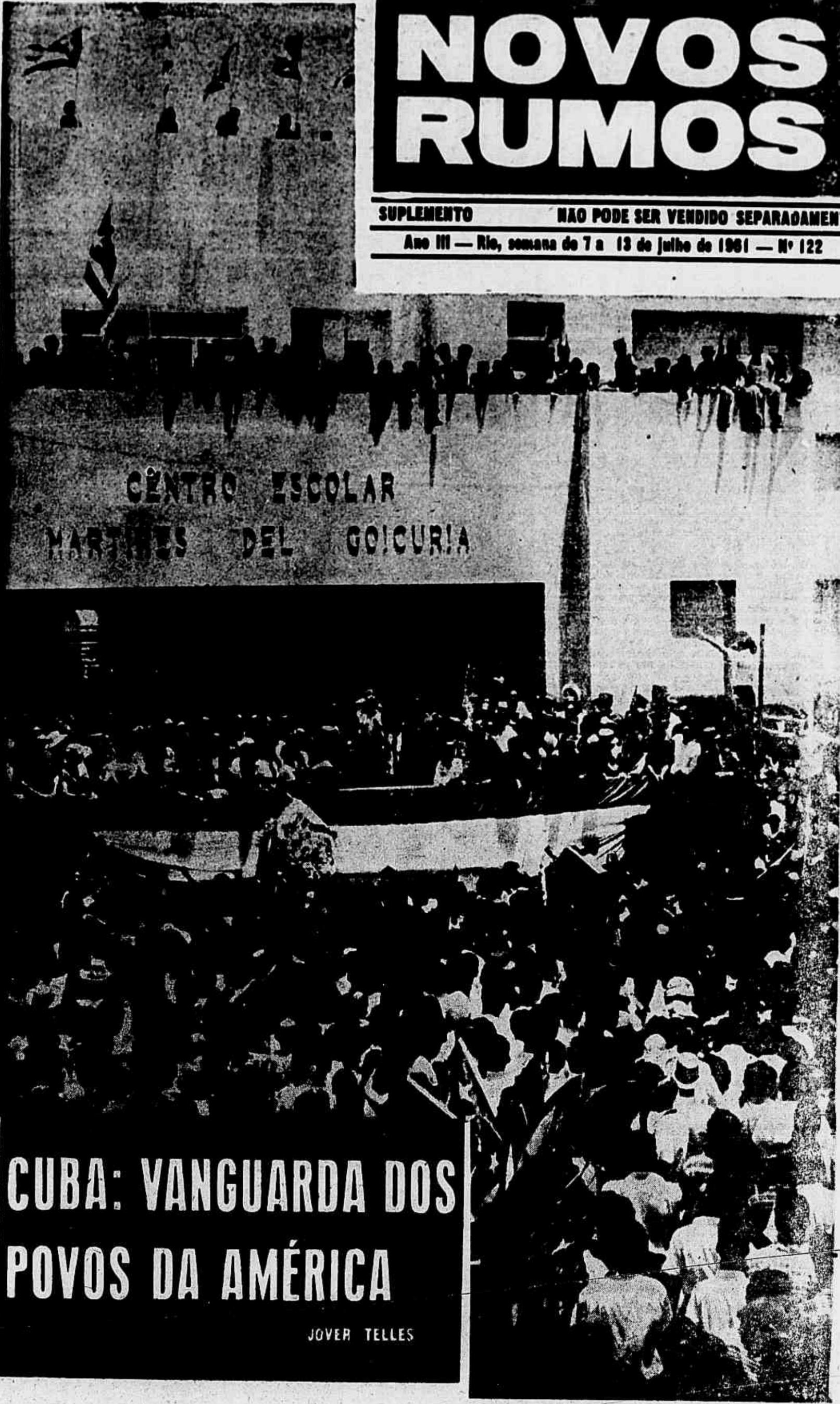
45 Isto é uma reviravolta — disse ele na linguagem convencional dos aviadores; e isto é um salto de Néstorov.

NOVOS RUMOS

SUPLEMENTO

NAO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Ano III — Rio, semana de 7 a 13 de julho de 1961 — Nº 122



CENTRO ESCOLAR
MARTINES DEL GOICURIA

CUBA: VANGUARDA DOS
POVOS DA AMÉRICA

JOVER TELLES

A capa

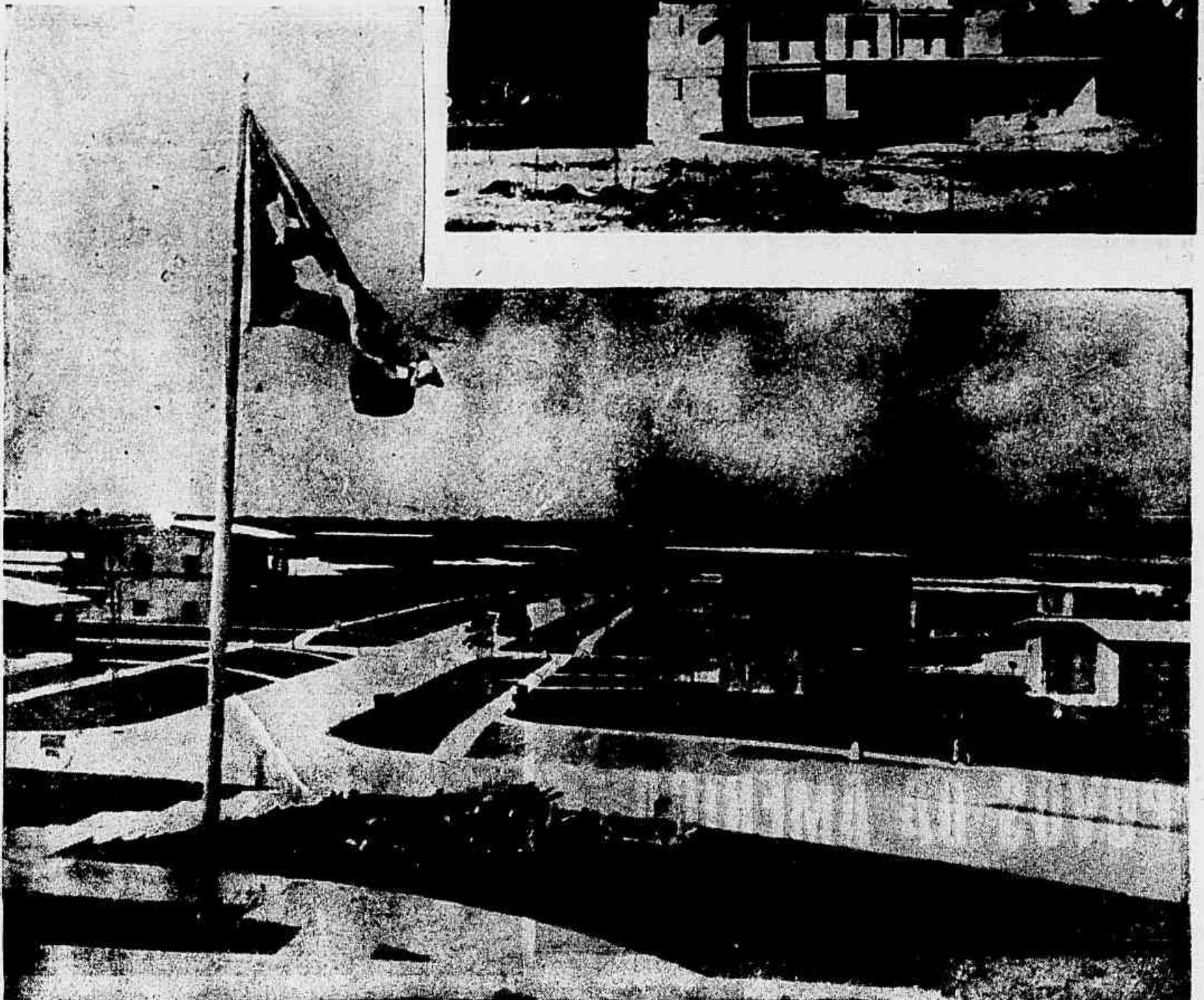
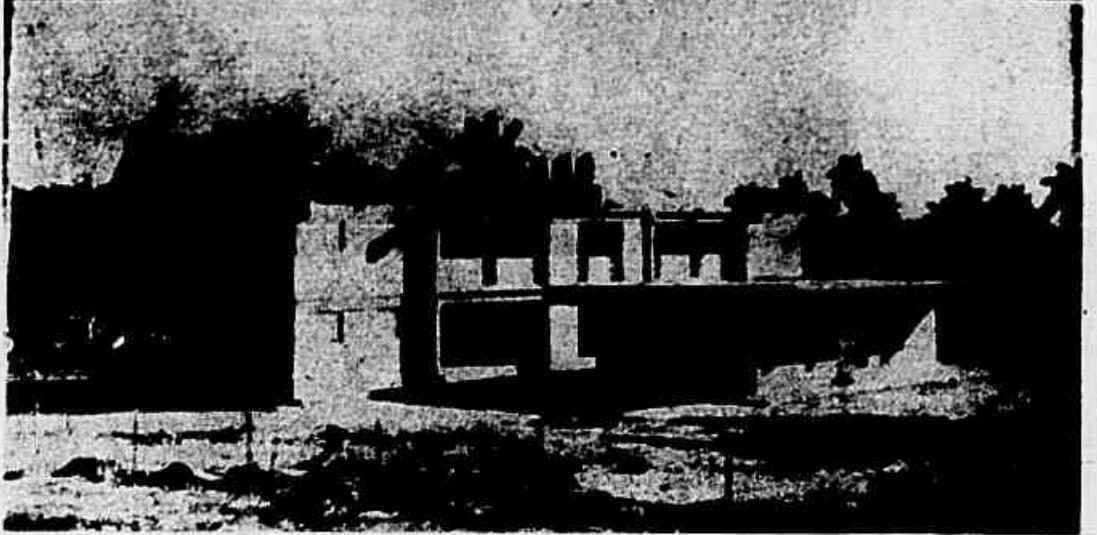
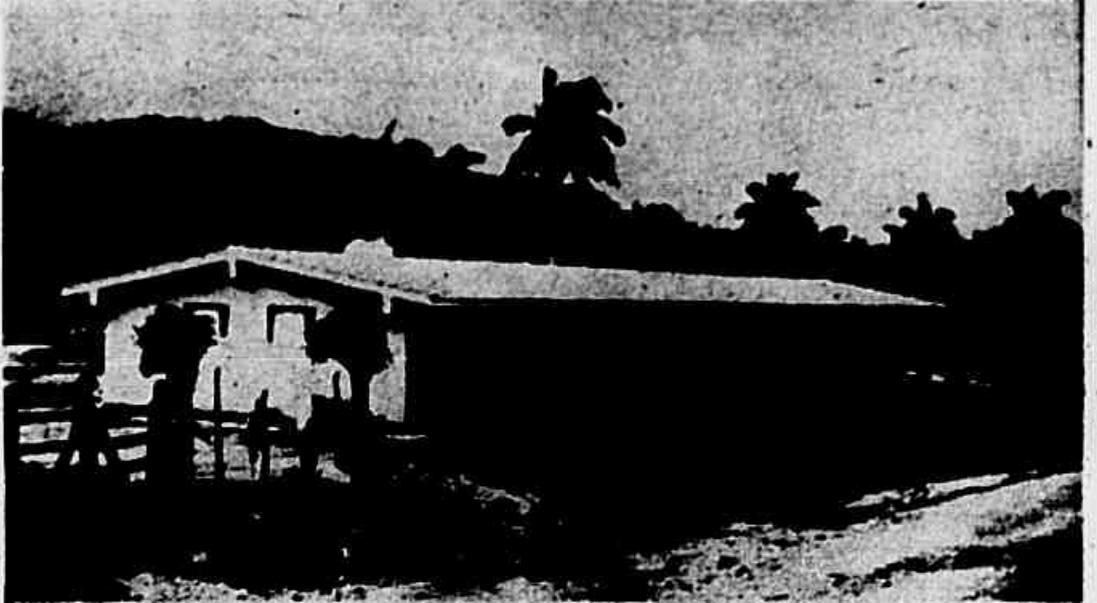
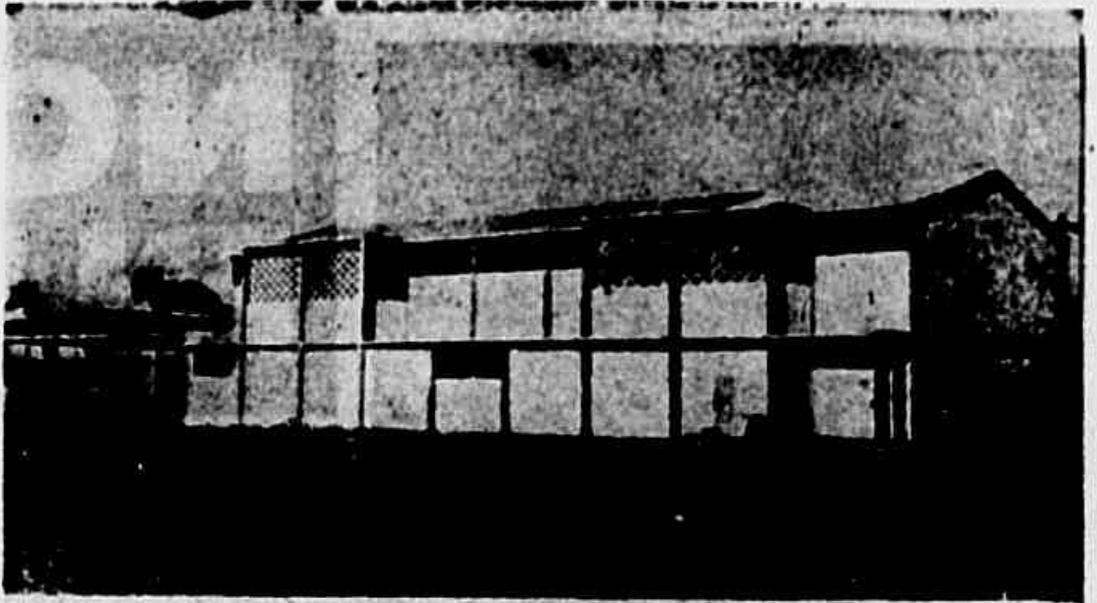
A promessa foi cumprida e o povo festeja mais uma realização do governo revolucionário de Cuba: a transformação de um quartel que antes abrigava os boleguins e mercenários de Batista em escola para todo o povo. Fidel, diante das aclamações entusiasmadas da grande massa humana, cumpre o que já prometera em Sierra Maestra: entrega o quartel de Golcuria ao ministro da Educação.

A revolução realiza

A foto mostra: no alto, edifício que abrigará uma fábrica de beneficiar algodão em Vitória, na província de Oriente; em baixo, dois centros escolares construídos na província de Matanzas.

Casas para o povo

Os bohios, os miseros barracos em que antes viviam os camponeses e trabalhadores pobres de Cuba, estão desaparecendo. Em seu lugar surgem milhares de novas residências para os camponeses e trabalhadores agrícolas das cooperativas. São milhares as novas casas que o governo revolucionário cubano constrói para o povo, realizando assim uma das grandes tarefas da revolução vitoriosa. Na foto, o conjunto residencial de uma cooperativa situada na ilha de Pinar del Rio.



Convidado pelo Governo Revolucionário Cubano para participar das festas comemorativas do Dia Internacional do Trabalho, chegamos a Havana na véspera do 1º de Maio.

No aeródromo, todo engalanado com bandeiras e distícos, centenas de jovens milicianos, com os braços carregados de flores e entoando canções revolucionárias, esperavam-nos. Desembarcamos. Suas vozes subiram aos céus:

— Viva a solidariedade dos povos latino-americanos!

— Viva o Brasil!

— Abaixo o imperialismo!

— Viva a Revolução Cubana, patriótica, democrática e socialista!

E, ao tempo que nos entregavam as flores, começaram a cantar:

"Somos socialistas,
Palante y palante.
Y al que no le guste,
que tome purgante."

Carlos Olivares, vice-ministro das Relações Exteriores, com o uniforme de miliciano e carregando uma metralhadora "pepechá" a tiracolo, falou saudando, em nome do governo e do povo cubano, a delegação brasileira. Respondeu, em nome dos brasileiros, o deputado Bento Gonçalves.

Tomamos o ônibus que nos levaria do aeroporto à cidade. Sentamo-nos, cada brasileiro ao lado de uma miliciano cubana. No trajeto, elas nos mostram a cidade. Os brasileiros começam a falar. Não falam português nem espanhol, mas uma mistura que foi, posteriormente, batizada com o nome de "espanhês". Começa a troca de lembranças. Oferecemos bandeirolas e moedas brasileiras, e recebemos emblemas e lenços vermelhos. A alegria é geral. Uma miliciano levanta-se e começa a cantar uma rumba. O coro logo se forma. Todos cantam: brasileiros e cubanos. Ao ritmo quente e baloiçoso da rumba juntam-se o samba brejeiro e malandro dos morros cariocas e o frevo pernambucano.

Hospedamo-nos no hotel Havana-Riviera, que fora dos americanos e hoje pertence ao povo cubano. Alguém nos diz:

— Antes da Revolução, este hotel só hospedava milionários norte-americanos que tentaram transformar Havana numa bule e num cassino de jôgo e que aqui vinham, da Flórida, gozar os fins de semana. Agora é um hotel do povo, no qual se hospedam, sem nada pagar, os guajiros (camponeses) quando estão de férias ou necessitam vir a Havana.

DESFILE

As 6 horas e meia da manhã do dia 1º de Maio, dirigimo-nos para a Praça Cívica, onde ocorreria o desfile. Nessa hora a multidão já era enorme. Tivemos que desembarcar dos automóveis e seguir a pé até a tribuna dos convidados. No caminho, contagiamo-nos com o entusiasmo popular. Um grupo de moças nos pergunta:

— Qual é o vosso país?

— Somos brasileiros.

— Pois que viva o Brasil, e "Pátria ou Morte", replicaram as moças agitando os seus lenços vermelhos.

— Que viva Cuba e sua Revolução — respondemos.

Na tribuna de honra que presidia o desfile, já se encontravam Fidel Castro, Ernesto "Che" Guevara, Blas Roca, o presidente da República, Dorticos, e sua esposa, Carlos Rafael Rodrigues, os comandantes do Exército Revolucionário, dirigentes de todas as organizações sociais, ministros, e outras autoridades.

Dando início ao desfile, uma Banda do Exército posta-se diante da Tribuna e executa o hino dos trabalhadores — "A Internacional". A seguir executa o hino do "26 de Julho". As 7 horas, começa o desfile que somente terminou às 11 horas da noite.

Para ter-se uma idéia do que foram as comemorações do 1º de Maio em Cuba, basta dizer que, de um povo de 6 milhões de habitantes, desfilaram em Havana 2 milhões, em Camaguey, 250 mil, em Santiago, 350 mil, e assim em todas as cidades e vilas. Todo mundo desfilou: jovens e velhos, homens e mulheres, numa demonstração da unidade do povo conseguida na marcha da Revolução. Desfilaram os trabalhadores, organizados em suas Federações e Sindicatos, os camponeses, os atletas, a juventude rebelde, as milícias, os soldados, a polícia popular, as Brigadas "Conrado Benítez", enfim todo o povo cubano.

O desfile militar foi impressionante. Centenas de tanques, de baterias antitanques, antiaéreas, de carros de assalto, de baterias de morteiros, de canhões de longo alcance, de bazookas, todo o tipo de armas automáticas, desde os lança-chamas, até as famosas "Katushas", passaram diante da tribuna e foram acolhidas pelo povo com um entusiasmo indescritível.

O conteúdo da comemoração era dado pelos painéis e pelos cartazes que aos milhares o povo carregava, e pelos adornos que engalanavam a cidade.

Os edifícios circundantes da Praça Cívica exibiam adornos revolucionários alusivos à gloriosa data do 1º de Maio. No I.N.R.A., uma gigantesca fôlha de calendário assinalava o dia e sob ela, em letras vermelhas, o distíco: "Viva a Revolução Socialista". No Teatro Nacional, havia um painel onde se lia a palavra "Paz". Na parte superior da Biblioteca Nacional lia-se: "Cuba, farol da América". No pé da tribuna presidencial, lia-se: "Trabalhadores do Mundo, Uni-vos". Na entrada da Praça Cívica, estava um gigantesco arco sobre o qual drapejavam as bandeiras de todos os países do mundo apoiadas numa base que representava um mapa-mundo. Em baixo, lia-se: "A União de Todos os Trabalhadores do Mundo". No cone do arco, uma monumental pomba da paz. Do monumento a Martí, pendiam bandeiras coloridas, nas quais se

liam as consignas: "Venceremos" e "Pátria ou Morte".

O desfile foi uma resposta da classe operária e do povo cubano ao imperialismo norte-americano. O povo demonstrou que está unido em torno do Governo Revolucionário de Fidel Castro, e de seus ideais de libertação nacional, democrática e socialista. O povo demonstrou que, assim como derrotou a recente invasão dos gusanos, derrotará também toda e qualquer nova tentativa criminosa dos imperialistas contra a Revolução.

Pela primeira vez em terras da América Latina foi comemorado o 1º de Maio não como uma jornada de luta da classe operária contra o regime capitalista de exploração do homem pelo homem, mas como um dia de festa do trabalho libertado em consequência do triunfo da Revolução.

UMA COLÔNIA DE PESCADORES

No dia 10, às 7 horas da manhã, demos início à excursão, que nos levaria a percorrer 5 Estados dos 6 que compõem a Nação Cubana. Como meio de transporte, foram postos à nossa disposição 3 cadilacs (rabo-de-peixe), confiscados pelo Governo Revolucionário de uma família burguesa ligada à antiga corte do tirano Fulgêncio Batista.

Depois de atravessar Havana, entramos na Província de Matanzas e paramos na cidade de Cárdenas. Aqui visitamos uma colônia de pescadores e participamos de uma assembléia onde se discutiam as necessidades dos pescadores e se adotavam medidas visando melhorar a Cooperativa, que fora fundada sob o Governo Revolucionário de Fidel Castro. No curso da discussão, pudemos assistir como se verifica a luta entre o novo, e avançado, e o velho, retrógrado. A maioria argumentava a favor da Cooperativa, alegando que antes viviam em casebres no interior dos quais penetravam a chuva, o sol e o vento. Agora, a Cooperativa já construiu 250 casas confortáveis, nas quais os pescadores já vivem há 1 ano sem nada pagar (estivemos no interior destas casas de 2 quartos, sala, cozinha, banheiro, jardim, quintal, água encanada, gás, luz, etc.). No futuro cada pescador pagará 10% dos seus ingressos como aluguel da casa. As casas são entregues aos pescadores completamente mobiliadas. Ondina Rodrigues pede a palavra e fala: "Antes vivíamos num rancho, agora vivemos em uma casa. A Cooperativa nos fornece remédios de graça, contamos com assistência médica e, o que é mais importante, temos um governo sério com o qual se pode fazer qualquer negócio honesto na base da confiança. O Governo de Fidel Castro está fazendo tudo pelo povo". O pescador Sebastião Costa argumenta: "Agora pescamos todos os dias. Antes o barco era muito frágil, agora temos um barco a motor. Tudo facilitado pelo governo. Quando a noite é má, conseguimos 4 pesos de ingresso e quando é boa até 10 pesos. Atualmente todos os pescadores têm o seu próprio barco. O Governo está construindo barcos de 30 pés de comprimento, o que nos permitirá adentrar-nos mais no mar e realizar pescaria mais substancial. Pescamos com anzol e rede de nylon e pegamos pardos de até 15 quilos. Quanto à venda do peixe, não há problema, de vez que hoje o novo tem dinheiro para comprar e a Cooperativa garante preços mínimos compensadores".

A maioria, como disse, defende a Cooperativa e faz sugestões para melhorar a sua atividade. Em meio a essa maioria surge a voz discordante de um pescador que fala para defender a necessidade do intermediário. Diz que o intermediário oferecia maiores vantagens que a Cooperativa, adiantava dinheiro. Outro responde: "Isso a Cooperativa também faz para os que realmente se dedicam à pesca, e, além disso, a Cooperativa mantém uma Maternidade, uma Escola Primária, um Retiro para os velhos pescadores que necessitam aposentar-se". Um vê o novo, o atual e a perspectiva oferecida pela Cooperativa. O outro somente vê as deficiências ainda existentes na Cooperativa, não conta na Revolução. A discussão torna-se interessante. O defensor do intermediário não cede, afirma que este também lhe dava financiamento. Mas outro lhe pergunta: "E quando você fica doente? Que lhe dá o intermediário? E quando o intermediário tem sobra de peixe, como atende aos preços que você exige? Na verdade, no primeiro caso abandona o pescador à sua própria sorte e, no segundo caso, alega simplesmente não necessitar do peixe naquele dia. Além disso, quem se utiliza do financiamento do intermediário fica a ele amarrado para sempre". O partidário da existência do intermediário fica sem poder contra-argumentar. Os partidários da Cooperativa passam à ofensiva para mostrar as vantagens da mesma. Inocencio Peres, um pescador com 84 anos de idade, diz que sob o regime anterior não havia futuro e passa a mostrar como a Cooperativa, não obstante suas insuficiências atuais, já oferece melhores condições do que antes e cada dia que passa melhora a prestação de serviços. E conclui: "De nós depende a melhoria da Cooperativa. Entremos todos para ela, e se a Diretoria atual não cumpre todos os seus deveres coloquemos outra em seu lugar. Falo na base de 84 anos de vida, e minha experiência exige que não se pense em voltar atrás. A Revolução abriu para todos uma ampla estrada. Depende de nós próprios saber trilhá-la".

A PRAIA DE VARADERO

Abandonamos a Colônia de Pescadores para visitar a Praia de Varadero. É um balneário que está sendo reconstruído pelo Instituto Nacional de Indústria Turística (I.N.I.T.). Até 26 de julho estará pronto. Antigamente, era um centro de reunião dos senhores da vida. O povo não podia entrar nesse balneário, os negros não podiam sequer aproximar-se. Atualmente, constroem-se num imenso Pavilhão 8.000 armários para guardar a roupa, 80 grupos sanitários completos, 36 mictórios, 400 banheiros, 500 piscinas. No terraço funciona um

moderno bar. Constrói-se ainda um campo de vôlei, de basquete, e uma cancha de "bolão".

O povo afliu a este balneário, mesmo antes de sua total construção, pagando a bagatela de 30 centavos por dia para ter o direito de utilizar todas estas instalações. Com mais 10 centavos pode-se obter uma toalha.

E a alegria de todos é muito grande. Antes, somente os ricos, os latifundiários e os milionários cubanos e americanos podiam desfrutar as delícias do balneário. Agora, as portas do mesmo estão abertas para todo o povo: para brancos, mulatos e negros, que confraternizam entre si esquecendo no presente o peso da discriminação racial que os senhores de Wall Street, com a benção do Cardeal Spellmann, tinham exportado do sul dos Estados Unidos para Cuba.

Dirigimo-nos para os automóveis. Na parede externa do balneário lemos a seguinte legenda que expressa um sentimento atual de todo o povo cubano:

"Nosotros reconocemos esa mano que nos ha extendido el pueblo ruso en la hora en que nos quería asasiñar el Occidente que se llama cristiano y no lo es."

(a) Reverendo Padre Lence"

AS BRIGADAS «CONRADO BENITEZ»

Mais adiante, ainda na Província de Matanzas, visitamos diversos acampamentos das Brigadas "Conrado Benítez". Milhares de moças uniformizadas nos recebem alegremente. Fazem parte da centena de milhar de voluntários que tomam parte na grande campanha nacional de alfabetização do povo, encetada pelo Governo Revolucionário. As perguntas chovem sobre nós: como é o vosso país? Como vive o vosso povo? Que pensam de nossa Revolução? Ao saber que no Brasil existem 50% de analfabetos, uma delas disse: "Estamos dispostas a ir para o Brasil ajudar a alfabetizar vosso povo. Façam a revolução, para que isso aconteça". A alegria e o entusiasmo são contagiantes. Todas têm algo a nos dizer, uma mensagem a transmitir ao nosso povo. Os gritos de "Viva o Brasil" e "Viva Cuba Socialista" ressoam no ar a cada instante. Um grupo de jovens improvisa uma "charanga" e a rumba cubana com o seu ritmo quente e malicioso movimentam a todos. Depois, passa a entoar as canções e os hinos revolucionários. Todas estão longe de suas mães, de seus familiares, mas todas estão alegres, conscientes da obra que realizam. Dizem que suas mães também estão orgulhosas do que fazem e que muitas delas também são alfabetizadas.

A Campanha Nacional de Alfabetização objetiva erradicar o analfabetismo até o mês de dezembro deste ano. Falamos com o sr. Mario Dias, Diretor da Campanha Nacional de Alfabetização, e ele nos explica:

"Antes, nosso sistema escolar estava ligado à UNESCO. Os técnicos dessa organização afirmavam que não seríamos capazes de alfabetizar todo o povo em apenas um ano. Exigiam que se determinasse um prazo de 10 anos para se completar a obra e pediam de 6 a 8 meses somente para planificar a campanha. Previam também gastos astronômicos. As propostas da UNESCO não serviam para nossos objetivos. Tivemos de lutar contra os métodos rotineiros dos antigos professores. Começamos a mobilizar todo o povo alfabetizado para levar adiante nossa campanha. O povo compreendeu. Tínhamos apenas 40 mil professores, e se ficássemos subordinados a somente o que eles pudessem fazer marcaríamos passo. Compreendemos que somente com métodos revolucionários poder-se-ia resolver o problema de alfabetizar rapidamente milhões de pessoas".

"E, continua o Sr. Mario Dias, organizamos o Conselho Nacional de Alfabetização, no qual participam representantes de todas as organizações sociais existentes no país. Elaboramos uma Cartilha e um Manual adequados às necessidades e empreendemos a campanha. Começamos a organizar as brigadas de alfabetizadores. No início, as brigadas eram compostas somente dos estudantes que tinham nível secundário. Posteriormente, com a Cartilha e o aperfeiçoamento do método de ensino, começamos a utilizar todos os que possuíam 6 graus de instrução, os alunos que cursaram até o quinto grau de instrução e, excepcionalmente, até jovens de 13 anos, que sejam adiantados e obtenham licença dos pais. Atualmente, o Exército de Alfabetizadores ultrapassa os 100 mil. Tudo vai sendo aprendido e aperfeiçoado no processo da Campanha. Os êxitos são surpreendentes. Existem inúmeros exemplos de antigos analfabetos que, uma vez alfabetizados, passaram a atuar como professores. E devo dizer que são os mais eficientes, por que têm a própria experiência de como aprenderam e empregam métodos apropriados".

As vezes não é fácil localizar um analfabeto. Isso se compreende. Muitos sentem vergonha de não saber ler e tudo fazem para não revelar essa deficiência, como se eles fossem os culpados. Para atender tais pessoas, é necessário empregar um tratamento especial a fim de, sem melindrá-las, atraí-las para os cursos de alfabetização. Assim, todos os meios são utilizados para localizar a pessoa que não sabe ler. Os sindicatos, os comitês de defesa da Revolução, as Cooperativas, o Coletivo das Granjas do Estado, ajudam a encontrar o analfabeto e a convencê-lo a ingressar nos cursos para aprender a ler e a escrever.

Os alfabetizadores, que da cidade vão ao campo ensinar, realizam uma grande obra educativa, mas, por outro lado, aprendem muito com os camponeses. Como o trabalho de educação com os adultos só pode ser feito à noite, os alfabetizadores, durante o dia, se integram na faina do campo e aprendem a cultivar a terra, a produzir, a tratar do gado, a cortar cana, a criar porcos, galinhas, etc., etc. Passam a viver a vida do camponês, a rir quando o camponês ri e a chorar quando ele chora. No interior os alfabetizadores enfrentam todas

as dificuldades que, herdadas do passado recente, ainda atormentam a vida do homem do campo, e podem não somente ver como também apalpar as vantajosas modificações que a Revolução vai paulatinamente, introduzindo no campo. E quando terminada sua gloriosa tarefa, voltam à cidade para retomar seus próprios estudos, voltam mais cubanos e mais patriotas, com maior amor ao povo, com o sentimento de fraternidade mais desenvolvido. Voltam do campo amando mais a Revolução e, portanto, mais revolucionários.

Após a passagem pelo campo, todos compreendem como é gritante a exigência do técnico, de especialistas, etc., para desenvolver a produção agrícola. E, com essa compreensão, todos se dedicam com mais entusiasmo e tenacidade ao próprio estudo, visando formar-se no mais breve espaço de tempo possível para poder levar a ciência e a técnica aos camponeses. Mas, não só isso, os pais dos jovens alfabetizadores normalmente vão visitar seus filhos no campo e, ao ver a situação em que vivem se esforçam para melhorar essa situação. Existem muitos casos em que a família do jovem alfabetizador ajuda a pintar a casa do camponês onde vive o seu filho, leva-lhes livros, quadros, louças, brinquedos para os filhos dos camponeses. Trava conhecimento com a fauna do campo e assim vai-se processando a integração da gente da cidade com a do campo numa grande e única família. Neste sentido, são inúmeros os casos em que os pais dos alfabetizadores vão passar suas férias no campo e ficam vivendo durante muitos dias com os camponeses, que, por sua vez, depois são por eles convidados a passear na cidade e hospedar-se em suas casas. Os pais dos jovens alfabetizadores já doaram 83 mil lâmpadas de querosene para iluminar as casas dos camponeses. O Governo já conseguiu colocar em cada Cantina um rádio de pilha, e agora se esforça para que não fique uma casa de camponês sem o seu rádio, a fim de que os camponeses possam ouvir música e também inteirar-se do que vai pelo mundo e abeberar-se nos ensinamentos que os chefes da Revolução Cubana ministram diariamente através de discursos e conferências.

Todos os alfabetizadores, antes de ir ao campo ministrar seus ensinamentos, passam pelos acampamentos. O povo paga sua própria campanha. Nada é desperdiçado. Em geral as mulheres se integram mais rapidamente no trabalho de alfabetizador, têm mais paciência e são mais compreensivas. Entre os jovens das brigadas, são as moças as que mais facilmente se integram. Em muitos casos, as moças são acompanhadas pela mãe ou pela avó que também se torna alfabetizadora. No acampamento, o estágio é de 10 ou 15 dias. Os jovens são organizados em brigadas, em cada uma das quais atua um técnico de educação. Os jovens, durante a permanência nos acampamentos, aprendem a trabalhar com a Cartilha, com o Manual e a lidar com o lampeão, etc.. Quando estão prontos para partir para o campo, as organizações municipais selecionam as casas de camponeses onde vai morar o alfabetizador. Este, então, encarrega-se de alfabetizar toda a família da casa que reside e também os vizinhos. Um dia antes de partir o brigadista recebe um lampeão de querosene, e uma mochila, na qual se encontram lápis, 6 Cartilhas, diversos Manuais, 3 livros de contos de José Martí, 1 maça, 2 uniformes, 2 pares de sapatos, roupa branca, outros livros, bombons, conservas enlatadas, etc. Além disso, a direção da Campanha lhes entrega 10 pesos.

O acampamento das Brigadas "Comodoro Benítez" ocupa uma grande área territorial, que foi confiscada pelo governo de uma família de multimilionários norte-americanos — os Dupont. Os palácios, que se situam neste território e que antes serviam de moradia ocasional dos ricos, agora são ocupados pelas diversas brigadas de jovens que, aqui, recebem as últimas instruções, antes de lançar-se ao campo na nobre tarefa de disseminar as luzes da cultura entre os camponeses. E todos vivem felizes. Para ter-se uma idéia de como os pais encaram a ausência temporária de seus filhos que se tornaram alfabetizadores, é elucidativo o seguinte caso sucedido no mês de janeiro deste ano:

Um brigadista de 13 anos de idade, chamado Ramos Toledo, num dia impróprio, devido ao mau tempo, para banhar-se no rio que passa em frente ao acampamento, desobedecendo as recomendações dos responsáveis por sua segurança, juntamente com outro jovem, fugiu e lançou-se às águas do rio para banhar-se. Morreu. Seu corpo foi transportado para Havana onde residiam seus pais e onde seria enterrado. Tendo perdido o filho que representava a família na Campanha Nacional de Alfabetização, o pai apresentou-se no acampamento juntamente com a mãe e a avó do garoto e pediram para ingressar como alfabetizadores. Foram aceitos. Conversei com este senhor sobre o que acontecera a seu filho. Entre outras coisas, me disse: que o rapaz era um exímio nadador, que ele pensava ser o dono dos mares, daí sua temeridade. Sua morte devia-se a isso. Enfim, o entusiasmo é geral, todos se dedicam a superar os revezes e as dificuldades para que em dezembro deste ano todo cubano esteja em condições de ler os jornais.

No campo, os brigadistas alfabetizadores organizam entre si círculos de estudos, nos quais, semanalmente, reúnem-se para estudar as experiências adquiridas no labor pedagógico, para discutir a situação política, para trocar idéias e opiniões sobre os mais diversos assuntos de interesse geral. Uma das questões mais ventiladas nesses círculos é a que se refere ao exame de como cada um está transmitindo as Mensagens contidas no Manual e na Cartilha, bem como para estudar a reação dos camponeses em face dessas Mensagens. Sim, a tarefa dos brigadistas não se resume a ensinar a ler. As brigadas respondem com sua ação política a todas as vezes que, consciente ou inconscientemente, fazem a apologia da exploração, da ignorância e do crime, em contraposição à heróica da cultura e dos livros desfraldada pela Revolução. Ao lutar

para erradicar o analfabetismo, todos sabem que estão infringindo nova derrota ao imperialismo, o qual sempre se apoiou na ignorância, estimulando-a, para mais facilmente dominar.

A Cartilha, como o Manual do Alfabetizador, foge a rotina e, ao mesmo tempo em que facilita a assimilação das primeiras letras, transmite aos camponeses diversas mensagens políticas, de forma que, ao aprender a ler, simultaneamente, o aluno toma conhecimento das principais questões da Revolução. Uma das metas mais ambiciosas a que se propôs o governo revolucionário é a erradicação do analfabetismo em 1961 — Ano da Educação. Visa-se incorporar um terço da população cubana à compreensão do processo revolucionário e à sua rápida evolução, bem como incrementar a produção por meio de uma maior capacitação cultural e técnica.

O que pudemos apreciar no curso de nossa viagem pelo interior do país nos permite afirmar que o povo cubano cumprirá essa tarefa. Por todos os lugares onde estivemos, assistimos de perto ao trabalho dos brigadistas alfabetizadores. Em toda a parte, lemos os lemas, escritos nas paredes: "Ser culto para ser livres" e "Cidadão, se sabes ensinar, se não sabes, aprenda". Uma Revolução que, ao lado de outros, cria todo um exército cujas armas de combate são a Cartilha, os livros o lampeão de querosene, o amor ao próximo e a força de vontade, é invencível, está vitoriosa.

ALGUNS PROBLEMAS JÁ RESOLVIDOS PELA REVOLUÇÃO

Os fatores que provocaram a Revolução do povo cubano se encontravam na sociedade em que vivia esse povo. Cuba era um país explorado e colonizado pelos imperialistas e pelos latifundiários. Os revolucionários cubanos foram produto do meio em que viviam, pois, como é conhecido, somente podem surgir revolucionários onde haja um clima de injustiças e de opressão. Foi nas entranhas da velha sociedade cubana e lutando contra ela que se gerou a Revolução e os fenômenos sociais personificados em Fidel Castro, Raul Castro, Ernesto Guevara, Blas Roca, e tantos outros. Por isso, a Revolução vitoriosa aboliu o antigo sistema econômico-social e deslocou do poder os imperialistas, os latifundiários e a burocracia que representavam a velha sociedade. O poder foi assumido pela classe operária, pelos camponeses, e por todos os humildes. E, assim, pela primeira vez na história do povo cubano criaram-se as premissas reais para a construção de uma nova sociedade livre da exploração do homem pelo homem. A Revolução triunfante, como um processo dinâmico que destrói o velho para construir o novo, apenas iniciou a marcha no sentido desse nobre objetivo. Está dando os primeiros passos, solucionando, em todos os setores da vida econômica, política e cultural, o problema da fase atual. Passamos a relatar como a Revolução está enfrentando determinadas questões.

NACIONALIZAÇÃO

Cuba, não obstante a reduzida dimensão territorial, é um país privilegiado. 80% de sua superfície são cultiváveis. Suas terras são de uma fertilidade incomum, e a conjugação disso com um clima favorável permite realizar até 3 colheitas anuais de certos produtos. O solo cubano acoberta formidáveis riquezas minerais. Os depósitos de laterita, que contém ferro numa percentagem de 45%, e que contém, ainda, níquel, cobalto e outros minerais valiosos, são calculados em mais de 5 bilhões de toneladas. Além da laterita, o ferro existe também sob a forma de magnetita e de hematita. A reserva de manganês, já descoberta, é calculada em 5 milhões de toneladas, e a de turba, em mais de 300 milhões de toneladas. Também possui ouro, chumbo, tungstênio, e outros minerais. Mas apesar dessas enormes riquezas o povo vivia na miséria porque as mesmas se encontravam nas mãos dos imperialistas, dos latifundiários e da grande burguesia traidora.

Agora, o Governo Revolucionário resgatou as riquezas do país das mãos dos imperialistas norte-americanos, e não só dos imperialistas. Sim, porque nacionalizar é não só recuperar as riquezas que estavam em mãos estrangeiras. Nacionalizar é pôr nas mãos do povo, nas mãos da Nação todos os recursos básicos do país e utilizar esses recursos para desenvolver a economia; é utilizar esses recursos nacionalizados, não para enriquecer a uns quantos privilegiados, mas para fomentar o bem-estar da Nação em seu conjunto, ou seja, para enriquecer o povo. E assim foi feito em Cuba. 82% da indústria foram não somente nacionalizados, mas também socializados. E nos setores mais importantes, como o da energia, do açúcar, das usinas, do petróleo, do comércio exterior, das minas, dos transportes, etc., tudo foi nacionalizado em 100%. Além disso 50% da terra foram nacionalizados e o fundamental da produção agrícola está nas mãos do povo sob formas socialistas. No campo, restam apenas 135 mil pequenos proprietários camponeses, que também tendem, cada vez mais, a ingressar voluntariamente nas Cooperativas ou nas Granjas do Estado.

Atualmente, partindo do fato de que o Estado detém a direção e o domínio da economia e baseado na utilização das imensas riquezas, a tarefa fundamental a que se lançou o Governo Revolucionário é a de empreender o desenvolvimento econômico nacional.

REFORMA AGRÁRIA

O latifúndio era uma das causas básicas do atraso e da miséria do povo cubano. Os camponeses não possuíam terra, viviam sob o jugo dos latifundiários. Estes eram os donos da vida e da morte

dos camponeses. Os latifundiários eram os privilegiados de Cuba e constituíam, juntamente com os imperialistas norte-americanos, os principais exploradores do povo cubano. A Revolução, não só liquidou o domínio imperialista, não só destruiu a velha estrutura econômica e social que imperava no campo. A Revolução tornou realidade o postulado Marxiano:

«Ancha es la tierra en Cuba inculta, y clara la justicia de abrirla a quien la trabaja y esquivarla de quien no la haya de usar.»

A Revolução, em apenas 2 anos, concedeu

31 425 títulos de propriedade de terra aos camponeses; construiu 12 500 novas casas para os camponeses e 100 edifícios nos quais funcionam serviços sociais a eles destinados. Em apenas 2 anos, foram organizadas 622 Cooperativas Açucareiras, que possuem 80 mil "caballerías" (1 "caballería" tem 34 hectares) e nas quais trabalham acima de 122 448 cooperativistas; foram organizadas 263 Granjas do Povo, que possuem 197 220 "caballerías" e nas quais trabalham 498 granjeiros. Em apenas 2 anos, o Governo construiu 2 mil "Tiendas del Pueblo", que vendem produtos aos camponeses a preço de custo; fundou 75 Cooperativas de Pescadores, 18 Estaleiros e construiu 200 barcos. Em apenas 2 anos, o Governo gastou 80 milhões de pesos em maquinaria agrícola, e não só a ameaça constante do imperialismo, muito mais podia ter sido feito. E é por isso que os camponeses e o povo em geral amam a Revolução e odeiam o imperialismo.

Atualmente, os camponeses e os trabalhadores passaram a compreender, na prática, as múltiplas vantagens do trabalho coletivo na exploração da terra, e que as Cooperativas e as Granjas facilitam o desenvolvimento da economia agrícola; que a terra cultivada coletivamente produz mais com menos esforço, facilita o emprego de tratores e de métodos modernos de cultivo, facilita a utilização da irrigação e de outros sistemas que tornam mais econômica a produção. Os camponeses e os trabalhadores aprendem que o sistema das Cooperativas e o das Granjas facilita a construção de casas cómodas e higiênicas, de Escolas, de consultórios médicos, a instalação de círculos sociais, etc., o que lhes permite ter uma vida civilizada e feliz.

Antes da Revolução, os imperialistas e os latifundiários entravavam a diversificação da produção. Cuba somente podia produzir cana e era obrigada a importar dos Estados Unidos grandes quantidades de arroz, de tomates, de ovos etc. Agora, com o novo sistema de produção e de distribuição estabelecido pelo Governo Revolucionário, a situação, em apenas 2 anos, modificou-se radicalmente. Cuba vai-se tornando auto-suficiente no que concerne aos produtos agrícolas. Verifica-se um rápido aumento da produção. Exemplo: em 1958, último ano da tirania de Batista, o valor da produção de arroz foi de 36 milhões de pesos; em 1961, somente 2 anos após a Revolução, está prevista uma produção de arroz com um valor de 76 milhões de pesos. A produção de batatas foi duplicada. Em 1959, produziram-se 800 mil caixas de tomate. Em 1960, produziram-se 1 milhão e 200 mil caixas de tomates e, este ano, colherão 1 milhão e 500 mil caixas. Antes da Revolução, não se plantava algodão e se importava um valor de 10 milhões de dólares desse produto. A produção atual do algodão é avaliada em 16 milhões de dólares. Até 1965, a produção de cacau será quadruplicada, a de café será duplicada. E assim acontecerá com outros produtos. São os frutos iniciais da reforma agrícola e do trabalho coletivo no campo.

INDUSTRIALIZAÇÃO

Para os cubanos, tornou-se um axioma a compreensão de que somente será possível consolidar e desenvolver a independência política já conquistada pela Nação Cubana se o país, rapidamente, superar o seu atraso e tornar-se um país industrialmente avançado, e de que somente com a industrialização poderá ser superada a maldita herança do desemprego deixada pela Ditadura de Batista; que somente com a industrialização do país criarem-se os produtos necessários para que o povo tenha fartura. As massas trabalhadoras sabem que, ao labutarem nas empresas de Estado, não estão trabalhando para um patrão que as explora e contra quem devem lutar, mas que trabalham em benefício da Pátria e para forjar seu próprio futuro mais humano, rico e feliz. E o que vimos, nos mais longínquos recantos do país, foi todo um povo de pé, engajado na grande batalha da produção, tendo por lema os três deveres fundamentais que no terreno econômico guiam a ação de classe operária e dos camponeses, que são: «Economizar, Produzir e Organizar-se». Todos compreendem que, como disse Nunez Jiménez,

«La industrialización es un planazo al imperialismo.»

E os resultados dessa compreensão e dessa ação do povo e do Governo cubano já se tornam realidade. Para elaborar o minério de ferro estão sendo construídas mais 2 novas Usinas siderúrgicas, em Santiago e na região de Nicaro Moa, que produzirão, dentro em pouco, acima de 700 mil toneladas de ferro e de aço, anualmente. Com a instalação de diversas outras empresas, os cubanos passaram a produzir, anualmente, 90 mil toneladas de cromo, tornando-se o quinto produtor na América Latina, 25 mil toneladas de cobre, ocupando o quarto lugar na América Latina, e, no futuro próximo, passarão a produzir 140 mil toneladas de manganês, anualmente, 3 milhões de libras de cobalto, e 15% de todo o níquel consumido no mundo.

A industrialização e o conseqüente aumento da produção estão permitindo ao povo cubano intensificar a exportação de produtos e aumentar, assim, o seu poder de comércio com os demais países. Em 1959, Cuba obtivo, com a exportação do minério, 26 milhões de dólares; em 1960, obteve 35 mi-

lhões e 500 mil dólares. Este ano, pretende exportar minérios num valor de 51 milhões de dólares. Não está longe o dia em que Cuba entrará no rol dos países industrializados.

DIREITO À MORADIA

Antes da Revolução, os trabalhadores eram obrigados a pagar até 60% de seus ingressos como aluguel para viver em miseráveis casebres e ranchos. Agora, esse quadro modificou-se. Em fevereiro de 1960, foi publicada uma Lei baixando os aluguéis em 30%, e, posteriormente, o Governo sancionou a Lei da Reforma Urbana, que proíbe os contratos de aluguel, acabando assim com os locadores de imóveis, de vez que somente o Estado pode construir e alugar casas. A lei estabeleceu que todos os inquilinos passassem a ser proprietários das casas em que residem, amortizando o valor das mesmas em 5 ou 20 anos. As casas construídas até 1940 serão amortizadas até 5 anos e as demais, de construção mais recente, serão amortizadas numa escala que vai de 5 até 20 anos.

Com a Lei da Reforma Urbana, só foram prejudicados os grandes proprietários de imóveis, que faziam disso uma indústria rentável à custa do povo. Pela Lei, todo proprietário que percebia de aluguel até 600 pesos, continuará a perceber essa quantia, e todos aqueles proprietários que recebiam de aluguel até 150 pesos continuarão a receber essa importância e mais 150 pesos mensais que, como abono, lhes são dados pelo Governo Revolucionário em caráter vitalício. Somente os proprietários que recebiam acima de 600 pesos mensais são os «prejudicados». Estes continuarão a receber somente 600 pesos e o resto vai para as mãos do governo. Assim, os pequenos proprietários foram beneficiados, os médios nada perderam, os inquilinos adquiriram a possibilidade real de tornar-se proprietários de suas casas e o governo recolhe, do que ultrapassa os 600 pesos, uma quantia de 7 milhões de pesos mensalmente, importância que se destina totalmente a novas construções de casas residenciais. Acabaram-se os privilégios e passou a imperar a justiça com a Lei da Reforma Urbana.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

O ódio de raças foi introduzido em Cuba pelos imperialistas norte-americanos e afirmado pelos latifundiários e grandes capitalistas cubanos. E isso numa Nação em que a maioria da população é composta de negros e mestiços. A discriminação racial era uma arma nas mãos das classes dominantes para dividir o povo e mais facilmente dominá-lo e explorá-lo. Sua base econômica e política estava no império do latifúndio e da dominação dos trustes internacionais. O negro e o mulato eram considerados uns párias, não podiam freqüentar as praias nem aproximar-se dos hotéis construídos pelos americanos para desfrute deles e de seus locais cubanos. A Revolução, ao romper o jugo do opressor estrangeiro e ao modificar a estrutura econômica do país, criou a base econômica e política para a rápida superação, não só na prática, o que já foi conseguido, como também na consciência dos homens, da ideologia imperialista e obscurantista da discriminação racial. Todos compreendem que: «Não há ódio de raças porque não existem raças». Todos compreendem agora as causas profundas da segregação das raças e que, como disse Martí:

«Hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro. Diga-se hombre y ya se han dicho todos los derechos».

AMIGOS E INIMIGOS

O povo cubano, em sua marcha, aprende a conhecer quem são os amigos da Revolução. E torna-se cada dia mais evidente que o principal inimigo da Revolução cubana como da luta libertadora de todos os povos, que o inimigo principal da paz, é o imperialismo, principalmente o norte-americano; que inimigos da Revolução Cubana, como de todos os povos, são as classes dominantes do mundo capitalista, os latifundiários e os milionários. Todos compreendem que o amigos da Revolução Cubana são a União Soviética, a China Popular e todo o campo socialista; que são seus amigos os povos de todo o mundo que lutam pela sua libertação nacional e social. Todos compreendem que os amigos do povo cubano formam um exército formidável e que, por isso mesmo, a Revolução Cubana é invencível. Que nas mãos dos amigos do povo cubano está o futuro do mundo. E torna-se claro para todos que enquanto o imperialismo ianque está representado por uma águia com as unhas gastas pela rapina, que, ferida de morte, extertora no ar, prestes a precipitar-se no abismo, o socialismo, como a aurora ao romper do dia, estende cada vez mais seu manto de luz sobre os operários, os camponeses e sobre toda a humanidade progressista, iluminando não somente os objetivos futuros, mas também o caminho presente para chegarmos até ele.

Sim, vivemos na grande época da transição do capitalismo ao socialismo. Novas perspectivas de êxito se abrem a todos os povos que lutam pelo progresso. Os imperialistas já não detêm o monopólio da exportação de máquinas, da ciência, da técnica e dos capitais. Já não podem ditar sua vontade aos povos. E Cuba representa a nova comprovação desta assertiva. Quando os imperialistas pretenderam afoagar economicamente a Revolução, negando-se a comprar o açúcar, a fornecer petróleo, etc., o campo socialista comprou todo o açúcar disponível, enviou e continua a mandar todo o petróleo necessário. O total de empréstimos concedidos a Cuba pelos países socialistas, a somente 2% de juros, e para ser amortizado em 14 anos, ultrapassa 300 milhões de dólares. Somente a China Popular concedeu um empréstimo de 140 milhões de dólares, sem cobrar nenhum juro. A União Soviética, a pedido do governo de Fidel Castro, continua a enviar empresas industriais e técnicos para Cuba. Acima de 1000 cubanos estudam nas Universidades da União Soviética, sem

nada pagar, e dentro em pouco voltarão formados para ajudar na construção social interna. E tudo isso sem exigências políticas de qualquer natureza, na base da aplicação dos princípios do internacionalismo proletário, que presidem as relações entre os países socialistas. E é por isso que nas ruas, em toda a parte, ouvimos o povo cubano cantar:

«Russia nos dá
Los yanques nos quita
Y es por eso
que estamos con Nikita.»

E é por isso que o povo cubano canta alegremente:

«Somos socialistas,
Palante y palante,
Y al que no le guste,
Que tome purgante.»

DEMOCRACIA

Quanta calúnia, quanta tinta, quanto papel, não gastaram e continuarão a gastar os imperialistas para denegrir a Revolução Cubana. Acusam Fidel Castro de ditador, etc. E quem assim fala são os mesmos que sustentaram a ditadura de Fulgencio Batista com seus 20 mil fuzilados. Quem assim fala são os mesmos que sustentam as famigeradas ditaduras fascistas de Franco, na Espanha, e de Salazar, em Portugal. E isso se compreende. Essas ditaduras estavam e estão a serviço do seguro da «liberdade» para os latifundiários continuarem a explorar os camponeses, da «liberdade» para as classes dominantes prenderem e fuzilarem operários e patriotas, da «liberdade» para uma minoria de ladrões continuar a saquear impunemente a maioria do povo. Essa é a liberdade que defendem os imperialistas ianques. Essa é a liberdade que pretendem ver restabelecida em Cuba. A liberdade que pregam é a liberdade para os parasitas, para os tubarões, para os saqueadores da economia popular. Essa liberdade que defendem é a liberdade imperialista e burguesa, que significa opressão, miséria, cadeia, exploração para os trabalhadores e o povo em geral. É a liberdade da minoria contra a maioria, dos que gozam a vida contra os que a produzem. É a liberdade para os que se apropriam dos frutos do trabalho alheio continuarem impunemente a fazê-la. Essa liberdade que exigem os imperialistas, os latifundiários, os milionários, os parasitas, não existe em Cuba. Em Cuba não existe liberdade para a contra-revolução. E por isso essas forças têm o direito de espernear.

A liberdade e a democracia que existe em Cuba são aquelas que permitem que a maioria do povo governe e que os interesses dessa maioria sejam defendidos. A democracia que existe em Cuba é aquela em que os operários têm assegurado o direito ao trabalho, em que os camponeses recebem a terra, é aquela liberdade em que os filhos dos operários e dos camponeses recebem educação, em que os brancos e os negros têm igualdade de direitos e em que a mulher adquire a plena igualdade civil, social e política. A democracia que existe em Cuba é aquela, verdadeira democracia, que não vacila em dar armas para os operários, para os camponeses, para as mulheres e para os estudantes, a fim de que possam defender eficientemente essa liberdade, lutar e defender seus próprios interesses.

Essa liberdade do povo para o povo, dos humildes e para os humildes, não pode, como é natural, deixar de ser uma férrea ditadura para os imperialistas, para os latifundiários, para os poderosos, para os parasitas, para a contra-revolução interna e externa. A democracia que existe em Cuba sendo para defender a Nação é, simultaneamente, uma ditadura voltada contra as forças que representam a antinacão. É uma democracia que atende aos interesses de todo o povo cubano e, principalmente, da classe operária e dos camponeses, pois como disse Fidel Castro:

«Los obreros y campesinos están muy claros, como también en los sacrificios, están a la vanguardia».

A reação imperialista procura mistificar os povos, alegando que em Cuba não existe democracia porque ainda não se realizaram eleições. Mas, vejamos. No Brasil, há anos que, sistematicamente, se realizam eleições. No entanto, os camponeses têm liberdade, como existe em Cuba, para tomar a terra dos latifundiários, para apossar-se das mesmas? Não. Os operários e os camponeses, as mulheres e os estudantes, têm o direito e a possibilidade, como existe em Cuba, de armar-se, ajudados pelo governo, a fim de fazer valer os seus direitos? Não. Nosso povo pode dar-se ao luxo de sonhar com erradicar o analfabetismo no prazo de 1 ou 2 anos, e contar para isso com a ajuda do atual governo? Não. Nosso povo pode esperar do atual governo uma Reforma Urbana, como a que foi feita em Cuba e que, entre outras coisas, reduza em 50% todos os aluguéis? Não. E quantas questões mais poder-se-iam levantar para pôr em relevo o contraste entre a atual democracia presidencialista existente no Brasil e as vantagens para as massas da democracia verdadeiramente popular existente em Cuba?

É claro que não faltarão imbecis para contra-argumentar: «Tudo isso é verdade, mas os operários cubanos (armados), não têm o direito de fazer greve.» Neste caso, só nos resta dizer: ponham nas mãos de cada operário, de cada camponês, de cada estudante, de cada mulher brasileira, um fuzil ou uma metralhadora e depois, se puderem, tentem impedir a realização de greves ou de eleições contra a vontade do povo. Poderão ver o que acontece. Isto é, se sobrarem com vida.

Outras pessoas, mistificadas pela propaganda imperialista, dirão: «Mas, Fidel Castro transformou Cuba em acampamento militar». E daí? Isso fere o sagrado princípio da liberdade e da democracia? A questão não consiste somente nas armas, mas, a serviço de quem funcionam essas armas. Em Cuba as armas estão a serviço do povo que se organiza em milícias. Operários, camponeses, jovens, mulheres, profissionais, comparecem voluntariamente, aos

Centros de Treinamento Militar, para aprender a manejar as armas e a lutar. As milícias são o povo armado e junto com o Exército Rebelde, que também surgiu do povo, adestrem-se para defender as conquistas da Revolução e o território nacional, contra qualquer agressão estrangeira.

O acerto dessa política do governo revolucionário foi comprovado por ocasião da invasão dos gusanos, que, treinados, superarmados e orientados pelo Pentágono, tentaram invadir Cuba por Praia Larga e por Praia Girón. Todo o povo levantou-se como um só homem e, unido ao Governo Revolucionário, esmagou-os em apenas 72 horas.

Sim, o povo cubano está armado. E se isso causa tristeza aos imperialistas e aos seus agentes de todos os matizes, a nós alegra e dá-nos a certeza de que o barco da Revolução Cubana tem no leme um bom timoneiro. Não há força capaz de vencer a Revolução Cubana. O povo está alerta, unido em torno de seu Governo e com uma única consigna: «Pátria ou Morte» e com a segurança de que «VENCEREMOS».

NO LOCAL DOS COMBATES

Após despedirmo-nos dos brigadistas, nos dirigimos para a «Ciénaga de Zapata», local dos combates entre os mercenários enviados pelo presidente Kennedy, e as forças revolucionárias de Cuba. A 30 quilômetros da Praia Girón, paramos na «Laguna del Tezoro», onde almoçamos. É um lugar pitoresco, tem um restaurante de estilo indígena, uma criação de 2 mil crocodilos, e um colorido jardim, no qual vicejam as mais variadas flores e folhagens. Aqui, começamos a ver os vestígios dos combates. Os mercenários tentaram destruir esta vila. Crateras das bombas, lançadas pelos aviões americanos, continuavam abertas sobre o solo, bastante próximas do restaurante. Adiante, passamos por Jaguey Grande e pela Usina de Açúcar «Australía». Tanto a cidade, como a Usina foram, também, bombardeadas sem êxito pelos mercenários.

Ao entardecer, chegamos à Praia Larga e à Praia Girón, situadas na Baía de Cochinos e por onde desembarcaram os mercenários contra-revolucionários. Na Praia Girón, situa-se uma pequena vila construída pelo Governo Revolucionário. Aqui os combates foram mais violentos e muitas casas permaneceram destruídas. Ao terminar a batalha, centenas de cadáveres jaziam sobre a praia. Tivemos sorte. Na noite anterior, 4 mercenários tinham sido aprisionados e estavam no interior de uma das casas. A convite do tenente, comandante do destacamento, conversamos com eles. 3 são jovens e 1 mais idoso. Os 4 nos declararam que se encontravam na Califórnia sem emprego quando foram recrutados e mandados para um campo de treinamento na Guatemala, no qual, sob o comando de oficiais americanos, adestram-se no manuseio das armas e na faina da guerra. Posteriormente, foram enviados para Puerto Cabezas, na Nicarágua, de onde partiram para a maldada invasão do território cubano. Os 4 procuravam apresentar-se como vítimas dos americanos. Afirmaram que haviam sido enganados, que lhes disseram não haver necessidade de combater e que, com o desembarque, o povo levantaria-se contra o governo de Fidel Castro e eles apenas fariam um passeio militar até Havana, onde seriam triunfalmente recebidos. Que agora deram-se conta do erro cometido, mas que esperam benevolência de Fidel Castro. Tive a impressão que não falavam toda a verdade e de que, cínicamente, apenas manobravam visando salvar suas vidas. Em todo caso, a Revolução os tratava bem. Foram aprisionados em um estado físico calamitoso, famintos, seminus, sujos e postados de joelhos a gritar que não os matassem. Toda a altanaria de «super-man» que os americanos lhes haviam incutido, rolara nas areias da praia sob os golpes do exército e da milícia revolucionária. E com essa altanaria rolou também o plano concebido pelos obtusos estrategistas do Pentágono.

A Região em que se encontra a «Ciénaga de Zapata», escolhida para o desembarque, oferecia uma série de vantagens para os mercenários. Apenas por 4 vias pode-se penetrar nessa região. O resto é um pantanal intransitável. No interior da Região existe um aeródromo em boas condições de funcionamento. O plano imperialista consistia em ocupar a região, fechar as 4 vias de acesso, proclamar em terra cubana o governo «revolucionário» de Miró Cardona, que, «naturalmente» seria logo reconhecido por 3 ou 4 governos de nações centro-americanas e pelo próprio Estados Unidos. A cabeça de praia, consolidada, permitiria o desembarque de mais e mais armamentos e de novas tropas, e a utilização do aeródromo possibilitaria levar a efeito uma guerra prolongada de desgaste contra o povo cubano. E quem sabe se, passados alguns dias, não poderiam, a exemplo do que fizeram no Congo, utilizar as Nações Unidas para derrotar, mesmo que temporariamente, a Revolução.

Mas, a vida escreve a história por vias transversas. Como Hitler quando invadiu a União Soviética, também os estrategistas americanos traçaram um bonito plano, que funcionaria maravilhosamente bem, se do outro lado não houvesse contra quem lutar, um adversário aguerrido e atuando sob a orientação de planos de lavra própria e com os seus próprios comandos. Hitler, entre seus amigos, dizia: «Ah, se não existissem os planos soviéticos, seus comandos e sua formidável resistência! Que feil seria tudo!» E o mesmo devem dizer agora os generais ianques. Tomaram seus desejos como sendo realidade e esta lhes pregou uma boa peça. Além da condenação unânime de todos os povos, os agressores norte-americanos são obrigados a ouvir em silêncio, com o rabo entre as pernas, o gargarhar de seus próprios aliados. 1200 gusanos (mercenários) aprisionados, os demais mortos em combates, 5 navios afundados, 6 caminhões e 5 tanques destruídos, 16 aviões derrubados, 700 toneladas, milhares de granadas, centenas de metralhadoras e de fuzis, toneladas de munição e 6 milhões pesados, apreendidos pelas tropas revolucionárias, atestam a

fragorosa derrota sofrida pelos invasores e explicam a histeria que se apossou do sr. Kennedy e Cia. No aeródromo, que tão grandes esperanças despertou nos invasores, vimos o avião B-26, nº 935, no local em que foi derrubado e incendiado. Sobre o solo, o esqueleto de piloto mercenário jaz com um símbolo macabro da derrota daqueles que pensaram um dia poder impor sua vontade pela força ao glorioso povo cubano.

UMA FÁBRICA

Depois de circundar a Serra Cristal, atravessamos a Serra do Escambray, e paramos para almoçar na cidade mais antiga de Cuba — Trinidad. Ainda nesse dia, chegamos à cidade revolucionária de Cienfuegos, onde nos hospedamos no Hotel Jaguey.

No dia seguinte, após passar na Clínica de Santa Clara, para visitar um companheiro de excursão que adoecera paramos na cidade de Cruce para visitar uma fábrica de madeira de bagaço de cana, que fôra siquitrilhada (nacionalizada) pelo Governo Revolucionário de seus antigos proprietários norte-americanos. Aqui, assistimos a todo o processo de produção de madeira, desde o processo químico natural de purificação do bagaço, que é separado do açúcar que lhe resta, até sua transformação em tábuas de 1/4 até 2 polegadas de espessura. A produção diária da fábrica é de 50 toneladas e nela trabalham 450 operários. Ao bagaço da cana é adicionado, entre outras coisas, resina sintética aglutinante e cera para impermeabilizar a madeira. Os operários, em assembleia, mudaram o nome da fábrica para «Mártires de Girón», numa sentida homenagem aos heróis que recentemente caíram na luta contra os mercenários.

Quando aos salários, um operário técnico ganha 7 pesos e 25 centavos por dia, seu ajudante 5 pesos e 94 centavos e os operários não especializados 4 pesos e 25 centavos (deve-se ter em conta que o peso cubano está ao par com o dólar americano). Antes todos percebiam menos. Além disso, a fábrica mantém, gratuitamente, o «CENTRO ESCOLAR OBRERO DE CAPACITACION TÉCNICA Y SEGURIDAD INDUSTRIAL», que funciona em três turnos. Também existe uma biblioteca, uma escola primária e, atualmente, se constrói um campo para prática de esportes. Além disso, os trabalhadores beneficiaram-se das vantagens proporcionadas pela Lei da Reforma Urbana. Todos vivem felizes e uma preocupação dos trabalhadores consiste em encontrar os meios adequados para aumentar e melhorar a produção na certeza de que todo progresso alcançado reverterá em benefício deles próprios.

Como se sabe, o açúcar continua sendo a principal produção de Cuba. No entanto, essa situação é temporária. A diversificação da produção verifica-se a ritmo acelerado. Da própria cana, os cubanos extraem o açúcar, o álcool, a cera, fazem torta para a alimentação do gado, papel, madeira, utilizam o bagaço como adubo e ainda, como combustível. Como se vê, tudo é aproveitado. A madeira de bagaço é utilizada para confecção de móveis, para o revestimento interior das casas e na indústria de casas pré-fabricadas.

Os operários estabeleceram voluntariamente, um compromisso entre si: o de tudo fazer para que o coletivo da fábrica conquistasse um lugar de honra entre os vanguardeiros da GRANDE BATALHA DA PRODUÇÃO.

Retiramo-nos. Num quadro artisticamente exposto na fachada da fábrica vemos um dístico onde se lê:

«La Industrialización del País es la base de la erradicación del atraso, del obscurantismo, de la miseria. La industrialización es la base de la cultura, del progreso y del bien estar del Pueblo.»
«Palante compañeros!»

EM SANTIAGO

Deixando para trás as cidades de Saint-Sprit, Olguin, Camaguey e diversas outras cidades e vilas, entramos na região da Serra Maestra, onde está situada a cidade de Santiago, à qual chegamos à noite.

No dia seguinte, visitamos um Centro de Alfabetização e de Formação Militar das Milícias. 300 milicianos transformam-se em peritos para a Exploração Combativa. Aqui, além da instrução militar adequada, todos aprendem a ler e recebem educação política para saber porque lutam. Todo o acampamento foi construído pelos próprios milicianos com madeira, barro e palha da própria região. Aliás, esta é a principal característica da Milícia e do Exército Revolucionários. Não são simples profissionais das armas, não constituem uma elite incrustada na sociedade a sugar o povo, como acontece em outros países. Além da faina militar, dedicam-se à construção de casas, de estradas, de escolas, de fábricas, ajudam os camponeses a cortar a cana, a realizar o plantio e a colheita e a transportar os produtos. São no fundamental, exércitos e brigadas de trabalho, de construtores de nova economia e da nova sociedade.

Mais adiante, entramos noutra «Centro de Ensino do Exército». Este, melhor organizado. Todo o batalhão era, inicialmente, composto de analfabetos. Após 8 meses de caserna, todos sabem ler e escrever. Aqui, apreciamos o processo de transformação do camponês num soldado apto para a guerra moderna. Vimos Companhias formadas com camponeses que apenas há uma semana ingressaram no Exército. Adiante, outra Companhia com mais de 3 meses de treinamento e, ainda, outra Companhia já completamente instruída. Assistimos com que paciência e carinho os instrutores militares e os alfabetizadores exercem seus misteres, e como são correspondidos, nesses esforços, pelo camponês-soldado.

Despertou a nossa curiosidade um gafôto que, com garbo marcial, fazia ordem-unida no pátio do acampamento. Aproximamo-nos e lhe perguntamos:

— Como te chamavas?
— Reginaldo Rubio.
— Que idade tens?
— 12 anos, por quê?
E o gafôto nos olhava com um ar de desafio. Continuamos com as nossas perguntas:
— Que achas das coisas de vir para aqui?
— Estou va.
— Estás sozinho neste acampamento?
— Não. Aqui há dois rapazes são meus irmãos.
— E teu pai, está em casa?
— Não. Está num acampamento de milicianos na cidade de Cienfuegos.

— E tua mãe, onde está?
— Em Havana.
— Sózina?
— Sim.
— E que diz ela sobre a situação em que se encontra, longe de seus filhos e de seu marido?
E o gafôto sorriu e respondeu:
— Ora, pra mãe não tá tudo está claro...

Desviamos nosso olhar, de certa forma envergonhado com a pergunta que fizemos, e ocupamos com um cariz cuja legenda dizia:

«El sentido de la consigna Patria o Muerte! quiere decir que a cualquier costo se importa morir para que la patria viva».

A tarde, visitamos a «Escola de Instrução Revolucionária», do Movimento 26 de Julho, que funciona nos arredores de Santiago, numa das inúmeras e faustosas residências do sr. Baccardi, antigo magnata, que detinha o monopólio da produção, da distribuição e venda de bebidas sob o reinado sangrento de Fulgêncio Batista. Nessa escola, estudavam no momento 600 alunos, dos quais, 114 mulheres. A duração do curso é de 3 meses e 15 dias. É um curso de preparo teórico, político e militar. Entre outras matérias estudam:

- 1 — economia política marxista
- 2 — os fundamentos da filosofia marxista
- 3 — as experiências e a história da revolução cubana
- 4 — a questão agrária
- 5 — a história do Partido Socialista Popular.

Os alunos são organizados em esquadrões e pelotões, e no transcurso do estudo todos devem escalar 4 vezes o Pico Turquino, que é o mais alto da Serra Maestra, com 2.200 metros. Quando da invasão dos mercenários, os alunos trocaram os livros pelos fuzis e seguiram para o campo de luta. Agora, retomaram os estudos.

Durante a permanência na escola, os alunos ficam internados, ganhando o mesmo salário que percebem quando na produção. Enfim, são pagos para estudar sem ter preocupações.

No dia seguinte, visitamos diversos balneários. Travamos conhecimento com a cidade. A tarde almoçamos com Raul Castro e com sua esposa. Terminado o almoço e a troca de impressões, a seu convite fizemos uma excursão de lancha, e visitamos o petroleiro soviético «Djersinsk», ancorado nas cercanias de Santiago. Voltamos ao hotel para jantar novamente em companhia de Raul e da esposa. Foi um dia bastante útil, não só pelo que assistimos, como também que aprendemos com a experiência da revolução cubana, transmitida de viva voz por um dos seus principais artífices — Raul Castro. Conversamos, também com os portuários de Santiago. Pudemos notar que nessa cidade o ódio aos imperialistas yanques é muito acentuado. Perguntamos a causa e um portuário nos respondeu: «os imperialistas norte-americanos nos impuseram 53 anos de opressão. Durante 53 longos anos os gringos nos discriminaram, oprimiram, exploraram, pisotearam sobre nossos direitos de cubanos. Isso explica nosso ódio incontido contra eles». E outro portuário acrescenta: «Os gringos ironizavam nosso atraso. Eles não compreendiam que o que nos faltava em conhecimentos nos sobrava em consciência socialista».

Ao amanhecer do dia 15, abandonamos Santiago e nos dirigimos no sentido de Havana. Mas, antes de dar por terminada a nossa excursão, ainda tínhamos todo um programa de visitas a cumprir.

UMA GRANJA

Na caminho paramos para visitar a «Granja do Povo Capitão Emiliano Reyes». Essa granja fôra um antigo latifúndio de terras inaproveitadas, cobertas por «marabús». Agora constituiu-se num grande plantio de algodão, de feijão, de batatas, de verdura, de tomates, etc. Mas, a especialidade desta granja é a criação de galinhas. Antes da Revolução, inclusive a carne de galinha era importada dos Estados Unidos. Agora, somente nesta granja, em 12 enormes pavilhões, vemos 120 mil pintos. Esses pintos são vendidos pela granja quando alcançam o peso de 3 a 3 libras e meia, o que acontece em três ou quatro semanas. É uma granja em processo de formação. Nela trabalham 150 pessoas que ganham 100 pesos mensais, têm casa, luz, querosene e escola gratuitamente. Recebem gratuitamente também o remédio, quando estão doentes, e a visita semanal de um médico.

Falamos com os granjeiros. Todos estão contentes e traçam planos que visam, dentro de pouco tempo, transformar a granja numa Granja Modelo, de alta rentabilidade. Todos têm confiança em que o governo revolucionário não lhes faltará com o auxílio necessário para tornar realidade esse «desideratum».

UM BATALHÃO DE MULHERES

No sopé da Serra Maestra, estivemos junto a um tanque de Batista, destruído pelas forças guerrilheiras de Fidel Castro quando, baixando a Serra, iniciaram a ofensiva final que terminaria em Havana com Cuba libertada. Adiante, visitamos o «Batalhão Mariana Gagli». Esse batalhão foi fundado na Serra, ainda por ocasião da luta de guerrilha. Um grupo de mulheres juntou-se às tropas de Fi-

del Castro. No início, batiam-se com os soldados e dos feridos, na coluna, do rádio, faziam o serviço de enfermeiras e de auxiliares agrícolas, etc. de guerrilha. Em diversas ocasiões, premiadas pelas bravas mulheres, foram de lutar de armas nas mãos. E não o fizeram mal. Diante disso, Fidel resolveu organizar um batalhão de combate com aquelas bravas mulheres que a tudo vinham ressaltando na Serra Maestra. No início, a unidade se compôs com 21 voluntárias. Depois aumentou para 43, posteriormente, suas fileiras foram engrossadas com mais 63 novas recrutas.

Esse batalhão de veteranas teve muitas baixas durante os combates na Serra. Entre as que cairam, todas as atuais componentes da unidade recordam com particular saudade a Lydia Doce e a Clodomira Ferrari. A primeira caiu em combate na Serra e a segunda fôta prisioneira pelas hostes de Batista e afogada. Foram das primeiras a chegar na Serra e se tornaram como irmãs mais velhas para as que vierem depois.

Aqui conhecemos Olga Guevara, primeiro tenente do Exército Revolucionário e comandante do batalhão. Ainda é uma bela mulher, não obstante refletir no seu rosto, como num espelho, as agruras dos combates travados e a dor de quem muito sofreu vendo cair no campo da luta seus melhores companheiros. Nasceu em Niquere, povoado próximo das «Ondas Vermelhas», por onde desembarcou Fidel. Antes da Serra, estudava em Havana. Agora, continua no comando da unidade, que se cobriu de glória na Gesta dos gigantes da Serra Maestra. Com a vitória da Revolução, muitas antigas combatentes dedicaram-se a outras tarefas. Em compensação o batalhão cresceu e, agora, sem descuidar o treinamento militar, suas componentes jogaram-se de corpo e alma na Campanha Nacional de Alfabetização.

Retiramo-nos. Olga Guevara de pé, diante do alojamento, agita seu lenço branco. Acima de sua cabeça um belo dístico que diz:

«Não só vencemos como também adoçamos as amarguras do povo com o açúcar da liberdade».

DISCÍPULOS DE MAKARENKO

Chegamos à «Cidade Escolar Camilo Cienfuegos», totalmente construída depois da Revolução. Situa-se em plena Serra Maestra, no município de Manzanillo, no qual residem 250 mil analfabetos e 10 mil semi-analfabetos. Nesse dia, havia grande movimentação na cidade escolar devido a que a mesma estava sendo visitada por 800 normalistas de todo o país, que estão terminando o curso na cidade próxima de São Lourenço. A Revolução já construiu na Serra 1700 escolas e 17 hospitais, bem como uma série de vias de comunicações. E isto em apenas 2 anos.

A cidade escolar nos faz recordar a «Colônia Gorki» de Makarenko, e a obra que aqui se realiza nos lembra o «Poema Pedagógico». Sim, os cubanos estão também criando na prática o seu Poema Pedagógico. A cidade escolar foi planejada para alojar 20 mil alunos, que irão substituir os 20 mil fuzilados pela tirania de Batista. Deverá alojar ainda a 6 mil empregados. Atualmente, a Cidade conta com 16 escolas, 16 casas para os professores, 15 grandes dormitórios para os alunos, e uma dezena de casas para os funcionários da Cidade, para o estudo dos alunos, etc. Tem uma confeitaria, uma farmácia com consultório médico, um cinema, um campo de esporte, uma central elétrica, um restaurante, etc.

Os alunos se autodirigem através dos coletivos eleitos por eles próprios. Todas as questões são resolvidas pelo que chamam de «Cooperativa de Alunos». O comandante e a direção da Cidade somente intervêm na vida dos alunos a pedido destes ou quando o interesse coletivo o exige. Assim, os próprios alunos se governam. Atualmente, o corpo de alunos já está composto por 1700 jovens. Estudam no nível de curso primário. Posteriormente, os que tiverem vocação e vontade continuarão seus estudos, em outro lugar, até formarem-se em nível superior. O objetivo essencial da Cidade Escolar atualmente é formar rapidamente 20 mil alunos com o curso primário completo para que estes ajudem a tirar do obscurantismo a população da Serra Maestra.

Além do estudo das diversas matérias, os alunos, organizamos em brigadas, tratam e resolvem todos os assuntos da produção e do abastecimento da Cidade Escolar. Tudo é feito pelos alunos, com exceção da lavagem da roupa e de cozinhar. Eles preparam a terra, plantam, colhem, tratam do gado, dos porcos, e das galinhas. Têm suas próprias barbearias. Enfim, quanto à alimentação e aos serviços, quase nada vem de fora, pois produzem de tudo. Para 1700 alunos, a produção de leite é de 16000 litros por semana.

A Cidade Escolar não tem verba consignada no orçamento estatal. Vive à custa dos próprios ingressos e de doações que os órgãos estatais, empresas, etc., com o consentimento e o estímulo do governo, lhe fornecem de seus ingressos sobranes. Agora, vão instalar uma fábrica de calçados, outra de conserva e de embutidos.

Os primeiros alunos aceitos pela cidade escolar foram as vítimas da guerra civil e da tirania de Batista e somente depois começaram a receber outros alunos. No regime estabelecido todos são iguais, não há privilégios. Os erros e exageros se corrigem no coletivo à base da discussão e do emprêgo da crítica e a autocrítica. As famílias dos alunos podem visitar seus parentes sempre que quiserem. Na Cidade Escolar impera a organização e a disciplina. Entre outros, funcionam os seguintes departamentos: de administração, do pessoal, de arquitetura, de contabilidade, de construção de viviendas, de produção, de pecuária, técnico-tipográfico, etc.

Os alunos têm seu próprio jornal. A Cidade Escolar «Camilo Cienfuegos» é a primeira experiência. A Revolução pretende construir dez cidades idênti-

cas nas Serras do Escambray e do Cristal, assim como em outros lugares.

Aqui, vimos materializado muito do que lemos nas obras de Makrenko. Os idealizadores da Cidade Escolar inspiraram-se na obra do eminente mestre soviético.

Almoçamos com a garotada. Tu lo fizeram para nos reter a fim de participarmos da festa dos alunos que teria início às quatro horas da tarde. Com tristeza tivemos que nos retirar, pois nosso tempo estava limitado.

MANZANILLO

As quatro horas da tarde entramos na cidade de Manzanillo e fomos diretamente para a «Cidade dos Pescadores». Ao lado da velha cidade, a beira-mar, surge uma nova. E a cidade dos pescadores, 509 casas já estão acabadas e a 26 de julho serão entregues aos pescadores, inteiramente mobiliadas. As casas têm sala, dois quartos (algumas com três quartos) cozinha e banheiro completo. Entramos em várias dessas casas. A mobília é boa. Muito pequeno e até médio burguês no Brasil não possui igual. As 509 casas foram construídas obedecendo a um plano de urbanização de forma que tudo vai tomando os contornos de uma grande cidade em perspectiva. Estão construindo um hospital, um teatro, um centro escolar com 20 auditórios, um supermercado, duas farmácias, um campo para prática de esportes, uma pista para patinar, diversos jardins e parques.

Os pescadores estão organizados na cooperativa «Comandante Manuel Fagundes», nome do médico de Fidel Castro, morto em ação. A cooperativa foi fundada após a Revolução. Congrega atualmente 400 pescadores. É orientada pelo Departamento de Pesca. No início, não funcionava bem. O INRA teve de intervir para reorganizá-la. Havia muitos erros, muitas dívidas, mas o INRA lhe deu a base para livrar-se das dificuldades e funcionar. Pagou-lhe as dívidas e lhe deu a base econômica indispensável.

A cooperativa oferece uma série de vantagens para os pescadores. Antes, estes estavam submetidos aos intermediários de Havana e de outras cidades. Os intermediários faziam os preços variar a seu talante. Antes, quando o intermediário tinha interesse, negava-se a comprar o peixe e o pescador tinha de vendê-lo diretamente num mercado já tomado por aquele. Agora os preços estão estabilizados e o pescador está seguro. A cooperativa tem seu próprio frigorífico e atua em coordenação com os frigoríficos de Camaguey, Havana e de outras cidades. Os pescadores, através da cooperativa, contam com 16 barcos modernos, construídos pelo INRA, e estão esperando a entrega de mais 7. A cooperativa tem um prazo razoável para amortizar o valor dos barcos recebidos. Todo o interesse dos pescadores consiste em pagar rapidamente os barcos para possibilitar ao INRA a construção de outros. As 509 casas já construídas e que serão entregues à cooperativa superam o número de pescadores a ela filiados. E assim inicia-se a corrida dos pescadores para também ingressarem na cooperativa.

Conversamos com diversos pescadores. Geraldo Batista fala: «Além das vantagens já conhecidas, devo dizer que antes, quando o tempo não permitia a saída para pescar, passávamos fome. Agora, a cooperativa fornece uma diária nos dias em que o pescador, por um ou por outro motivo, não pode pescar. Pelo peixe que antes o intermediário nos pagava a 40 centavos a libra, hoje recebemos 65 centavos, pelo que nos pagava 15 centavos, hoje recebemos 38 a 40 centavos, e assim por diante. E o preço do peixe para o consumidor não aumentou, pois o governo apenas cortou nos lucros do intermediário.» Outro pescador, Francisco Figueiredo, disse: «Meu avô foi pescador, meu pai também, eu sou pescador há mais de 20 anos. Nunca tivemos a oportunidade de adotar outro meio de vida. Agora tenho até dois filhos estudando em Havana por conta do governo revolucionário.» E, pensando que falava com jornalistas, disse: «Escrevam que os pescadores de Manzanillo estão e sempre estarão com o governo revolucionário de Fidel Castro.» Nós também ficamos convencidos de que os cubanos estão com a Revolução. Que jamais recuarão. Como disse Fidel Castro:

«Para traz nunca, Ni para cojer impulso.»

CAMAGUEY

Nesta cidade, capital do Estado do mesmo nome, fomos recebidos oficialmente pelo Governo. Em homenagem à delegação, na qual tomávamos parte, foi realizado um banquete no antigo «Iate Club de Camaguey», hoje «Centro Social Operário». Participaram todos os dirigentes do Estado e das organizações sociais e militares, a partir do Comandante do Exército e das Milícias — um rapaz com 24 anos de idade.

A seguir, realizamos uma visita à Granja do Povo, que tem o nome de Ignacio Agramonte, posto em homenagem ao valoroso general, que lutou, em 1868, na Guerra de 10 anos, pela independência nacional de Cuba. Aqui, visitamos as novas construções de casas e outras obras sociais.

A existência apenas 2 anos decorridos desde a vitória, das Granjas do Povo, revela a profundidade que a Revolução adquiriu. As Granjas do Povo são uma forma de propriedade de todo o povo sobre os meios de produção e sobre os produtos. As Granjas são dirigidas pelo Estado. Para constituir-las, o INRA ocupou todas as terras dos latifundiários. A primeira etapa na atividade do INRA foi a da conquista do latifúndio. Isto é, a etapa da nacionalização dos latifúndios. Ninguém hoje, em Cuba, pode ter mais de 30 «caballerias» de terra.

Termina a fase da conquista do latifúndio, o INRA dividiu sua atividade por três grandes setores, ou partes.

- 1 — que trata das Granjas do Povo
- 2 — A que trata das Cooperativas

3 — A que trata da organização e da produção dos pequenos proprietários agricultores, que possuem a terra na escala de 5 até 30 «caballerias», dedicando especial atenção aos camponeses que possuem até 5 «caballerias».

A Granja que visitamos conta com 1700 «caballerias». É uma unidade econômica. Nele tudo se produz: cana, arroz, tomate, verdura, etc. Cria gado leiteiros e de corte. Na Granja, todos trabalham sob a forma de assalariados, ganhando 3 pesos diários, mais casa, água, luz, escola, médico e remédio, tudo fornecido gratuitamente. E isto é, entre outras coisas, o que diferencia a Granja da Cooperativa. Nesta forma de propriedade, o cooperativista tem de pagar tudo o que recebe, de vez que a Cooperativa não é, ainda, uma propriedade de todo o povo, mas de grupo.

A Granja está dividida em Seções de Produção. Os administradores de cada seção ou departamentos, juntamente com o Presidente, formam o coletivo dirigente da Granja.

Atualmente, essa Granja está obtendo o mais alto rendimento de todos os tempos, já alcançado em Cuba. Em certas zonas da Granja, estão colhendo até 1780 quintais de arroz por «caballerias». Para ter-se uma idéia do significado desse índice, basta saber que a média nacional é de 600 quintais por «caballerias». Na Granja, 30 «caballerias» estão em condições de obter o máximo rendimento o que está permitindo colher uma média total de 1.200 quintais de arroz por «caballerias» nas 200 que estão plantadas com esse produto.

Na província de Camaguey existem 58 Granjas do Povo, com 55 mil «caballerias» e 300 mil cabeças de gado, somente nas granjas. Acima de 2.000 «caballerias» foram semeadas com arroz, 1700 «caballerias» com milho, 8.500 «caballerias» das granjas foram semeadas, o restante da terra ficou como reserva ou para a pecuária que, como se sabe, é desenvolvida pelo método extensivo. Nas granjas, trabalham, normalmente, 15 mil trabalhadores. Na época da colheita esse número aumenta. Antes, na área territorial ocupada pelas granjas trabalhavam somente 3 mil pessoas. Agora 15 mil trabalham de forma permanente. Os operários que ocorrem ao trabalho, por ocasião da colheita, na medida em que a produção vai sendo diversificada, vão ficando permanentemente nas granjas. As mulheres também são incorporadas ao processo da produção. Começa a construir-se Granjas especiais para a garotada, nas quais estas recebem a comida, têm assistência médica, a educação adequada, a roupa necessária, o calçado, etc. Aliás, é uma preocupação do Governo Revolucionário que as crianças não sofram as dificuldades que, às vezes, um pai irresponsável, que bebe, joga ou gasta indevidamente todo seu ordenado, lhes possa acarretar. Com o sistema de granjas infantis, a garotada não depende dos salários dos pais para alimentar-se, para vestir-se e para educar-se. E assim o salário real dos granjeiros se eleva. As granjas possuem, ainda, suas «Tiendas del Pueblo», onde os trabalhadores podem comprar tudo pelo preço de custo.

Quanto à Previdência Social, na granja do povo existe a aposentadoria por velhice, o salário-doença, a indenização, o auxílio funerário, o auxílio natalidade, a pensão para as viúvas e os filhos menores, etc. A medida em que a granja progride, os salários são aumentados e a Previdência Social ampliada.

Na granja do Estado, trabalha-se somente 8 horas por dia. No entanto, Cuba vive uma situação excepcional, e por isso os operários realizam uma colaboração voluntária, que não é imposta por ninguém e apenas é determinada pelo grau de consciência de cada um. Os operários da cidade, por exemplo, aos domingos, vão voluntariamente para o campo ajudar no corte da cana e em outras tarefas produtivas. Vão ajudar às cooperativas afetadas, etc. É a nova atitude, socialista, dos operários em relação ao trabalho, que vai paulatinamente ganhando a consciência de todo o povo cubano.

O grande problema na agricultura de toda a Ilha é a falta de técnicos. Na Província de Camaguey, existia um Departamento Técnico. Constituiu-se um núcleo de técnicos para atender a tudo e a todos. Mais tarde cada granja possuía seu próprio especialista. Esse núcleo de técnicos reúne-se uma vez por mês para examinar as experiências e divulgar o que surge de avançado. Em cada granja, se estuda a história da luta contra os insetos. Esse sistema vem dando resultado e, às vezes, acontece que para enfrentar com êxito os insetos é necessário mudar a composição dos inseticidas pois os bichinhos, depois de um certo tempo, como que se imunizam em relação ao tratamento anterior e prosseguem sua obra nefasta, apesar dos inseticidas. Por isso, o controle tem de ser permanente e a mudança nas fórmulas realizadas constantemente. Os técnicos apoiam-se nos trabalhadores para desempenhar suas funções. Foi na base de um estudo da história do tratamento aplicado contra determinados insetos e em determinados lotes de terra que se conseguiu melhorar o rendimento da produção de arroz e de outros produtos.

Em Camaguey, existem 168 cooperativas açucareiras, com 120 mil «caballerias», e nas quais trabalham 36 mil cooperativistas, que são os donos das cooperativas. Desses, atualmente, 25 mil trabalhadores dedicam-se ao corte da cana, e os demais à tarefa de diversificação da produção agrícola. Os trabalhadores da cana vão se transformando em agricultores, na medida em que vai sendo superado o caráter monocultor da economia agrícola. Antes não se fazia nada disso. O que caracterizava a situação, antes da Revolução, era o desemprego na entressafra da cana. Agora, o «tempo morto» é substituído pelo tempo de diversificação da produção. E, como são os donos da terra, todos se aplicam no trabalho. Atualmente, em Camaguey, toda a população foi incorporada ao trabalho e, não obstante isso, faltam 12 mil cortadores de cana. Cada cooperativa é dirigida por Conselho de Administração

eleito e composto pelos próprios cooperativistas.

A produção de açúcar, em toda a Província de Camaguey, é de 13 milhões de arrobas de 150 quilos cada uma. Somente no processo da fiação da cana foram economizados 13 milhões de pesos, em relação ao ano passado. Em consequência, cada cooperativista ganhou entre 60 e 80 pesos mais do que no ano anterior, nos quatro meses da safra. Além da diversificação da produção agrícola, que se processa nas cooperativas, estas recebem do governo 60 vacas leiteiras cada uma. Em 16 cooperativas já se atingiu um vulto de produção que permite fornecer um litro de leite por dia para cada criança e nas demais cooperativas meio litro. (Deve-se ter em conta que antes da Revolução, inclusive o leite era importado dos Estados Unidos).

Como se vê, tanto as granjas do povo, como as cooperativas, trabalham à base de planos. Neste sentido, a Junta Nacional de Planificação estabelece metas nacionais, que posteriormente são desdobradas em metas provinciais, locais, por produto, etc. Assim, cada granja, cooperativa ou produtor individual, tem suas próprias metas a alcançar dentro do plano global. E todo o produto resultante do trabalho vai para o Departamento Nacional de Comercialização, que procede à sua distribuição pelos centros de consumo.

Terminada a visita à Granja, nos dirigimos para o antigo «Liceu de Cultura», hoje «Centro Popular de Cultura», a fim de participar num grande ato público que em homenagem à delegação latino-americana se realizou.

No dia seguinte, pela manhã, visitamos a «Escola Provincial de Quadros» que está instalada em um antigo retiro de um burguês, siquitrilhado (nacionalizado). A casa possui 30 quartos, todos com banheiros. Que faria o burguês com tantos quartos e banheiros? Certamente, bacanais romanos. É o que nos informam os companheiros cubanos. Agora, essa mansão transformou-se num centro de educação revolucionária, no qual estudam 72 alunos. O Diretor da escola é um camponês. O sistema, o método e a matéria, são idênticas no que vigora na escola que visitamos em Santiago e da qual já falamos. Estuda-se o marxismo-leninismo. E o mesmo acontece noutra «Escola de Capacitação Política» que a seguir visitamos.

Finalmente, ainda na Província de Camaguey visitamos a granja «Manuel Sangrillí», que é o nome de um mártir da guerra de 1885. A Granja conta com 1150 «caballerias». Produz 3 milhões de dúzias de abacaxis, que é o produto principal dessa granja. Exporta para todos os países do campo socialista. Este ano, já exportaram também para o Canadá: 136 mil caixas com 10 ou 12 abacaxis cada uma. Como as demais que visitamos, a Granja tem ambulatório médico, asilo para os velhos sem família, constrói casas, centros de cultura e de diversões para os granjeiros e mantém escola, etc.

As quinze horas, almoçamos no antigo «Clube dos Caçadores», em Ciego de Avila. No almoço tomaram parte todas as autoridades do Município. Discursos foram pronunciados. Despedimo-nos e seguimos para Havana, onde chegamos às 24 horas do dia 18 de maio. Estava terminada nossa excursão pelo interior de Cuba.

O SOCIALISMO NA AMÉRICA

A experiência da Revolução em Cuba constitui uma nova comprovação da tese leninista que afirma não existir uma muralha chinesa entre a revolução democrática e ant imperialista e a revolução socialista.

A Revolução Cubana, já em processo de desenvolvimento, entrou em ascensão com a ação de um pequeno grupo, que desembarcou na Sierra Maestra. Esse grupo de jovens assimilou rapidamente a ideologia do proletariado. No início dessa ação armada os camponeses constituíram a força principal da revolução. A Revolução desenvolveu-se no início como uma revolução agrária, de vez que a contradição principal entre os imperialistas norte-americanos e a nação cubana não aparecia diretamente em virtude da existência e da atuação da ditadura sangüinária de Batista. A contradição entre o povo e a ditadura de Batista era a mais diretamente gritante. E a luta armada pela derrubada passou a primeiro plano.

O proletariado, no início da fase armada da Revolução, atrasou-se momentaneamente na luta, mas, quando ocupou o seu lugar deu à luta nova composição e conteúdo. Atualmente, predomina na Revolução a ideologia do proletariado e, portanto, sua direção. O proletariado conquistou o seu lugar de vanguarda. Os camponeses, porém, não se atrasam. Sua consciência revolucionária é muito elevada. Marcha em estreita aliança com o proletariado.

O Partido Socialista Popular, o Movimento 26 de Julho e o Diretório Revolucionário, expressando a vontade do povo apoiaram e puseram-se desde o início na vanguarda da Revolução. Essas forças políticas tendem agora para a fusão e para transformar-se num Partido único da Revolução, que se baseará na doutrina científica e imortal do proletariado — o marxismo-leninismo.

Na prática, a Revolução Cubana, após completar o cumprimento da tarefa patriótica consistente em realizar a plena libertação nacional, destruindo o domínio imperialista norte-americano sobre Cuba no terreno econômico, político e no que se refere às relações exteriores e ao comércio exterior; depois de eliminar o latifúndio através de uma Reforma Agrária radical e profunda; depois de assegurar a liberdade e a democracia para o povo, entrou na realização de uma série de ta-

refas socialistas. Entre essas tarefas socialistas as mais importantes e decisivas são a nacionalização das maiores empresas e indústrias, a coletivização do trabalho no campo, e a planificação do desenvolvimento econômico. Em Cuba, a imensa maioria dos trabalhadores da indústria e da agricultura já não trabalham para a empresa privada, para o capitalismo, mas, ao contrário, trabalham para a empresa pública, nacionalizada — propriedade de todo o povo. E é por isso que Fidel Castro pôde proclamar, sem vacilação:

“Companheiros operários e camponeses: Esta é a Revolução Socialista e Democrática dos humildes, pelos humildes e para os humildes”.

Diante dessa obra realizada pelo povo cubano, não podemos deixar de inclinar-nos comovidamente em sinal de agradecimento. A “Pérola do Caribe” adquiriu um novo fulgor. Sua luz passou a iluminar o horizonte do futuro histórico de todos os povos latino americanos.

E se Cuba com apenas 6 milhões de habitantes pôde realizar o que fez, nas barbas do “Colosso do Norte”, que não poderá fazer um povo de 70 milhões como o nosso, no dia em que res vier tomar em suas próprias mãos o destino da Nação brasileira.

É o pensamento que nos assalta já dentro do avião, no momento de iniciar o regresso ao Brasil. Lá fora as milicianas e todo o povo cubano continuam a cantar:

«Palante y palante!»

NOVOS RUMOS

O Futuro é deles

Na Cuba de hoje as crianças têm um futuro diferente daquele que era reservado no regime antigo às novas gerações. As escolas surgem nos milhares, as possibilidades de estudar são dadas peticivamente a todos, o amparo do governo é uma realidade e se verifica em todos os sentidos. As crianças de Cuba, hoje, brincam felizes como essas meninas e meninos filhos de camponeses da cooperativa “Hermano Saiz”.

